

Diário de Lisboa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

PERSPECTIVAS

Não me parece que deem azo a optimismos excessivos (nem mesmo aos optimistas de convicção e hygiene moral como sou e sempre fui) as previsões e perspectivas que se antolhem para 1958. A herança de 1957 é pesada e não muito confortadora. Ameaças, perigos, conflitos, guerras frias e quentes, desentendimentos e discórdias de toda a espécie, eis o que o Mundo de hoje nos oferece em numerosos sectores da vida dos povos. Dir-se-ia que o nível da civilização desceu de irremediável maneira, se acaso não surgisse, de entre tantos males e aflições, uma esperança admirável, uma daquelas esperanças cujo significado e valor não é, não será nunca para desprezar. E desde já aponto e registo qual seja: — o carinho, o cuidado cada vez maior que a Humanidade mereceram, durante o ano findo, as crianças das mais diversas regiões, das mais várias pátrias do nosso planeta. Viagens à Lua, satélites artificiais, bombas atómicas e ou-

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

«Diário de Lisboa»

publica hoje

20 páginas

oito das quais incluem

- * «Diário de Lisboa» Juvenil
- * Página da mulher
- * Desportos
- * Conto policial e
- * «Diz o médico...», pelo dr. Augusto d'Esaguy

SOMBRAS E CLARIDADES DA ALEMANHA

O monumento ao soldado russo em Berlim guardado pelas sentinelas soviéticas

■ Um café na Alemanha custa uma quantiazinha calada. No local mais modesto, o que pode não ser «Angola», «Timor», «Cabo Verde», nem sequer mesmo «Oiro» do Brasil, mas, apenas, vulgar grão preto torrado, ou «nescafé», paga-se, pelo menos, por dez escudos.

Incluindo a gorjeta, é claro!

■ Se a técnica alemã é perfeita,

As chuvas

dos últimos dias têm beneficiado a agricultura

Pode resumir-se como segue, segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, a influência do tempo nas culturas durante a ultima década do ano findo:

«De um modo geral, a chuva que caiu na primeira parte da década beneficiou as culturas, designadamente as forragens e as hortícolas atenuando em parte os prejuízos anteriormente causados pela geada. Depois do dia 26 voltou a formar-se geada, o que prejudicou aquelas culturas, os citrinos e as primícias no Algarve.

Os cereais apresentam-se em boas condições, beneficiados pela chuva e pelas baixas temperaturas que fortaleceram o seu sistema radicular e provocaram afilamento.

A apanha da azeitona, os tratamentos fitosanitários, as podas, a apanha dos citrinos e ainda algumas sementeiras prosseguiram em regulares condições, á excepção dos primeiros dias da década em que foram prejudicados pela chuva que, no entanto, criou boas condições para a mobilização das terras».

Antevisão das condições meteorológicas médias até 15 do corrente em todo o Continente: temperatura abaixo da normal e precipitação abundante.

Visado pela Comissão de Censura

o que diremos da sua infalível ciência? Um Português que nos acompanhava chegou a Berlim com uma tremebunda dor de dentes. Seria vingança dos nibelungos?

—Per Jovem, tenho que arrancar este incisivo!

No dia seguinte foi amavelmente conduzido por «frau» Liebe (pronome que significa amor e não desmente o seu coração de ouro, atuando, sem o mais ligeiro aborrecimento, os lusitanos jornalistas) a um odontologista. Afinal, não era do sexo masculino. Tratava-se de uma gentil doutora, assistente da especialidade na Universidade de Berlim.

Tocou-lhe o dente maligno, com um pedaço de algodão, antisseptizado e espetado numa pinça.

Abanou a cabeça. O seu lindo sorriso confrangeu-se. Lastimou-nos: —Amanhã terá a cara tão inchada que ninguém o reconhecerá!

Não era uma ameaça; era uma prevenção indiscutível, absoluta, einsteinianamente certíssima como a relatividade.

—Quer arrancá-lo já?

—Deus me livre de tal! Guardo o

(Continua na 3.ª página)



Um aspecto do Kurfurstendamm, vendo-se no primeiro plano, como um farol, um polícia que dirige o transito por meio de sinais eléctricos



Os Ingleses decidiram explicar ás crianças das escolas o funcionamento e a eficácia dos projecteis teleguiados. Para tanto, abriu há dias em Londres uma exposição de modelos e de fotografias, certame do qual damos um aspecto

Parece comprometida a hipótese de uma reunião ministerial dos Quatro Grandes mas os Russos continuariam dispostos a negociações com os Estados Unidos

PARIS, 4. — As probabilidades de uma reunião dos quatro ministros dos Negócios Estrangeiros, com vista a uma troca de impressões para negociações sobre o desarmamento, parecem fracas, de momento.

A fórmula de uma conferência

a este nível era, no entanto, tradicional e aceite sempre que se pretendia procurar um acordo entre o Oriente e o Ocidente sobre um problema que os peritos não tinham podido solucionar. Neste momento, tanto do lado ocidental como do oriental, por motivos diferentes, parece não estarem dispostos a enveredar por esse caminho.

O comunicado do ultimo Conselho do Atlantico propunha, não especificando quantos, que os ministros dos Negócios Estrangeiros fizessem uma tentativa. E' provável que as respostas ocidentais ás cartas do marechal Bulganine não o

venham a mencionar. Os peritos franceses encarregados de redigir um projecto de resposta, que será apresentado aos representantes permanentes no dia 8, retiveram da carta do chefe do Governo soviético dois pontos essenciais: a expressão «statu quo» aparece diversas vezes no texto russo; e a diplomacia soviética crê, portanto, que, para estabilizar a paz, será necessário manter o estado actual das coisas. Os mesmos peritos perguntam, pois, quais serão, nestas con-

(Continua na 12.ª página)

TEMAS CULTURAIS

O facto e o positivismo

por AMORIM DE CARVALHO

Fixemos a posição científica fundamental do positivismo comteano resumido no artigo antecedente: Há um mundo exterior á nossa subjectividade, composto de seres inorgânicos e seres organicos ou vivos, com uma ordem natural imutável, que nós não podemos conhecer na essência. A unica possibilidade de

conhecimento é a percepção dos factos constituída já segundo a subjectividade da sensação, a verificação de relações de constancia (leis) entre os factos, e a classificação destes numa síntese subjectiva, isto é, em relação á nossa maneira men-

(Continua na página seguinte)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

PERSPECTIVAS

(Continuação da página anterior)

tras invenções científicas, e outras realizações da técnica moderna, podem deslumbrar e até entusiasmar, as gentes do nosso tempo? Não o nego. Mas, o que demonstra e prova que se tornou mais exigente, mais ampla e mais praticamente eficaz a consciência universal das responsabilidades e actividades que devemos à construção de melhor futuro, é, precisamente, o afecto afirmado pelas crianças, a ternura que se lhes dedica, a preocupação manifesta de educá-las em ambientes onde encontrem os requisitos necessários a pleno equilíbrio orgânico, à manutenção ou incitamento de energias úteis, de vontades aptas a desenvolver e a aumentar as capacidades beneméritas do indivíduo, no confessado intuito de ensinar alegria e entusiasmo, perante a nobre tarefa, a tarefa, material e espiritual, de diminuir a miséria e a doença, ou, mesmo e apenas, o que um filósofo de há meio século chamava a «tristeza contemporânea». Tristeza que já agora é mais do que tristeza, pois se tornou medo, profundo medo da pairante angústia de que ninguém actualmente escapa.

A generalização de festas consagradas à infância, não só em Portugal, mas em quase todas as nações da Europa e da América permite-nos acreditar que Elen Key tinha razão ao anunciar que o século vinte seria o «século da criança». Lembro-me bem que jamais assim aconteceu, pelo menos tanto quanto em 1957. A criança está a ser a maior preocupação dos adultos, que enfim adivinham, ou sentem, ou compreendem que, se não a educassem dentro de um critério inteligente, e de puro e desinteressado amor, preparariam gerações incapazes de trabalhar decisivamente por um melhor e mais bem-estar.

MONTE-CARLO

Av. Fontes Pereira de Melo
N.º 49-C — Telef. 44789

Genuína e tradicional

Cozinha Indiana

A mais fina pastelaria dos
Tipos Hungaro
e Francês

Creme

Café de Timor

Dores de cabeça



ASPIRINA

Autêntica só
com a
cruz Bayer

Constipações

Reumatismo

lo amanhã, por mais digna e mais perfeita solidariedade dos homens e dos povos. Não houve, entre nós, empresa, escola, colectividade que não procurasse dar um dia ou mais dias de bem-estar à infância, minorando desgraças e amarguras, pobreza e maguas, sofrimentos e calamidades, ocasionais ou permanentes. Por muito breves que sejam esses momentos ou essas horas felizes, não esquecerão mais, claridades que da memória não se apagam, euforias que deixam sempre vestígios luminosos, encanto que se guarda e resguarda perenemente no coração. A honra máxima dos homens de hoje é ter sabido provocar ou suscitar tais momentos, e ter podido alargar e multiplicar suas consequências, seus efeitos e sua acção.

Grande coisa — a bomba e o foguetão? Maior coisa ainda, porém, matar a fome a quem tem fome, e a sede a quem tem sede. Ou, por outras palavras: — grande coisa as técnicas não mortíferas, o avanço material, mas maior coisa a generosidade, a bondade, e a fraternidade humanas, sem as quais tudo se estiola à mingua de aquele «leite de ternura», de que nos fala o Poeta... — J. de B.

Foi dado

por irresponsável

o autor

de uma agressão a bordo

Referimo-nos, há tempo, ao facto de, a bordo do paquete «Moçambique», o indígena Filipe Casimiro António, que exercia as funções de criado, ter sido vítima de agressão praticada pelo seu colega Alberto Maria Puna, ambos de Luanda. O agressor nos interrogatórios a que foi submetido em Lourenço Marques, declarou que vinha a ser perseguido pelos seus colegas, os quais diziam que o haviam de matar. Por tal motivo, andava sempre inquieto, esperando, a todo o momento, que o liquidassem. Acrescentou que no dia da cena de factos, lhe pareceu ter ouvido o seu colega Filipe Casimiro António dizer que o aterrorizassem ao mar. Afirmando ainda que o Casimiro andava a fazer pouco dele e que, por tal razão, perdeu a cabeça e lhe deu uma facada, mas sem intenção de o matar. A verdade, porém, é que o agredido veio a falecer por gangrena no intestino e peritonite.

A pedido do comandante da Polícia Marítima, sr. capitão-de-fragata Santiago Ponce, o arguido veio para Lisboa, a fim de ser aqui ouvido. O chefe Baptista dos Anjos, encarregou das investigações o agente Martins Baptista, que procedeu a várias diligências para apuramento dos factos de que era acusado o agressor, tido como autor de um crime de homicídio voluntário. Ao chegar a Lisboa e uma vez na Cadeia do Limoeiro, fez greve da fome e provocou distúrbios, de que resultou ter-se avivado a suspeita de que se tratava de um indivíduo com acessos de loucura. Em face disso, a Polícia Marítima solicitou que fosse submetido a exame pelo Instituto de Medicina Legal, que o considerou irresponsável, por se tratar, na verdade, de um homem que sofre de ideias delirantes de perseguição.

HOSPITAIS CIVIS

O administrador dos Hospitais Cívicos, sr. dr. Rafael Ribeiro, deu hoje posse ao sr. dr. António Pedro Franco das funções de assistente de análises clínicas daqueles hospitais. O empossado ficará prestando serviço da sua especialidade no Hospital do Rego.

O coice de um boi

ÉVORA, 3. — Recolheu a uma clínica particular de Évora o jornalista agrícola André Joaquim Pereira, de 40 anos, natural de Nossa Senhora de Machede, onde foi atingido por um coice de um boi, que lhe fracturou o frontal, quando ajudava a ferrá-lo.

TEMAS CULTURAIS

(Continuação da página anterior)

tal de ser. Mas esta maneira mental de ser, que, sem conseguir conhecer a realidade na sua essência, constrói concepções de realidade com a observação possível dos factos (ou fenómenos) e a formulação das leis, é, por seu turno, um facto ou uma sucessão de factos progressivos, na história, e, portanto, submetendo-se também a leis — leis próprias que se reduzem à lei geral do seu progresso: é a lei dos três estados (estados: teológico, metafísico e positivo) que transcrevi no artigo anterior.

A raiz deste agnosticismo está em Kant, que é a origem filosófica mais profunda e séria do ceticismo moderno que se chama relativismo. «A Crítica da Razão Pura», de Kant, é na história, o primeiro breviário do relativismo» (A. Cresson, *Les Systèmes Philosophiques*, 1931, pág. 173). O próprio Comte o confessa, de certo modo: «Eu sempre considerara Kant não só uma mentalidade muito forte, mas também o metafísico mais próximo da filosofia positiva» (Carta dirigida a G. de Eichthal, in *Revue Occidentale*, 1 de Março de 1896).

Se, por um lado, verificamos um agnosticismo inelutável para o conhecimento da natureza íntima dos factos, estes dão-nos, por outro lado, a certeza duma realidade em que estamos; e as leis (embora eminentemente subjectivas) que sobre eles formulamos, testemunham já uma ordem natural, uma realidade imutável na sua essência, qualquer que ela seja em si, o que permite já, ao menos, uma acção do homem no universo para a construção de um destino: ver (saber) para prever, e prever para prover. Podia-se, pois, resumir ainda o positivismo de Comte nas duas palavras **facto e lei** — o objectivo e o subjectivo; aquilo cujo **porquê** e cujo **para quê** ignoramos e que possivelmente não existirão, e o **como** em que se resolve todo o conhecimento possível. Ora estas duas noções (facto e lei), para além das concepções acessórias que as definam ou as envolvam (o relativismo do conhecimento, a impossibilidade da introspecção, a inclusão dos factos da psicologia na biologia e na sociologia, a lei dos três estados, etc.), parecem-me incontestáveis.

Levantou-se, desde há pouco, entre nós, contra o positivismo, uma campanha, ou luta, que me parecia bem legítima em nome, afinal, de um alargamento do conceito de positividade para, simultaneamente, o facto psíquico ou de consciência e uma metafísica positiva (veremos no decorrer destas reflexões que uma positividade para a metafísica será fundada, precisamente, no facto, no facto de consciência que é o pensamento), mas que se me afigura ilegítima no ataque feito à própria positividade do facto em geral. E já não digo ilegítima, mas impertinente, quando o ataque antipositivista se dirige apenas às tais concepções só acessórias ou só particularmente comteanas que definem ou envolvem a noção de facto (por exemplo: a estreiteza física desta noção em Comte) e a noção de lei (por exemplo: a lei vulnerável dos três estados), porque, nessa circunstância, impõe-se unicamente uma crítica de correcção, pois o positivismo ultrapassou Augusto Comte. Quanto à impugnação do positivismo político ou religioso de Comte (que muitos comtistas também afinal impugnaram, e em que há, na verdade, a discutir e a relutar um certo reacção antipositivista na própria construção do destino do Homem pelo Homem), é isso já de outro mundo.

Almoço de confraternização

entre funcionários
das C. R. G. E.

O chefe do serviço de Contrôlo do Orçamento das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, João Calvet de Magalhães Taveira Pinto, e todos os funcionários do serviço reuniram-se hoje num almoço de confraternização, que se efectuou num restaurante dos arredores.

tra ordem e fora dos propósitos destas considerações.

Ora bem. O irrefutável das noções de facto e lei está, exactamente, julgo, no real ou nesse **cousismo** (como pejorativamente se tem dito) que facto e lei afirmam, porque sem eles não há realidade, não há Mundo, não há cosmologia e não há nada. Isto é quase uma verdade de La Palisse, mas é uma verdade; e o grande mérito do positivismo e do neo-positivismo tem sido o de encienziar o facto (no dado de realidade) o valor do conhecimento. Só conhecemos pelos dados de realidade que são os factos. Recordando o exemplo, no artigo anterior, do raio numa trovoadas, temos nesse fenómeno ou facto um dado de realidade incontestável; as interpretações teológicas, metafísicas ou positivas dependem dos meios práticos e condições mentais de observação e entendimento do facto.

O fanatismo contra o facto tem revestido vários aspectos, desde os que o negam (a negação em tempos idos, por exemplo, da esfericidade da Terra) e desde os que impedem novos factos (a perseguição, na história, contra os homens descobridores de factos) até aos que apenas os minoram em nome da ideia (mas a ideia é também um facto, como dado que é da realidade subjectiva); e tudo isto por motivos que vão dos preconceitos de ignorância e dos interesses próprios (a primitiva posição da Igreja contra o movimento da Terra) até aos prejuízos filosóficos-metafísicos.

O fanatismo contra o facto acendeu as fogueiras da inquisição, atormentou Galileu, determinou a manutenção dos cristãos novos em Lisboa, no tempo de D. Manuel I, e queimou, em França, a Joana d'Arc. Um punhado, de exemplos entre milhares, em que procurei dar uma variada natureza de factos físicos e morais negados. E muito intencionalmente citei Joana d'Arc, facto positivamente vivo em si e positivamente social nas determinantes nacionais da sua acção, vítima dessa querela abstracta (contra novos factos) entre padres e frades de pensamento duramente feito — do que Anouilh diz, em *L'Alouette*, uma interpretação notável. Hanotaux diz: «Quer Joana d'Arc tenha obedecido directamente à inspiração divina, quer tenha recebido a ordem superior que lhe impunha a sua missão, sem intervenção do milagre, não há perigo nenhum em reconhecer nela uma mulher de grande inteligência e um grande coração, como ela própria dizia». — «A sua história não pode ser separada do seu tempo». (G. Hanotaux, *Jeanne d'Arc*, 1911, págs. 6 e 28).

Joana d'Arc (ir-se-á vendo a intenção do exemplo) é em si o facto que sintetiza as condições dramáticas da França e do seu futuro, e, porventura, do futuro da latidude (id., *ibid.*, págs. 75-76). Todas as ideias de divino, inspiração, revelação e milagre em torno de Joana d'Arc (no fio destas considerações vai ressaltando a minha intenção de alargamento legítimo da positividade para o psíquico) têm de ser encaradas no seu facto humano e mental, que é a convicção dinâmica daquelas ideias, sem as quais Joana d'Arc não teria agido, como um facto negado pelo antipositivismo.

mo clerical e no meio de factos igualmente negados. Seria cedo discutir desde já o problema da fundamentação da metafísica, e duma teologia, na positividade da psicologia ou da consciência. É possível que haja Deus, e, havendo-o, ficam sobrenaturalmente explicados (mas, ainda aqui, irrefragavelmente, como factos sobrenaturais relacionados com os naturais) o milagre, a revelação, a inspiração; mas, mesmo sem Deus, é possível que haja uma síntese intuitiva de mais ou menos imediatas indicações intuitivas, sentimentais e intelectuais, porque o **eu** será mais intensivamente real do que o **não-eu**; e é possível que haja antecipações previsionais de um destino da Vida ou do Espírito no Mundo; e é possível, sempre sem Deus, que o milagre seja, nas suas relações com a ordem emotiva e passional humana, um desencadeamento de prodigiosas reservas espirituais ou psíquicas ou vitais — reservas desse **eu** que é mais intensivamente e mais maravilhosamente real do que o **não-eu**. Na ordem física, em que não seja explicável a intervenção do espiritual ou psíquico ou vital, o milagre será qualquer coisa como a indeterminabilidade no mundo dos electrões, que os Plancks e os Einsteins consideram resultante de uma ainda imperfeita observação científica dos factos correspondentes. Como quer que seja (e é natural que voltemos a este problema), será impossível negar a positividade da psicologia e da consciência, será impossível negar os **dados de realidade** ou factos que se contêm na subjectividade humana, o dado de realidade ou facto que é, enfim, a subjectividade.

Ora, acusar no comtismo (e creio que legitimamente) quer a recusa da positividade dos factos de consciência (o facto de consciência que é, por exemplo, o misticismo de Joana d'Arc), quer a recusa da positividade de uma hipótese metafísica partindo da consciência (por exemplo: o facto do misticismo com que Bergson pretendia ser possível apreender experimentalmente a existência de Deus), é muito diferente de acusar todo o comtismo e o positivismo que ultrapassou Augusto Comte. Acusação insustentável, esta, porque seria conceber o inconcebível: uma realidade sem os factos que são os dados de realidade.

A crítica e a correcção do positivismo comteano estão feitas nos países em que a tradição filosófica é um facto; mas em Portugal, querendo-se implantar uma filosofia caracteristicamente portuguesa, ou resuscitá-la não sei bem de quê, tem-se seguido o princípio ingénuo (com as tortuosidades inerentes aos princípios impossíveis) de impugnar uma das mais fortes conquistas da consciência filosófica de qualquer país: o positivismo. Pelo menos ainda não vi que a tese da «filosofia portuguesa» assentasse numa crítica válida e correctiva da positividade comteana: o facto e a lei. Não me parecem, pois, inoportunas estas minhas considerações à volta do facto.

Reservo para outro artigo as considerações à volta da noção de lei. Valerão, ao menos, como homenagem à memória de Augusto Comte de cuja morte decorreu este ano o centenário.

AMORIM DE CARVALHO

TÁGIDE PALM BEACH

O melhor espectáculo de «Music-Hall»
Apresentado em PortugalELIO MAURO — CARLOS «EL PAYADOR» — TRINI REY
— TONY SAM — Orquestra italiana ROSARIO — YOLA
e PAULO — ADELAIDE RIBEIRO — Conjunto JORGE
BRANDÃO, animado por JIMMY — TOBIAS VALIDO —
Conjunto JOSÉ MESQUITA, animado por TITOAviso: As pessoas que jantarem têm direito de assistir ao
«show» sem a obrigatoriedade de mais qualquer consumo ou despesa.

(Salões de Dança — 17 anos)

Os fantasmas dos subterrâneos de Berlim e a muralha dos enforcados pelo nazismo

(Continuação da 1.ª página)

sacrifício para quando chegar a Lisboa!

No dia seguinte, o Português olhou-se ao espelho. Considerou-se como sempre o bicho mais feio da criação, mas a cara estava na mesma, lisa, regular, sem qualquer abcesso, nem tumefacção.

E' assim que os caras nórdicos se enganam, muitas vezes em casos mais transcendentes!

■ Fomos ouvir o «Navio Fantasma», de Wagner, num teatro de ópera de segunda categoria arquitectónica. Os melhores encontram-se na zona oriental. Admirável o movimento das massas, o seu tumulto, as suas atitudes e as vozes líricas.

Cecil B. de Mille devia aprender ali o que ficou da lição de Max Reinhardt. Efeitos de luz, que também são cenografia, que o claro-escuro de Rembrandt nunca descobriu, mais potentes ainda, e misteriosos, na sua divagação através dos bastidores da fantástica história do gigante de Bayreuth.

O navio, de velas de purpura, aparecia e desaparecia, sobrenaturalizado. Gargantas cristalinas. A prima dona tinha uma idade respeitável e assemelhava-se, pelo volume, àquela imperial Germanica, que figurava, coberta de louros, nos selos do antigo império de Guilherme II.

Os Alemães imóveis, como esponjas, na atmosfera líquida e obscura da sala, bebiam avidamente, por todos os poros da alma e do corpo, a partitura wagneriana. E não era o «Ouro do Reno», nem o Lohengrin, com o seu branco cisne, nem o heroico Parsifal, de montante de ouro! Era, apenas, o *Holandês Voador* (título original), cuja música do primeiro acto é um extraordinário sonho humano de encantamento.

No primeiro intervalo ninguém saiu. A clássica disciplina teutónica, pensei com os meus botões e revoltei-me. No final do segundo acto saí da sala, afrontando todos os protocolos. Felizmente, verifiquei que os espectadores faziam o mesmo. Quis saborear um cigarro: *Verboten* (proibido) em toda a parte. Não se fumava, mas comia-se, gargantuescamente, tudo.

E' que, na Alemanha, os teatros e os cinemas começam às sete horas da tarde. De duas uma, ou se sacrifica o jantar ou não se vê Suderman. Ninguém hesita: a «Kultur», primeiro.

■ Os aviões comerciais alemães não podem ir a Berlim. Os Russos não deixam. Isolam a cidade, com o terreno ocupado por eles, como se fosse a ilha de Robinson Crusoe. Só a sobrevoam companhias estrangeiras.

No meu quarto do segundo andar do *Am Zoo* (perto do Jardim Zoológico) esperei muitas noites ser surpreendido por um terrível e hirsuto Ivan, de Kruschef.

Nada sucedeu, como estamos demonstrando. Mas os Berlineses receiam-no. Há quem diga que possuem importantes reservas, caso se fechem os canais terrestres de circulação. Acumularam depósitos de carvão e víveres para um ano. Durante a minha estadia em Berlim — fui em emocionante aventura ao sector vermelho — deparei, apenas, com dois soviéticos devidamente fardados.

Guardavam o monumento ao seu exército, espécie de colunata, sobrepajada por uma expressiva estátua de bronze e do soldado russo, que se encontra nas imediações da Porta de Brandeburgo, na parte ocidental.

Rosados, juvenis, de barrete de pelé, que deve valer uma fortuna, metralhadora ao ombro, passeavam

envergando um capote verde. Conversam animadamente.

O monumento está ladeado de dois canhões, de alma sombria, e dois pequenos tanques, tudo pintado da cor da pacífica erva. A rotação dos curiosos era contínua, com «Kodacks». Uma obesa Natália, ucraniana, de lenço amarrado à cabeça, limpava umas lápidas, de mármore negro, cobertas de dizeres. Num dos lados do monumento, lê-se:

Glória aos soldados que morreram lutando contra os fascistas alemães pela liberdade na defesa da União Soviética.

■ Munich é uma cidade arquitectonicamente disparatada, mesmo agressiva. O barroco e o falso gótico daquele pobre Luís II, que amava Wagner numa suspeita confusão de sentimentos, alternam com imponentes edifícios moderníssimos. Grandes envidraçamentos de alumínio, amplas linhas verticais, volumes nus, tudo em função utilitária comercial ou industrial.

Chegam a um quinto da altura dos arranha-céus de Manhattan e seu branco deslavado, sem história, nem a bem dizer estilo, repele a harmonia que a visão exige, fazendo zangar os vetustos arcos e os trechos antigos da capital da Baviera.

Ali foi um centro de arte — e se-lo-á ainda hoje. O vasto palácio do rei louco, que matou o médico e se afogou nas águas de um idílico lago, está meio destruído pela guerra. No entanto, dá ali os seus espectáculos uma companhia de ópera.

Num canto de uma praça, onde assisti ao maior charivari de trânsito que tenho visto, com multidões caudalosas a entrecruzarem-se por todos os sítios impossíveis — reparei num pedestal, sem estátua:

— Quem estava ali?

— Goethe!

— Que é feito dele, na Terra, visto que, no Céu, o autor do *Fausto* deve passear olímpicamente?

— Levaram-no os Americanos!

Julgaram que se tratava de um agente da Gestapo!

Não acreditei!

■ Descobri, num museu de Colónia a colecção recolhida por um médico e legada à cidade — o expressionismo alemão. Foi uma grande escola colorida, violenta, até a epilepsia dos vermelhos, amarelos e azuis, com valores penetrantes de dissecação humana, por vezes, roçando pela sátira mais cruel.

Compensou-me, largamente, da desilusão sofrida na pinacoteca de Berlim. O catálogo reproduzia muito poucos quadros dessa escola, e por isso não o adquiri. Tive pena! Que vigor extraordinário o daquela falange, que não tem, na história da arte moderna, pelo menos nas obras que se publicam para cá do Reno, uma projecção relevante.

Quantos anos tem o expressionismo alemão? Quase meio século! Com o seu carácter plástico ainda surgem, num país muito nosso conhecido, quadros que dizem ser a última palavra da pintura contemporânea.

■ Em Berlim, os homens quando entram, numa loja, tiram sempre o chapéu. Julguei que fosse uma homenagem às caixas. Enganei-me. O Alemão, em negócios, é imperturbavelmente sério e, masculinamente, antilante. Reserva para as mulheres os três K. K. K. famosos: *Kirche* (igreja), *Küche* (cozinha) e *Kind* (filhos) e para ele, dois: a *Kultur* (cultura) e *Krieg* (a guerra) — este último hoje caído em desuso, acreditamo-lo.

A mulher alemã emancipou-se, desde que o homem, marido, pai ou irmão, empunhou as armas da segunda conflagração mundial. Teve

de ficar em casa, resolver todos os problemas, muitos dos quais dolorosíssimos, de trágica envergadura. Lemos, num inquérito recente, que entre os adolescentes o pai, no lar, já não é considerado o senhor absoluto. E' a mãe que encarna o ideal do filho. E' ela o piloto da sua conduta.

No pai vê, talvez, instintivamente, o homem que desencadeou a hecatombe, que se amassava em rios de fogo, debaixo das janelas da Reichskanselerei, brandindo archotes — reencontro essa enrubescida imagem num filme sobre a polícia de Berlim — vociferante, escandindo vivas, embriagada do *Deutschland über alles*.

Mas há outra razão: ficaram mais mulheres do que homens: três milhões, cifra astronómica que, no fim do conflito, fez debater, na Alemanha, com toda a objectividade, o direito à poligamia. Antes disso, afinal, do que as abjectas «haras» reprodutivas do nazismo! Do numero apontado resulta, afinal, a influência decisiva que a mulher alemã exerce, quer na vida doméstica, quer na vida social.

■ Em todas as cidades da Alemanha encontramos, em reclamos luminosos, um numero que nos fez espécie: o 4711.

Seria algum palpite do *totocalcio* romano? Algarismos cabalísticos? Sugestão á lotaria da nossa Casa da Misericórdia, que chegasse até ao coração da *Mittel Europa*?

Até que por fim desvendaram-nos o mistério.

Quando Napoleão em campanha militar chegou a Colónia, ordenou o cadastro numérico de todas as casas. Coube àquela onde se fazia a descendente «Água de Colónia», cuja fórmula é de um tal Farina, nado e baptizado em Itália, o famigerado 4711.

E ficou para sempre, na Alemanha, colado ao rótulo verde e negro desse primaveril perfume que lembra as searas doiradas e maturadas do Estio.

■ Berlim está cheio de espectros do que já não existe:

— Aqui era o Adlon!

— Aqui foi o Ministério da Propaganda!

— Aqui estava o Auswärtiger Amt.

No bairro das embaixadas, completamente desfeito, o terreno ainda pertence aos respectivos países. Mas nenhum — o sector soviético está próximo — reedifica os solenes palácios diplomáticos. Tumultos vazios, escombros, calcinados. Vejo um enferrujado portão de ferro, agarrado ao que ficou de uma ombreira de mármore, que ampara o resto esventrado de uma frontaria:

— Ali funcionavam os serviços secretos do almirante Canaris.

■ A capital da Alemanha — historicamente, é claro — também possui uma pequena torre Eiffel em ferro, com dezenas de metros de altura, em cujo tabuleiro superior funciona um restaurante. Centra uma série de pavilhões, cada um dedicado a uma província, onde, periodicamente, se fazem exposições. Do alto, avista-se a cidade, enorme, empastada de cinzento, quadriculada de ruas e perspectivas infundáveis.

A Oeste, amontoaram os destroços dos prédios, ossadas brancas, da urbe devastada pelo furacão da metralha. E' de uma cota respeitável. Berlim, que era plana como a palma da mão, considera aquela eminência de escórias arrefecidas e pulverulentas, uma autêntica colina. Como se virá a chamar?

■ Na Baviera é tudo verde. A paisagem de *talvegues* húmidos, de relva ácida e fofa. O chapéu dos homens, com a peninha ocelada de pavão na fita. Os cantos das crianças. A farda dos soldados. A pintura

de muitos prédios. Os casacos das mulheres. Os coletes dos músicos das «brasseries». E' a cor nacional.

E' gracioso atravessar as aldeias. As casas, de persianas verdes e telhados de lousa, são decoradas de grandes «affrescos», historiando cenas bíblicas. Quase sempre a cabeça de um veado ornamenta a verga da janela de honra. As igrejas ostentam todas zimbórios redondos e oitavados, que lembram as cupulas das mesquitas do Próximo Oriente.

Como foi ali parar tão estranho elemento arquitectónico?

■ Berlim nocturno. Cai em borboletas brancas a neve do Natal. Grinaldas de abetos atravessam as ruas ou pendem das fachadas dos armazéns, que cintilam miríades de estrelas.

Cá volto ao Kurfurstendamm, que depois da meia-noite não se pode considerar propriamente a rua das virtudes.

Cada candeeiro tem dez luzes: sete tubos a «néon», paralelos, ligados a uma haste horizontal, dois focos em cima, na curvatura, que parecem olhos de albinos, e outro na extremidade da parábola que pende sobre a rua.

E' feérico! Berlim russo deve invejar aquele fantástico incêndio, que desafia as suas trevas e as suas ruínas.

Sob os reverberos, enfronhadas em casacos de peles altas, maciças, volumosas, passam as *respectosas* de Sartre. Algumas com cão á trela, de focinho enrugado, como os *bull-dogs* de Bismarck.

São todas balsaquianas. Tristes e devastadas, como a guerra as deixou. Ruínas também, mas humanas. Sem encantos, apesar do «rouge» profissional esbanjado nas faces. O que viram! O que sofreram! O que podiam contar!

Um homem, sózinho, sob a nevada, apregoa jornais que ninguém compra. Os reclamos eléctricos de todas as indústrias, de todas as fábricas, de todos os produtos, faibricas, obsessivamente, nas fachadas, enchando o asfalto de sangue e doirando, mágicamente, a neve.

Berlim dorme, todas as janelas fechadas. Mas dormirá mesmo?

O que se passará, nos seus subterrâneos, nos seus colectores, onde corre o enxurro de todas as misérias e os detritos de todas as almas, ligados a outra Berlim vermelha e ameaçadora?

Diviso entre o palor difuso dos lobregos esgotos abobadados, avançando, tal uma negra aranha, a sombra do «terceiro homem» de Orson Wells. O tráfico clandestino de todas as morfina. A caça infernal ao espião. O mercado negro das consciências. O punhal que se crava, calando a boca que uiva de horror.

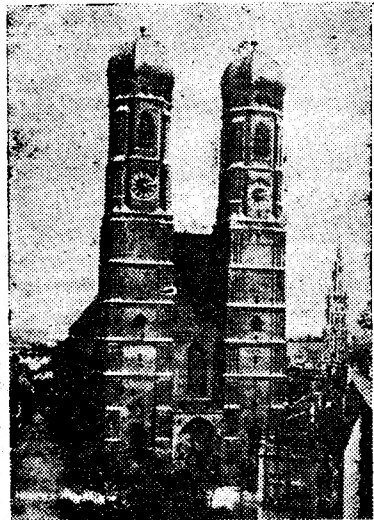
Berlim, quando muito, dorme o seu pesadelo. Num ergástulo de ferro, acende a entrada da zona russa as piras de bronze do «direito, justiça e liberdade».

No começo das pontes que dão passagem para o outro lado do seu corpo algemado, coloca uma ingénua árvore de Natal, coberta de velaszinhas a arder, como lhamas resplandescentes de autêntica neve, para que os seus irmãos se lembrem de que também são pátria alemã: *Vaterland*!

■ A última nota triste, de tantas, muitas vivas e agradáveis, que tomámos, no canhenho de observador: num canto qualquer de Berlim, perto das margens do Spree — a cripta das vítimas políticas do nazismo. Uma alterosa muralha de cimento, com uma legenda, que clama justiça, que as evoca a fogo, sobre a qual escorrem, melancólica e inutilmente agora, as lágrimas da chuva. Era naquele local que os hilerianos executavam os últimos homens livres. Eram, ignominiosamente, enforcados descalços, nas madeiradas lívidas, quando os barqueiros do Spree ainda não haviam partido para o trabalho. Quantos milhares? Dizem-nos um numero enorme que pode ser muito maior.

Por detrás da muralha funebre que, aliás, bem poucos visitam, há soturnos cárceres gradeados de ferro, onde se vêem retratos, flores, coroas, fitas com nomes e datas. Tudo aquilo tem um aspecto fadado, abandonado, desolado. Os mortos não voltam mais. A terra, porém, que as suas bocas morderam, num derradeiro alento, fala por eles, repudiando todos os crimes.

Um lancinante gemido atravessa o silêncio. Oíço-o ainda — e estre-meço!



A catedral de Munich, com as suas características cupulas bizantinas

Festa do pessoal das Oficinas Gerais de Material de Engenheiro

Ainda em comemoração do Natal e dedicada ao seu pessoal e respectivas famílias, realizou-se hoje de tarde uma interessante festa, promovida pela direcção das Oficinas Gerais de Material de Engenharia.

A festa começou às 14 e 45 e a ela assistiram, entre outras entidades oficiais que foram recebidas pelos srs. tenentes-coroneis Santos Macedo e Soares Baptista, respectivamente director e subdirector, os srs. generais José Esquivel, administrador-geral do Exército e Cotta de Moraes, comandante-geral da Legião Portuguesa e brigadeiro Vasco da Gama, presidente do conselho fiscal dos Estabelecimentos Fabris dependentes do Ministério do Exército.

Numa das amplas dependências das oficinas, para o efeito ornamentada com bandeiras, reuniram-se 1.180 empregados e operários e respectivas famílias.

O espectáculo fez também as delicias de cerca de 150 crianças às quais foram distribuídos lembranças e brinquedos.

Do programa fizeram parte, além da audição do grupo coral do estabelecimento, numerosos de variedades, representação de duas peças por filiados do Centro-Extra Escolar n.º 2 da Mocidade Portuguesa, constituído por aprendizes e operários das referidas oficinas, palhaços, etc.

Num dos intervalos, foram entregues 56 diplomas da D. C. T. a outros tantos empregados e operários que concluíram com aproveitamento cursos da D. C. T.

Festa dos filhos dos empregados da Rádio Marconi

O Grupo Desportivo Rádio Marconi promove, amanhã, às 15 horas, no Clube Estefania, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados da Companhia Portuguesa de Rádio Marconi.

A festa consta de uma sessão de cinema, distribuição de brinquedos, merenda e apresentação de palhaços e ilusionistas.

Feira britânica em Lisboa

Depois de uma visita de quatro dias a Lisboa, para estudarem a possibilidade de organizar uma Feira Comercial Britânica na capital, a realizar em 1959, regressaram a Londres sir Norman Kipping e W. P. N. Edwards, respectivamente director-geral e director da Federação das Indústrias Britânicas.

Durante a sua estadia em Lisboa, foram recebidos por membros do Governo português, altos funcionários e autoridades civis e conferenciaram com o embaixador inglês e funcionários superiores da embaixada, com membros da Camara de Comércio Britânica, industriais portugueses, agentes, e outras individualidades ligadas ao comércio anglo-luso.

Desastre no trabalho

ORENSE, 4 — Em Viena de Boló morreram três operários e ficaram feridos cinco, por se ter quebrado um guindaste que os atingiu. — (Efe).

CASINO ESTORIL ♦ HJ No Salão-Restaurante, às 23.45
No Wonder-Bar, á 1.15

ÚLTIMA ACTUAÇÃO EM DESPEDIDA
DA GRANDE VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA

LINE RENAUD

A artista sublime que conquistou o publico com um repertório inédito e sensacional, em que sobressai o já famoso numero

« L' HOMBRE ET MOI »
Uma sugestiva projecção de sombras indiscretas (17 anos)

TEATROS E CINEMAS

«O Avarento», no Teatro Variedades

A verdadeira qualidade de um texto, mesmo quando maltratado pela tradução e até por desacatos de artistas com excesso de personalidade, é a condição básica do êxito em teatro, condição *sine qua non* e tão forte que leva a perdoar algumas vezes um sem numero de erros grosseiros, como os que ontem, no Variedades, se verificaram na encenação e na interpretação de «O Avarento».

Fonte perene de dor e de riso, o absurdo da vida humana é o eixo essencial, oculto ou expresso, de toda a engrenagem teatral de Molière, autor tão razoável a primeira vista, de um tão claro bom senso, no seu culto da verdade, na sua levemente feroz alegria polémica. Esse homem eminentemente teatral, esse espírito agudo, perspicaz — e onde não houvera ele chegado, liberto das circunstâncias que o coagiram?! — oscilando permanentemente entre o cómico e o trágico, e que nos deu a mais formidável galeria cénica dos vícios e dos ridículos humanos (as preciosas, os poetas ocos, os arrivistas da nobreza, os falsos devotos, os poltrões, os libertinos hiperlucidos, os médicos ignaros e trapaceiros, os criados e alcoviteiras astutos e pitorescos —, sabendo sempre sacrificar o seu amor pelas ideias à economia dramática, fazendo jorrar a gargalhada menos das palavras que dos gestos ou da alternância das situações morais — foi o portentoso analista da mania, da paixão, da paixão que sufoca tudo o que lhe seja alheio e aniquila o senso crítico, a tal ponto que o ridículo enche o palco, e a sala, e o Mundo, e ressaltava o absurdo da vida, como no desesperante passamento de Harpagon, quando, concentrado na sua obsessão, ele mergulha as mãos moribundas e sôfregas nos seus escudos de ouro enfim recuperados.

Pouco importa que Molière se tenha servido de uma intriga que lhe vinha já da «Aululária» de Plautus, que, ao gosto da época, haja barralhado romancescamente achamentos incongruentes de filhos e pais no final do terceiro acto, para que o amor triunfasse das pelias que o tolhiam. «O Avarento» é o estudo

de um carácter, de um sonho negro, de um egoísmo total, de um absoluto, enfim, através da implacável anotação de todo o odioso e ridículo da avareza. Mas, para esse fim, o grande mago do riso, que no grotesco insinua as verdades mais dolorosas e força a Humanidade a «reconhecer-se», lança mão de todos os seus truques, do seu conhecimento profissional, directo, da plateia, e caldeia o estilo franco e firme com as repetições geniais, tal a desopilante síntese da monstruosa avareza — «sem dote... sem dote... sem dote», e com os puxões de orelhas, com os pontapés burlescos, com as corridas alucinantes de Harpagon para junto do tesouro enterrado no quintal. Pelo comportamento e pelas palavras se vão revelando e avultando as personagens. E a comédia tem de tudo: evocação romanesca, movimento de farsa, boleados «preciosos», crueldades, instantes de «ballet». O ridículo cresce, como um balão que terá de explodir, no limitado círculo familiar, e a moralidade vai-se definindo. O absurdo vivido é Harpagon, com Don Juan, como Alceste. Para além do cruelíssimo retrato psicológico, ainda particular, é o Homem que está em causa.

De resto, veja-se em «O Avarento» o que se quiser ver, a comédia impõe-se sempre, em si mesma, como texto imediato, pelo cómico inesgotável das suas situações e das suas réplicas.

O publico do Variedades riu ontem a bom rir, porque a peça tem força e graça para tanto. Porque Procópio Ferreira é um actor de extraordinária presença, com uma gama riquíssima de inflexões vocálicas, um dom de fantasia pessoalíssimo (tão pessoal, no entanto, que de uma peça para outra não varia quanto se poderia porventura desejar), e um poder de expressão mimica por vezes fascinante. A sua composição da figura de Harpagon, certa ou errada, impõe-se, nos mínimos pormenores. É um actor que enche o palco: dobra o joelho como um octogenário reumático e quase lhe ouvimos o ranger dos ossos renitentes. Os seus olhos são duas fendas brilhantes,

por onde se filtra a luz da obsessão que o devora. O que na sua interpretação há de genialidade pessoal não resgata, é certo, o conjunto da companhia de uma desarmonia evidente e de amadorismos chocantes. Falta especialmente aos actores brasileiros que o secundam o mínimo exigível de plasticidade corporal: ficam hirtos, desoladoramente hirtos no palco, e declamam, quando não soletram, sem vivacidade, sem vibração. Dos portugueses, alguns há que não se libertam inteiramente de um tom, de uma maneira demasiado fácil de revista. A marcação é por vezes catastrófica. E' claro que o texto resiste, resiste, porque em si mesmo encontra o antídoto. Que dizer de uma encenação baça e amorfa, que consente estilos diversos, improvisos, entradas em falso, contrastes gritantes?! Cada qual a seu talento. Ainda se, ao menos, todos fossem génios!

Paulo Renato, fora de duvida um actor inteligente, concebeu o seu papel, ao invés dos que foram a actualização e a piscadela de olho à assistência, num sentido tradicional, muito *Comédie Française*; e a verdade é que o conseguiu, em estilo maneirista, sublinhado a capricho, com uma movimentação certa e mesmo brilhante, uma dicção perfeita, até porque esse tipo de desempenho enfático parece quadrar-lhe. Assim, os diálogos entre pai e filho (é Paulo Renato o Cleante enamorado, recamado de botões e de lacinhas, garboso e bem falante) resultaram dos melhores. Hamilita Rodrigues e Teresinha Viana limitaram-se a ser bonitas, elegantes, e a darem sensíveis esperanças de vir a fazer melhor. Elisa Matos pareceu-nos totalmente fora do papel, por sinal tão curioso, de Frosina. Mas a comédia está centrada — repetimo-lo — na figura de Harpagon e é Procópio, só ele, quem a sustenta. Um Procópio na verdade assombroso e que certamente Lisboa não mais esquecerá.

Enfim, um espectáculo a ver, com o que na sua montagem e interpretação há de bom e de mau. A propósito, o cenário afligiu-nos — triste (para a nossa sensibilidade, já se vê) e feiamente inexpressivo. Os figurinos, em contrapartida, são, embora sem novidade, o que não há também na *mise en scène*, perfeitamente correctos e de gosto aceitável.

E' afinal, tudo computado, mais vale, no esforço e no resultado, uma obra-prima seu tanto esfarapada e contusa do que uma aproximativa imbecilidade ingloriamente bem desempenhada, como algumas que entre nós magoam, ou têm magoado, com frequência, a inteligência, mesmo a mais média, e os bons desejos dos desventurados espectadores.

U. T. R.

Atrás do reposteiro

O actor João Villaret, após o recital de poesias que esta tarde dá no Teatro S. João, do Porto, segue para Braga, a fim de, no Teatro-Circo, fazer a apresentação do Teatro Nacional Chinês (de ópera e bailado).

—A companhia do Teatro ABC efectua amanhã, na Figueira da Foz, a representação da revista «Casa da Sorte». Fim do espectáculo, regressa a Lisboa.

—A companhia brasileira de revistas, na sua actuação em Lisboa e Porto, será reforçada com artistas brasileiros que brevemente devem chegar a Lisboa.

OLIMPIA CLUB

o sempre em festa apresenta hoje e todas as noites um seleccionado programa de atracções

com

JOSÉ MAGALHÃES
E SUA ORQUESTRA

com o cantor

GINO

TRINDADE

HOJE, AS 21 e 45

NOITE DE REIS

2.º Mês EM ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

O THEATRO ESTA AQUECIDO

—Os ensaios da revista «Pernas á vela», que será estreada no Teatro Variedades, continuam a realizar-se no Maria Vitória, sob a di-

(Continua na 13.ª página)

TEATRO MONUMENTAL

A's 21,45 — (12 anos)

A comédia

OS BEBÉS

com

LAURA -- VASCO

Amanhã «matinée» às 16 h.

Amanhã THEATRO INFANTIL (4 anos) às 18,15 com as peças

O SEGREDO DO POLICHINELLO
O RELOGIO MAGICO
BADALIM CHEGOU
AO CEU

Dir. art. de M. C. Viana

AVENIDA 17 ANOS

A's 20,45 e 22,45 h.

A comédia para

RIR

Mas que

Escândalo

com 7 primeiros artistas

AMANHÃ
«Matinée» às 16 h. e dois
espectáculos á noite ás 20,45
e 22,45 h.

COMUNICADO



JOSELITO

CHEGA A LISBOA

(Santa Apolónia)

2.ª FEIRA — às 9,55

PRODUÇÕES ANIBAL CONTREI-

RAS, SUEVIA FILMS, CESÁRIO GONZALES E EM-

PRESA VICENTE ALLANTARA, HEROS

TORNARAM POSSÍVEL A VINDA DE JOSELITO, O CASO MAIS REVOLUCIONÁRIO DO CINEMA DA ACTUALIDADE, VERDADEIRO «RECORD» DE POPULARIDADE

O PEQUENO ACTOR-CANTOR APRESENTAR-SE-Á AO PUBLICO DO ODEON, EM FIM DE FESTA, ACOMPANHADO POR UM DISTINTO GUITARRISTA ESPANHOL

UM EXCLUSIVO DA TEMPORADA DE PRODUÇÕES ANIBAL CONTREIRAS E CINEMA ODEON

SEGUNDA-FEIRA — DIA DE REIS, no

RUIDOSA ESTREIA
DE UMA FORMIDÁVEL

ATRACÇÃO

QUE VAI CAUSAR ASSOMBRO EM TODA A LISBOA
AGUARDEM ATÉ
DEPOIS DE AMANHÃ

(17 anos) R. da Alegria — Tel. 35431



RITZ CLUB

Telef. 25140

MAIORES DE 17 ANOS

Sempre enches
como todos sabem!

O maravilhoso conjunto em arte, beleza e ritmo:

BALLET MONTES

7 esculturais bailarinas!

Luxuosa apresentação!

A triunfal parelha

IRMÃOS GUARÁS

em canções com o publico em coro

e ainda todo o elenco
de ouro do Ritz com

A grande maravilha húngara

SAVI and CHARLES

em «souplesse» acrobática

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

No Salão Típico: CEIAS, com FADOS e GUITARRADAS e ainda «Mano-
lilo de Bérbes, com Sua Guitarra», EM CANTARES FLAMENCOS

UMA NOVIDADE: BOA COMIDA... SEM DEMORA... PREÇOS MÓDICOS NO



TELEFONES:
28677 — 366720

“SNACK-BAR”

Esmerado serviço de «Pequeno Restaurante» dentro da modalidade
com 4 pratos do dia á escolha

UMA INICIATIVA MUITO ÚTIL, PARA O PÚBLICO!

***** ANUNCIADO COMO O GRANDE ESPECTACULO DO NATAL É TAMBÉM O GRANDE FILME DO PRINCÍPIO DO ANO! *****

UMA LUXUOSA SUPERPRODUÇÃO DA M-G-M EM CINEMASCOPE E MARAVILHOSO COLORIDO

IMPÉRIO

(ADULTOS)

VIVA LAS VEGAS

POR ISSO ENTRA HOJE EM

3.ª SEMANA

DAN DAILEY - CYD CHARISSE e as mais caras atrações americanas
FRANKYE LAINE-LENA HORNE-JERRY COLONÁ e muitos mais

NO MAIOR CINEMA DE LISBOA

NO VARIEDADES

As 21.45
12 Anos

O MAIOR ACTOR DO BRASIL

PROCOPIO FERREIRA

TRIUNFOU

COM

HAMILTA RODRIGUES, TREGOLLENTE, ELISA MATOS, TERESINHA VIANA, PAULO GONÇALVES

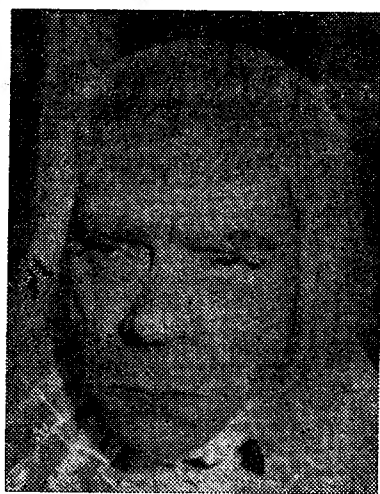
PAULO RENATO, EMILIO CORREIA, HENRIQUE SANTOS, GABRIEL PAIS, ALBERTO DE OLIVEIRA

NA FAMOSA COMÉDIA

O AVARENTO

A IMORTAL OBRA DE MOLIERE QUE TEM FEITO RIR O MUNDO INTEIRO!

AMANHÃ
ESPECTÁCULO A TARDE AS 16 HORAS



PROCÓPIO FERREIRA
NA VIGOROSA MÁSCARA DA PERSONAGEM «HARPAGÃO»

MARIA VITORIA

2 SESSÕES AS 20,30 e 22,45 (Adultos)

SALVADOR

APRESENTA

BIBI FERREIRA

ANTÓNIO SILVA

NA SUA MELHOR REVISTA

CURVAS PERIGOSAS

AMANHÃ
ESPECTÁCULO À TARDE AS 16 H.

Cartaz dos Cinemas

SAO LUIZ

TEL. 27172

A's 15 e 18,15 (p. red.) e 21,30
O drama íntimo, os sonhos, anseios, derrotas e vitórias de Lindbergh

(12 anos)

A ÁGUIA SOLITÁRIA

com James Stewart, Patricia Smith e Murray Hamilton
Peça na bilheteira a senha para as viagens a Paris

EDEN

TEL. 20768

15,30, 18,30 e 21,30
Um filme de Jean Renoir com Ingrid Bergman

ELENA E OS HOMENS

Em Technicolor
com Jean Marais e Juliette Greco
O mais belo romance de amor (Para maiores de 17 anos)

CONDES

TEL. 22523

A's 15,15 e 18,15 e 21,30—4.ª semana
O mais belo filme para a mais bela quadra do ano!

A FAMÍLIA TRAPP

com a encantadora Ruth Leuwerick, Hans Host e os «infernais» pequenos Trapp.

Matinées 6 anos, noite 12 anos

ALVALADE

Telefone 763080

A's 15 e 18,15 (p. red.) e 21,30
Uma obra que obteve a maior classificação americana «Superior»

(12 anos)

A ÁGUIA SOLITÁRIA

com James Stewart, Patricia Smith e Murray Hamilton
Peça na bilheteira a senha para as viagens a Paris

LIZ

TEL. 40580

A's 15,15 e 21,15
2.ª semana
O grande amor da minha vida

Cinemascope — com Cary Grant

Complementos seleccionados

CASINO ESTORIL

As 21,30 (17 anos)

O MORDOMO DA ILHA DESERTA

com Kenneth More

TIVOLI

TEL. 50595

As 3 e 6,15 da tarde e 9,30 da noite
(12 anos)
3.ª SEMANA
A imortal obra de Cervantes

DOM QUIXOTE

numa obra-prima do cinema russo com N. Tchekassov e Youri Tolouev
Realização de Kozintsev

POLITEAMA

TEL. 26308

As 15,15-18,15-21,30
4.ª semana de êxito
sensacional em en-chen-tes

«...E O SOL TAMBÉM BRILHA»

com Tyrone Power, Ava Gardner, Errol Flynn, Mel Ferrer, Eddie Albert e Juliette Greco
CINEMASCOPE (maiores 17 anos)

ROMA

Telefone 727778

A's 15,15 e 18,15 (Pr. red.) e 21,30 (17 anos)
4.ª SEMANA
O filme das mil gargalhadas com 3 prémios

A AVÓ ISABEL

com Sylva Koscina, Renato Salvatore, Paolo Stoppa e Tina Pica

ODEON

Telefone 26263

A's 15,15-18,15 e 21,30
4.ª SEMANA
A máxima e a mais recente revelação do cinema

JOSELITO

CORAÇÃO DE OURO

Em rigoroso exclusivo
Matinées 6 anos, noite 12 anos

AVIS

Telefone 47163

A's 15,30 e 18,30 (Pr. red.) e 21,45 (17 anos)
4.ª SEMANA
O grande colosso de gargalhadas, que detem 3 prémios

A AVÓ ISABEL

com Sylva Koscina, Renato Rascel, Tina Pica e Peppino Fillippo

TERRAS

TEL. 20917

A's 21 (17 anos)
BODAS DE OURO
CHAMAS CONTRA O VENTO

IMPÉRIO

TEL. 55134-5

A's 15,15 e 18,15 (p. red.) e 21,30
2.ª SEMANA
Êxito extraordinário do espectáculo de alegria, luxo e lindas mulheres

VIVA LAS VEGAS

com Cyd Charisse, Dan Dailey e as mais famosas atrações mundiais

SAO JORGE

BALCÃO 54154

PLATEIA 54153

com Audrey Hepburn — Fred Astaire

Vista Vision

A's 15,15, 18,15 e 21,30 — (12 anos)
2.ª SEMANA
CINDERELA EM PARIS

MONUMENTAL

TEL. 55131

A's 15,15, 18,15 e 21,30 (17 anos)
O filme escolhido este ano para o real espectáculo de gala em Inglaterra

AS GIRLS

com Gene Kelly, Mitzi Gaynor e Kay Kendall

CAPITOLIO

TEL. 27493

A's 15,30 e 21,30 (12 anos)
Uma história cheia de «gags» irresistíveis

A MADELON

com Lina Renaud, uma das mais famosas cantoras da França

ROYAL

Telefone 845037

A's 21—(12 anos)
DON CAMILO E AS ELEIÇÕES

CINEMA IDEAL

Telefone 24194

No programa:
UM TIRO DE MADRUGADA

A's 21 (12 anos)
O RITMO DO SÉCULO

RESTELO

Telefone 610375

As 21,15 (12 anos)
O grande amor da minha vida
Cinemascope com Cary Grant e Deborah Kerr

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Todas as noites, às 21 e 30, e aos sábados em tardes populares a preços reduzidos (17 anos)

AS BRUXAS DE SALEM

2.º mês de representações

AMANHÃ, DOMINGO — As 16 horas, tarde infantil

O VENDEDOR DE REBUÇADOS A FLORESTA ENCANTADA

Preços reduzidos

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL, na casa Firmino de Oliveira Pinto.

LANCHE NO

BUGIO

restaurante e snack-bar

SANTO AMARO DE OEIRAS

LUSO

(Academia do Fado) — Telef. 32889

H O J E (até de madrugada) (Adultos)

NOITE LUSO-BRASILEIRA

O Fado presta homenagem à vedeta da Rádio de Brasil

IRENE MACEDO

com a colaboração dos «Ases» do Fado em representação das Casas Típicas (por ordem alfabética) Adega Machado — Adega Mesquita — Arco Iris — A Tipóia — Faia — Luso — Mãe Preta — Nau Catrineta — Retiro Andaluz e Viela. FIM-DE-FESTA — A grande atracção conjunto RAPAZES DO RITMO e o grande actor brasileiro FREGOLENTE

A direcção deste grandioso espectáculo está a cargo de FILIPE PINTO

AMANHÃ — «MATINÉE»

Retiro ANDALUZ

Casa de DEOLINDA RODRIGUES

Apresenta hoje variações de canções internacionais com fado castiço por Candida Ramos e António Rocha. Sempre Retiro Andaluz. Variações, por Liberto Conde e Francisco Peres. Jantares e ceias, preços especiais para banquetes. Av. Conde Valbom, 114. Tel. 773134.

CAVALHEIRO

V. Ex. encontra:

Doçaria caseira, café inconfundível.

Uma pega \$650 — Um ribatejo 10\$00 — Um «Super» 15\$00

até às 3,30 da manhã no BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREIRO, 11-D

Leiam o «SEMPRE FIXE»

De ontem para hoje

DUAS HISTÓRIAS DE CAES

DIZ-SE que o cão é o companheiro fidelíssimo do homem. Este do Crato (Odeceixe) confirma-o com a sua mansa ternura. Foi no funeral da dona (Joséia Pacheco de Oliveira que se afogara no rio) e tem-se conservado, de fofinho entre as patas, deitado sobre a sua sepultura. Outro cão, menos fiel, que é excepção para confirmar a regra, é este de Fermelã (Estarreja). Atirou-se a um menino de 3 anos (filho de Manuel Luis Alves Ferreira) quando brincavam com seus cachorrinhos. O menino, com a vista esviada, quando for homem não acreditará que há cães tão dedicados como aquele de que se fala, de Odeceixe.

MEMÓRIA BREVE

CHAMAVA-SE Ana Maria e morava em Quintela de Azurara. Nasceu, cresceu e morreu, na paz dos homens e da sua consciência. Sobre a campa, deixou uma cruz e um nome. Na memória dos homens um epitáfio: esta foi a mulher da nossa terra que morreu com 91 anos sem nunca ter tomado remédios nem ter ido à consulta dos doutores.

MÚSICA CELESTIAL

DEZ equipas de canários portugueses, excelsos mestres cantores de gargantas gorgeantes, seguiram, por via aérea, para Amsterdão. Vão participar no campeonato mundial de canto Harz, organizado pela Federação Mundial de Ornithologia. Dez equipas são já umas boas dezenas de cantores. Vão, com certeza, de garganta afinada, cantar em nome de Portugal. Mas é possível que os melhores gorgeadores tenham ficado por cá. Temos, na verdade, muitas e boas gargantas.

POESIA DO TEMPO PRESENTE

AQUI se erguem obras que ficam como padrões, além se deitam abaixo casas que foram índice da modesta economia portuguesa. De um lado 15 mil contos, concedidos aos Municípios da Covilhã, Cuba, Faro, Feira, Ponta Delgada e Santiago do Cacém, para obras de abastecimento de água, energia eléctrica, mercados municipais e matadouros frigoríficos. Em Lisboa, em Novembro ultimo, foram demolidas 13 moradias e pequenos prédios.

JORNAL PEQUENO

O Presidente do Conselho recebeu D. José Vieira Alvernaz, Patriarca das Índias. * O coronel tirocinado Mira Delgado foi promovido a brigadeiro da Aeronáutica. * Chegou a Lisboa o novo cônsul-geral do Brasil em Portugal, dr. Teodomiro Tostes. * O comodoro Flaeschchen de Mendonça, que passou à reserva, foi homenageado com um almoço pelos oficiais que serviram sob o seu comando, no quartel do Corpo de Marinheiros da Armada. * Ao saltar para bordo, caiu e afogou-se o marítimo Manuel Coelho Pimenta, de 65 anos (Viana do Castelo). * Morreram, afogada num poço, Palmira da Conceição Martins, de 43 anos (Maças de D. Maria); com o crânio esmagado por um barrote, Francisco Manuel, de 38 anos (Cabeça Gorda, Beja), ser vende de pedreiro.

A Callas volta a cantar amanhã na Opera de Roma?

ROMA, 4. — O «Escândalo da Opera» continua a fazer correr rios de tinta. A emoção nos meios artísticos e políticos pela «deserção» de Maria Meneghini Callas parece longe de acalmar.

Seguindo-se ao deputado socialista Luigi Sansone, dois parlamentares democratas-cristãos, Romanato e Quintieri, apresentaram perguntas escritas ao presidente do Conselho sobre as disposições que o Governo tenciona tomar quanto ao incidente com a famosa cantora. Os dois deputados observam que a Opera de Roma é subvencionada pelo Estado, o qual, por conseguinte, tem o direito de vigiar a sua actividade. O deputado Romanato salienta, em especial, o carácter «caprichoso» da decisão do célebre soprano ítalo-grega, e afirma: «Depois de ter recebido honorários fabulosos, Maria Callas ofendeu a Arte, e in-

sultou a tradição de nobreza e beleza do Teatro Lírico, com isso atentando contra os direitos sagrados do publico».

Diz-se que haverá, hoje, uma entrevista entre Giovanni Meneghini, marido da artista, e os dirigentes da Opera. Será examinada, nessa reunião, a eventualidade de Maria Callas participar nas representações da «Norma», a partir de amanhã. Os interesses da cantora parecem coincidir com os da Opera, mas diz-se que Maria Callas deverá estar perfeitamente segura das suas condições físicas e psicológicas, antes de apresentar-se perante um publico do qual não poderá esperar a mínima indulgência, se ao fim e ao cabo se decidir a retomar o papel. — (F. P.).

A artista será proibida de cantar nos teatros do Estado?

ROMA, 4. — O deputado Giuseppe Romanato, da Democracia Cristã, pediu ao Governo que proibisse a soprano grega Maria Callas de voltar a actuar em palcos, italianos, de teatros subsidiados pelo Estado. Foi esta a mais violenta reacção contra o incidente na Opera, na noite de estreia da temporada lírica em Roma.

O informador da Imprensa na Presidência da Republica, embora se tenha recusado a revelar o texto da carta, confirmou que Maria Callas apresentou desculpas ao presidente Gronchi. — (A. N. I.).

NURSE INGLESA

PRECISA-SE

Avenida Sidónio Pais, 26
Telefone 49133

HOTEL CIBRA

ESTORIL — TEL. 061811

APRESENTA NA MAIS DISTINTA «BOITE» DA COSTA DO SOL
CARLOS VILLARET e ANDRADE SANTOS

EM DOIS PLANOS E CLAVIOLINO com

FERNANDO MAMEDE na bateria

QUE ACTUAM TAMBÉM TODOS OS DIAS DURANTE OS JANTARES E OS CHAS DE DOMINGO

ALMOÇOS

CHAS

PANORAMA DESLUMBRANTE



A Avenida era um rio de água...

Na Avenida da Liberdade reventou uma conduta de águas que provocou inundações

Hoje, ao princípio da tarde, na Avenida da Liberdade, em frente da chancelaria da Embaixada de Espanha, abateu uma grande ex-

Desembarque soviético numa ilha em litígio

LONDRES, 4. — A Rússia «desembarcou» numa ilha cuja soberania é reivindicada pela Inglaterra e «capturou» alguns dos seus habitantes — segundo diz a Rádio de Moscovo, acrescentando que a invasão foi assinalada por um padrão encimado por estrela de cinco pontas e uma mensagem encerrada num recipiente hermético.

Trata-se da ilha de Zavodovsky, das Sandwichs do Sul, que fazem parte das dependências das Falkland. De acordo com informações recebidas pela emissora moscovita, a tripulação do navio antártico de pesquisas científicas, «Slava-15», desembarcou ali e levou para bordo vários exemplares de pinguins, pombos do Cabo, procelárias e outras aves marítimas — únicos habitantes daquela ilha. — (A. N. I.).

BODO A POBRES

Cem pobres da freguesia de São Sebastião da Pedreira foram, hoje, contemplados com um almoço e uma distribuição de agasalhos. Este bodo foi organizado por uma comissão de senhoras que, habitualmente, tomam a seu cargo a manutenção da Sopa dos Pobres daquela freguesia.

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

COMUNICADO

Chegada do atleta Manuel Faria

O SPORTING CLUB DE PORTUGAL, pretendendo que a chegada a Lisboa do atleta MANUEL FARIA se revista do brilhantismo que a sua extraordinária actuação na corrida de S. Silvestre justifica, convida a massa associativa, simpatisantes e desportistas em geral, a comparecerem no Aeroporto de Lisboa, no dia e hora que, oportunamente, fôr anunciado na Imprensa e na Rádio.

A COMISSÃO DE RECEPÇÃO

SE GOSTA DE ESPECTÁCULOS DE «MUSIC-HALL» NÃO
DEIXE DE VER O QUE A TAGIDE APRESENTA
ACTUALMENTE

UM PROGRAMA DIGNO DE QUALQUER GRANDE
«MUSIC-HALL» DE PARIS—LONDRES
OU NOVA YORK

Uma reforma exting para recepto

A Imprensa Nacional distribuiu hoje a I Série do «Diário do Governo», com data de 30 de Dezembro, que insere o decreto-lei n.º 41.484 e os decretos n.ºs 41.485 e 41.486, que promulgam, o primeiro, a lei organica da Emissora Nacional, o segundo, o regulamento deste organismo autónomo, e o terceiro, o regulamento das instalações receptoras de radiodifusão.

No relatório do primeiro diploma justifica-se a presente reforma da organica da Emissora Nacional: o desenvolvimento do organismo aumentou grandemente as suas responsabilidades, cuja organização primitiva não se molda já às necessidades de momento.

«Com o presente diploma procura-se, pois, ajustar a sua organização administrativa aos vultuosos meios de que dispõe — sem perder de vista a natureza muito especial deste serviço —, ao mesmo tempo que se lhe proporcionam condições que lhe permitam imprimir aos seus programas qualidade condizente com a grande expansão das emissões».

Fins e atribuições da E. N.

No capítulo que define a natureza, os fins e as atribuições da E. N., determina-se que a este organismo compete assegurar a emissão de programas radiofónicos para os territórios portugueses e para os territórios estrangeiros onde residam consideráveis núcleos de portugueses; exercer através desses programas acção continuada de cultura, educação, informação e recreio; contribuir para mais amplo e profundo conhecimento de Portugal no estrangeiro; desempenhar a sua função informadora, relativamente ao noticiário nacional e estrangeiro, por forma a manter um conveniente equilíbrio entre as actividades da Radiodifusão e as da Imprensa como elementos fundamentais de informação da opinião publica.

Também cabe à E. N. promover a realização de programas de televisão, nas condições fixadas pelo Governo; organizar festivais, certames e concursos de natureza cultural e recreativa a incluir nos programas de radiodifusão e atribuir os respectivos prémios; instituir prémios pecuniários ou de outra natureza para fomentar produções radiofónicas originais de real mérito e recompensar outros trabalhos que se relacionem com a sua actividade; promover a preparação de artistas, técnicos e outros colaboradores que haja necessidade de formar, organizando centros de estudo e ensaio ou utilizando instituições nacionais ou estrangeiras; e subsidiar, no domínio da sua acção cultural, os autores e entidades que, nas condições fixadas em despacho ministerial, se entendam deverem ser estimulados na sua actividade de investigação ou de criação artística.

Meios financeiros

No que respeita aos meios financeiros, além das dotações especiais do Estado, constituem receita da Emissora Nacional, o produto da cobrança de taxas por concessão de licenças para instalação de receptores de radiodifusão sonora e dez por cento do produto da cobrança das taxas de televisão, e ainda de quaisquer doações, subvenções, multas, etc.

Os órgãos directivos

A Emissora Nacional terá uma direcção, composta por um presidente, com a categoria de director-geral, e pelos directores dos serviços, sendo todos estes cargos de livre escolha do Governo. Junto da direcção da E. N. funcionarão um conselho administrativo e um conselho de programas e junto dos emissores regionais poderão ser criadas comissões regionais de programas.

O conselho de programas será composto por uma individualidade de reconhecido mérito, da escolha

O dia de amanhã ninguém o viu!
Uma joia é sempre um valor.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
R. DA PRATA. 257

dos serviços da Emissora ue a licença especial res em lugares públicos

do Governo, que presidirá, pelo director dos Serviços de Programas, pelo chefe da Repartição dos Serviços de Programação e por personalidades de competência comprovada designadas pelo Governo pelo período de três anos, até ao número de seis. Este conselho será renovado em cada triénio, em metade, pelo menos, dos seus vogais de nomeação.

O pessoal e os seus direitos

É vedado ao pessoal da Emissora Nacional o desempenho de funções que envolvam representação ou delegação de empresas jornalísticas, agências de notícias ou de outras estações de radiodifusão. Aos locutores e relatores é também vedada a colaboração em emissões radiofónicas estranhas à Emissora Nacional e a utilização dos seus nomes para denominação e patrocínio delas.

O decreto-lei, que entrou em vigor a partir do dia 1.º do ano corrente, estabelece também novo quadro de pessoal, que entrará em vigor à medida que as dotações correspondentes aos respectivos vencimentos e demais remunerações forem inscritas no orçamento da Emissora Nacional.

O decreto que promulga o Regulamento da Emissora Nacional fixa as atribuições do presidente do organismo, dos directores e demais funcionários, bem como as normas do respectivo provimento.

Os funcionários da E. N. ficam sujeitos ao Estatuto Disciplinar dos Funcionários Civis do Estado.

As taxas não são agravadas

O ultimo diploma, que promulga o Regulamento das Instalações Receptoras de Radiodifusão, teve em vista facilitar a cobrança das taxas (no continente e ilhas adjacentes, passou a 534.063, no início do ano corrente, o número de aparelhos registados).

Cria-se agora um livrete individual, que auxiliará a identificação do contribuinte, e mecanizam-se algumas operações.

Taxas e licenças

Não se agravaram as taxas e extinguiu-se a licença especial para funcionamento de receptores em lugares públicos, no que os serviços deixarão de receber anualmente cerca de 3.000 contos, «esperando-se que sejam compensados pela colaboração mais compreensiva das empresas que se dedicam ao comércio de receptores — principais beneficiárias da reforma, quer pela diminuição de encargos, quer pelas maiores possibilidades de vendas que a extinção da licença especial lhes cria —, fazendo diminuir a fuga imoral ao imposto».

Por cada licença de radiodifusão sonora ou de televisão é devida a taxa anual, respectivamente, de 100\$00 e de 360\$00, pagável pelo

Dez mortos

em dois desastres de aviação

HAYWARD (Califórnia), 4. — Um quadrimotor da Armada, com dezoito pessoas a bordo, caiu na baía de San Francisco, a cerca de uma milha da costa.

A Guarda Costeira informa que houve sete mortos, tendo-se salvo as outras onze pessoas. — (A. N. I.).

OTAWA, 4. — Morreram o piloto e dois passageiros de um helicóptero, quando o aparelho em chamas embateu durante a noite, numa cordilheira de Connaught, na baía de Shirley.

O aparelho ficou totalmente destruído e os corpos das vítimas estão irreconhecíveis. — (A. N. I.).

A venda de tabaco

Como se sabe, para se vender tabaco ao público, é necessária uma licença especial, passada pelas repartições de Finanças. Sucede, porém, que esses impressos não chegaram ainda às respectivas repartições. E, assim, na zona do Chiado, muitos são os revendedores que se queixam, pois, estão impedidos de se abastecer nos depósitos.

Prometeram-lhes que na próxima semana já haveria impressos. Mas, entretanto, um carimbo actualizante não chegaria para que cada qual pudesse legitimamente governar a sua vida?

subscritor ao ano ou ao semestre. Mantêm-se as isenções de licenças e de taxas anteriormente estabelecidas (determinadas entidades oficiais, instituições públicas e particulares de assistência e culturais, cegos pobres, funcionários da E. N., etc.).

Finalmente, extingue-se a forma de pagamento mensal das taxas, por já não ter justificação o sistema. Em cerca de meio milhão de licenças, pouco mais de mil pessoas pagam a taxa (aliás mais cara) seguindo esta modalidade.



Muitas senhoras, quase todas alunas das Belas-Artes, tomaram parte nas visitas de hoje, promovidas pelo curso de arquitectura religiosa

O monumento de Santa Engrácia

de cujas obras se fez provérbio
comparado por um arquitecto suíço
à grandeza de S. Pedro de Roma

Cerca de duzentos arquitectos, pintores, escultores e estudantes das Belas-Artes, tomam parte no Curso de Arquitectura promovido pelo Movimento de Renovação da Arte Religiosa, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian. A manhã de hoje foi consagrada a visitas, primeiro aos Jerónimos, depois à Sé, São Vicente e Santa Engrácia. Como eram muitos os que já conheciam os quatro templos visitados, não foram tantos os que hoje, de autocarro, acorreram às visitas, orientados pelos arquitectos Fernando Távora, António Leal e, também pelo padre Mendes Atanásio, professor de uma escola de arquitectura belga. De um modo geral, o tema debatido andava à roda da colocação do altar e dos problemas do espaço. Num próximo regresso à primitiva e pura liturgia cristã, espaço e culto terão de se conjugar por processos diferentes. Mas, entrando, propriamente, a falar da

decoração manuelina — não estilo arquitectónico mas tipo arquitectural — o problema da colocação do altar-mor e da sua adaptação às várias exigências do culto foi vivamente comentado, tendo em vista uma participação maior de fiéis nos actos de cultuais. E desse vivo comentário concluiu-se que seria possível dar nova ordenação às peças escultóricas.

Na Sé, a má integração do românico nas necessidades do culto, a luz e outros pormenores das adaptações manuelinas constituíram outros motivos de discussão entre os grupos que se repartiram pelos pontos do monumento mais do seu agrado.

Foi assim, também, em São Vicente, onde o arquitecto suíço Hermann Baur, que veio a Lisboa fazer uma pequena série de conferências para este curso, se mostrou muito interessado na mesma soma de pormenores relativos ao culto e ao es-

paço, á colocação do coro que, como nas igrejas alemãs, onde perduram as tradições polifónicas, poderia fundir-se com a assembleia, pois esta participa, como os restantes elementos, nos actos de culto, incluindo os cantados.

A ultima etapa da visita era Santa Engrácia — a que fez aforismo pelo seu destino de sinfonia inacabada.

Os visitantes chegaram, aos grupos e, parando diante da massa solene do edificio, o arquitecto Baur comentou:

— Eis o que S. Pedro de Roma quis ser e não chegou a ser! Há aqui muito de belo, muito de Miguel Angelo!

E todos se detiveram, aqui observando o barroco primitivo, ali fazendo conjecturas sobre se a cupula teria ou não tambor, depois discutindo hipóteses sobre riscos perdidos e atribuídos a Tinoco.

— E' verdadeiramente indestrinçável o caminho das soluções! — disse alguém.

E alguém também comentou: — E será bem lamentável que se faça seja o que for, para acabar Santa Engrácia, sem um debate publico entre os arquitectos.

Dentro, sob um pingue-pingue discreto da chuva que se insinua pelos interstícios da cupula, forrada á pressa com zinco, o arquitecto Hermann Baur tem a mesma palavra de apreço. Santa Engrácia é, na verdade, uma solene massa arquitectónica, cheia de harmonias.

Que andarão, porém, a fazer lá dentro homens que escavam o solo?

Dir-se-ia qualquer coisa como um panteão, á maneira daquele de Paris onde repousam Napoleão e os heróis da França.

Anunciou-se em tempos, nos jornais que, de facto, ali vão ficar os homens que na guerra souberam fazer de Portugal um país de paz.

Não há, porém, quem esclareça. A chuva continua o seu monótono pingue-pingue e os membros deste curso — há entre estes sacerdotes, professores de teologia e história de arte — deixam o belo monumento setecentista. São horas de almoço e, á tarde, recomenciarão as sessões de estudo e fonográficas. Isso será á hora de fecharmos o jornal.

Grandes tempestades causam vítimas e devastações em vários pontos da América

MIAMI, 4. — A Flórida meridional foi assolada por violenta tempestade de vento e chuva, reccendo-se que haja vítimas.

Uns vinte barcos de pesca deixaram de dar notícias e afundaram-se várias embarcações pequenas. Nesta cidade, há estragos importantes a registar, bem como nos pomares da região, onde numerosas árvores de fruto foram totalmente devastadas.

O cargueiro italiano «Giove», atingido pela tempestade, sofreu importantes avarias e navega com dificuldade. Um dos seus tripulantes morreu e outro ficou gravemente ferido. O navio tentou entrar no porto de Miami, mas o temporal impediu-o. — (F. P. e A. N. I.).

Vaga de frio e um ciclone destruidor

BUFALO, (Nova York), 4. — Uma vaga de ar gelado, originário do Arctico, invadiu o Nordeste dos Estados Unidos, provocando as temperaturas mais baixas no país, desde o começo deste Inverno, e cobrindo com espesso lençol de neve grandes extensões, principalmente da zona ocidental do Estado de Nova York, em que chega a medir mais de sessenta centímetros de altura.

O Observatório Meteorológico de Bufalo prevê a continuação do frio

FAQUEIROS DE PRATA

todos os estilos — fabrico próprio
OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telefone 24564

OS FUNERAIS

das vítimas de Alhandra

Sairam esta tarde do Instituto de Medicina Legal os funerais do motorista José Pereira Castilho, de 47 anos, residente em Castelo Branco, e do seu ajudante, Joaquim Antunes Gama, de 25 anos, morador na freguesia de Salgueiro do Campo, daquele concelho, os quais, como ontem noticiámos, perderam a vida em consequência de a camioneta em que viajavam, ter sido colhida por uma automotora numa passagem de nível, de Alhandra.

Os féretros seguiram para as terras das residências dos extintos.

Ensopado de enguias

FAMOSO PRATO REGIONAL

do RIBATEJANO de Salvaterra

Um bailado sobre tema de Françoise Sagan suscita em França viva discussão

MONTE CARLO, 4.—Françoise Sagan volta a suscitar polémicas entre a crítica internacional, desta vez com uma tentativa ousada no mundo do «ballet».

Com um publico exigente, em que se viam Jean Cocteau e Anton Dollin, o director artistico do «London Festival Ballet», além de outras celebridades mundiais, estreou-se aqui, ontem á noite, no teatro do Casino «Le rendez-vous manqué», «ballet» interpretado pela bailarina dinamarquesa Tony Lander, Vladimir Skouratoff e Noelle Adam.

O enredo, na mesma linha dos romances de Françoise Sagan, conta uma história de amores infelizes, terminando com a morte do herói. Segundo Cocteau, trata-se do «retrato fiel de uma época desagradável». Com uma partitura musical inspirada no «jazz», o espectáculo dura apenas 85 minutos. Tem cenários de Bernard Buffet, coreografia de John Taras e direcção artistica de um jovem realizador cinematográfico, Roger Vadim, antigo marido da «vedeta» Brigitte Bardot. Numa das seqüências, os sonos da personagem principal são ilustrados por planos filmados. «L'Aurore» declara que «foi um choque desde que a cortina subiu», mas acrescenta: «Vai da musica clássica ao mais ruidoso «jazz», com explosivo virtuosismo: as suas danças descem do mais elevado espiritalismo aos apontamentos mais ousados».

Embora as opiniões sobre os méritos do «ballet» sejam discordantes, num ponto parecem todos de acordo: a audácia dos processos utilizados na feitura de «Le rendez-vous manqué». O publico aplaudiu friamente. A autora, vestida de cetim vermelho, assistiu á estreia. O príncipe Rainier e a princesa Grace, de Mônaco, ao contrário do que se esperava, não compareceram. — (A. N. I.).

EM 3 LINHAS

Foi dada nova redacção ao artigo 70.º do Código das Custas Judiciais.

///

O «Diário do Governo» publicou um diploma relativo ao regime mais favorável para remissão de foros e censos.

///

A Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário foi autorizada a celebrar contrato para a execução da obra de ampliação do Liceu de Castelo Branco, pela importancia de 1:020.000\$00.

///

O eng.º Joaquim Pina Gomes foi nomeado presidente da Camara Municipal da Guarda.

Atentados á bomba

em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 4 — Explodiram, nos arredores, três bombas, que causaram quatro mortos e vários feridos, além de importantes estragos materiais.

A Polícia abateu a tiro um dos terroristas e prendeu outros dois. — (A. N. I.).

HIPOTECAS
PROPRIEDADES
ao Juro da Lei
TRANSACCÕES
em 24 horas

A Confidente

DINHEIRO sobre
Automoveis
Transaccões em
menos de 1 hora

14.Rua Passos Manuel 3.Rossio LISBOA
PORTO Tel: 27011-28721 Tel: 21391-30257

P O R T O
DA SILVA

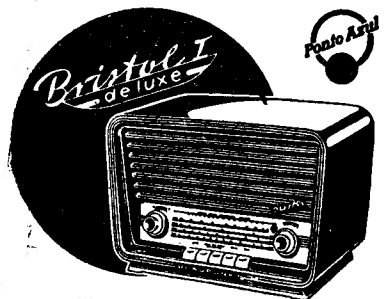
...tem arte de ser "Porto"
em qualquer parte.

Prove Rei Eduardo um Vinho de categoria



REPRESENTANTES: **ADELINO & LOPES, L. DA**
8, LARGO DA TRINDADE, 9 — TELEF. 21260 — LISBOA

PONTO AZUL



COMUTACÃO DE BANDAS POR TECLAS
4 BANDAS DE ONDAS: MÉDIAS, TRÊS
DESDOBRAMENTOS DE CURTAS POR
SUPERSINTONIA DE LUPA, INCLUINDO
ONDA MARÍTIMA
MODELO INDICADO PARA O AMADOR DE
ONDAS CURTAS
ANTENA INCORPORADA
LIGAÇÃO PARA PICK-UP E
ALTI-FALANTE SUPLEMENTAR

Preço Esc. 1.795\$00

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

Uma produção

BLAUPUNKT-WERKE-GMBH
da Alemanha Ocidental

A venda nos agentes oficiais

Leiam o «SEMPRE FIXE»

A Cafeteira



sem prejuízo para a sua saúde...
tome creme

Café Timor!

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12



Não compre sem consultar

afari

OCULISTA
(Tudo para óptica)

PREÇOS INFERIORES AOS DA CONCORRÊNCIA
APESAR DOS DESCONTOS POR ELA ANUNCIADOS
afari selecção de artigos com alta
qualidade.

RUA AUGUSTA, 112 A 118

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldelrada à Sorrala
Ensopado de Enguias
Lombo de porco no espeto
Caril à Indiana
Lombo de vaca à Coruja
e fandangos regionais
animado com folclore

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

LUSTRES
DE SACO, CHU-
VEIRO E OUTROS.
FABRICANTES

T. Fala-Só, 15-F. — Telef. 32760

Direcção técnica de mestre Luiz—Chefia mecânica de Carlos Ferreira

DKW

UMA OFICINA MONTADA SÓ PARA OS AUTOMÓVEIS DKW
Trav. Henrique Cardoso, 32-B (Junto à Av. Roma) — Tel. 775800

T. A. P.

ASSISTENTES DE BORDO

Aceitam-se inscrições até 15 de Janeiro, em Lisboa, na Rua
Duque de Palmela, n.º 27-1.º-Dt.º, e no Porto, na Praça D. Fi-
lipa de Lencastre, n.º 1, de candidatas que obedeçam às se-
guintes condições básicas:

- Habilitações: 1.º ciclo dos liceus ou equivalente e falar inglês e francês;
- Idade: maior ou emancipável e não mais de 30 anos;
- Estado: solteira.

Carpets Tapetes Tricana

Preços de Fábrica. Grandes descontos até ao fim do ano
Av. Praia da Vitória, 48-A
(Ao Monumental)

T. A. P.

DESPACHANTES DE TRÁFEGO

Aceitam-se inscrições até 15 de Janeiro, em Lisboa, na
Rua Duque de Palmela, 27-1.º-Dt.º, e no Porto, na Praça D.
Filipa de Lencastre, n.º 1, de candidatos que obedeçam às se-
guintes condições básicas:

- Habilitações: 2.º ciclo dos liceus ou equivalente e falar inglês e francês;
- Idade: ter satisfeito as obrigações do serviço militar e não mais do que 35 anos.

COFRES FORTES

BANCO

DA
AGRICULTURA

R. da Assunção, 74
Tel. 366132/6

AR CONDICIONADO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

RANILON

CORREIAS DE TRANSMISSÃO
DE PLÁSTICO E COURO
PLANAS E TRAPEZOIDAIS

LEVE

MAIOR
PRODUÇÃO

+30%

NÃO ESTICA

NÃO DESLISA

MUITO
FORTE

USE CORREIA PLANA RANILON MAS
SE NÃO PUDE, USE A TRAPEZOIDAL
RANILON COM 1 FAZ O SERVIÇO DE 2

COM O TIPO  SE PODE
USAR TAMBOR DE PRESSÃO

Ranilon

PAULO DA SILVA RANITO L.ª

S. MAMEDE DE INFESTA
TELEF. P. P. C. S. M. 513 (4 LINHAS)

AOS AMBULANTES ASILOS E CASAS DE CARIDADE, DESCONTOS ESPECIAIS
A MAIOR LIQUIDAÇÃO DE TODOS OS TEMPOS!!!

M A L H A S

As ultimas novidades para homem, senhora e criança, vendidas por conta da fá-
brica, directamente ao público.

O maior sortido de malha a metro desde 45\$00

Rua da Trindade, 1—Tel. 21311, — Largo Martim Moniz, Pavilhão 4—Tel. 864520
Avenida de Roma, 12—Tel. 726977

Portos e Homenos

(Continuação da 4.ª página)

recção do actor-empresário Eugénio Salvador.

—E' provável, que só na segunda peça a subir á cena no Teatro Maria Vitória, na temporada de comédia, que ali se vai realizar, participe a actriz Irene Isidro.

—Possivelmente, a companhia do Teatro Avenida ensaiará a peça francesa «José».

—Vindo de Barcelona é esperado hoje o empresário espanhol D. Juan Carcellé.

—Do Equador, seguiu para S. Salvador o artista português Gütto, que anda em digressão pela América Central, integrado na companhia do Royal Dumbard Circus.

—O grande êxito da Broadway, em Nova York, intitulada-se «The West Side Story». Trata-se de uma comédia musical, inspirada na obra de Shakespeare, «Romeu e Julieta» com musica de Leonard Bernstein.

—A companhia brasileira de revistas, em digressão por Angola, está no Lobito, de onde seguirá para Moçamedes. A sua chegada a Lisboa continua prevista para fins do corrente mês.

Teatro de amadores

Um espectáculo nas Caldas da Rainha

O Conjunto Cénico Caldense, nova associação de amadores de teatro das Caldas da Rainha, apresenta o seu primeiro espectáculo no próximo dia 10, com o seguinte programa: «Contrabando» (David Mourão Ferreira), «Tunel» (Paër Lagerkvist), «Urso» (Tchékoff). O grupo pretende dar neste espectáculo uma ideia das suas possibilidades cénicas, apresentando jovens actores dos quais há muito a esperar.

Cinema clássico

A sessão matinal de amanhã no Tivoli

É amanhã que o Tivoli apresenta, na sessão clássica, das 11 horas, o filme «História de três amores», de Vincente Minnelli. Os intérpretes deste filme são Pier Angeli, Leslie Caron, Kirk Douglas, James Mason, Farney Granger e Moira Shearer.

Primeiras exhibições

«Helena e os homens», no Eden

Jean Renoir herdou pelos vínculos directos do sangue o nome de um grande artista. A maior parte da sua obra tem como interesse principal a maneira como «pinta» os seus quadros, isto é, as suas imagens animadas. Nelas perpassam não, apenas, a lição plástica de Renoir, que tão grande foi na interpretação do nu feminino, mas ainda o sopro vivificante de renovação artística de toda a escola a que pertenceu, e na qual brilharam, entre outros Monet, Cezanne, Sisley, Pissarro, Courbet, Manet, Degas, e outros cultores do realismo e do impressionismo.

No filme «Elena e os Homens», classificado por Jean Renoir de fantasia, o realizador não desmente a sua volúpia pela cor, nem pelo movimento das multidões, como nas cenas festivas do 14 de Julho. Caso não nos esqueçamos que se trata de uma comédia, que tem de ser sorridente, alacre, por vezes, irónica, outras simbólicas, caracterizando uma época de vida francesa, a obra adquire o seu justo valor.

Se a profundarmos, embora se diga, nas legendas iniciais, que «todas as personagens, etc., são pura coincidência», isto é, não pertencem á vida real, veremos que não é assim.

Jean Renoir quis dar-nos a vida daquele célebre general francês Boulanger, ministro da guerra em

1886, que o povo de Paris, em delírio aclamava, vendo nele, talvez, menos o ditador — «ao Eliseu, meu general!» gritava a multidão — de que o possível vingador da derrota de 1870. Esteve a dois passos do poder, levado pelas ondas do nacionalismo, com o qual teve estreitos contactos, mas esse homem admirado, aclamado, não se sabe bem por que razões, renunciou a tudo, indo exilar-se na Bélgica, onde se suicidou sobre o túmulo da mulher. O amor venceu nele a ambição política? O espírito de legalidade (não sucede agora o mesmo a De Gaulle, num país, que é o berço dos grandes ideais democráticos), tolheram-no no derradeiro instante em que era preciso decidir-se pela acção?

Jean Renoir dá-nos a figura, que o publico francês identificou facilmente, traçando um fresco pitoresco, colorido, tipicamente parisiense. Tem sempre boas pinceladas de cor, e adopta o tom de farsa, mesmo de caricatura para as segundas personagens, poupando o herói, o que cria contrastes.

Muitas vezes nos faz sorrir, embora se mostre laborioso na maneira de contar a história.

No elenco figuram grandes nomes. A calma Ingrid Bergman é a protagonista do imbróglio político e sentimental. Fez o filme, depois da sua separação (não ainda divorcio, de Rossellini), interpretando uma mundana á Castiglioni (a que levou Napoleão III, á guerra pela libertação da Itália), deixando-se beijar com assás frequência. Continua bela e como que distante! Parece que dos seus lábios chove oiro, e só por ela o publico vai ver «Elena e os Homens». Jean Marais faz o general Boulanger. Outros dois atractivos são Mel Ferrer, actor reputado, e Juliette Greco, a «coqueluche» da canção de Paris. Complementos escolhidos. — Visor 42.

Coliseu

Hoje, num maravilhoso espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos, as maiores atracções da Companhia de Circo. Amanhã, espectáculo à tarde



Um delírio! Uma alegria! Um espectáculo de emoção! Hoje, no Coliseu, para crianças a partir dos 6 anos, a Companhia de Circo apresenta ciclistas aéreos, acrobatas do espaço, trapezistas, baristas, perchistas, cascadores, ciclistas de palmeio e meio, chimpanzé e duas paradas de palhaços engraçadíssimas e originais. Amanhã, á tarde, com entrada gratuita a todas as crianças até aos 10 anos.

Recintos de diversões

No Salão Luso, efectua-se hoje pelas 21 e 30, uma festa dedicada á artista Irene de Macedo que por estes dias parte para uma «tournee» pela Europa. Durante o festival, será descerrada uma lápida de homenagem do Fado áquela artista, e fazem-se ouvir mais de 20 fadistas, entre os quais Carlos Ramos, Mariana Silva, Fernando Farinha, Manuel de Almeida, Jorge Silva, e Mário Rocha. O espectáculo é dirigido por Filipe Pinto.

—A festa de homenagem á artista Maria Albertina está marcada para o dia 31 de Janeiro, naquele recinto.

VIDA MUSICAL

Os próximos concertos da Juventude Musical Portuguesa

A Juventude Musical Portuguesa recomeça os seus concertos em 7 do corrente. Nesse dia, no Cinema Império, dará um recital, com obras de Ravel, integrado nas comemorações do 20.º aniversário da morte deste compositor, o pianista Varela Cid, e fará uma palestra o maestro Freitas Branco.

No dia 13, Vasco Barbosa apresentará no Tivoli, um programa de musica contemporânea. Fará os comentários o maestro Silva Pereira.

O subsecretário da Educação inaugurou no Barreiro a Casa da M. P.

BARREIRO, 4 (Pelo telefone). — O secretário da Educação Nacional, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, veio hoje a esta vila inaugurar a Casa da Mocidade Portuguesa da Ala do Barreiro. Acompanhado pelo director do Ensino Técnico, dr. Carlos Proença, pelo chefe do distrito, dr. Miguel Basto, e pelo chefe do distrito escolar, sr. Barreto Mendes, o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa foi aguardado em Coima, limite do concelho, pelas autoridades locais e, junto no novo edificio por dirigentes e filiados da M. P., percorrendo demoradamente todas as dependências.

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa visitou também a Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva e regressou depois á capital.

O PORTO pelo telefone

O nevoeiro

PORTO, 4 — O avião dos T. A. P. que esta manhã saiu de Pedras Rubras para Lisboa ás 8 e 40, já depois de ter ultrapassado Coimbra, regressou ao Porto em consequência do aeroporto da Portela de Sacavem não estar em boas condições de visibilidade. Aterrou cerca das 9 e 40, mas saiu para Lisboa duas horas depois, por já então poder ali descer.

Companhia Nacional de Navegação

Desde 1916 que a Companhia Nacional de Navegação tem instalada a sua delegação na parte ribeirinha da cidade. Dado, porém, o desenvolvimento dos seus serviços, houve necessidade de ampliar as instalações, remodelando o seu edificio próprio, sito na Praça Infante D. Henrique, ao qual foi aumentado um andar, além d'outras ampliações. Para inaugurar o renovado edificio, deslocar-se-ão a esta cidade, na próxima terça-feira, os membros dos conselhos de administração e fiscal da companhia que assistirão ao acto solene da sua benção pelo prelado da diocese, além de outras cerimónias.

Traineira avariada

A traineira «Sousela», da praça de Matosinhos, ao regressar esta manhã da faina da pesca, sofreu avaria no motor no mar de Ovar. Perto navegava a traineira «Painho», que lhe deu reboque, entrando ambas em Leixões cerca das 9 horas.

Cartaz do Porto para amanhã, dia 5

COLISEU—As 21 e 30—«A ultima ilusão».
S. JOÃO—As 21 e 30—«Uma aventura em Londres».
SÁ DA BANDEIRA—As 16 e 21 e 45—A revista «Casa da Sorte».
VALE FORMOSO—As 16, 17 e 45 e 21 e 30—«O Sol nasce amanhã».
OLIMPIA—As 15 e 30 e 21 e 30—«O ultimo couplet».
BATALHA—As 15 e 30 e 21 e 30—«A taberna».
TRINDADE—As 15 e 30 e 21 e 30—«Cinderela em Paris».
NUN'ALVARES—As 15 e 30, 18 e 21 e 30—«Arsénio Lupin».
JULIO DINIS—As 15 e 30 e 21 e 30—«Kelly e eu».
AGUIA DE OURO—As 15 e 30 e 21 e 30—«Pai á força».
RIVOLI—As 21 e 30—Companhia de Teatro Nacional Chinês.

Instituto Italiano

A partir do próximo dia 13, no Instituto Italiano, funcionarão mais dois cursos de lingua italiana. As inscrições podem fazer-se na secretaria do Instituto, Rua do Salitre, 146, telefone 684172, todos os dias, das 11 ás 13 e das 17 ás 20 horas.

Intoxicação colectiva com lactínios

LIBERTYVILLE (Illinois), 4 — Quarenta e sete pessoas foram hospitalizadas, com graves sintomas de intoxicação, depois de terem ingerido queijo fabricado com leite fornecido pelos serviços do Estado. As autoridades ordenaram um imediato inquérito. — (A. N. I.).

As investigações para descobrir o agressor de um motorista



Armando Simões Pessoa

deles foi reconhecido como autor da agressão.

O agressor é muito parecido com o indivíduo de nome Armando Simões Pessoa, cuja fotografia publicamos, tem 32 anos de idade, é natural de Montemor-o-Velho e evadiu-se no dia 1 de Dezembro do Hospital Miguel Bombarda.

O Pessoa, embora se considere estranho á agressão ao motorista, está condenado a pena maior por homicídio e por outro crime grave.

Trata-se de um indivíduo muito perigoso, pelo que foi pedida ás autoridades do País a sua captura.

O autor da agressão ao motorista lutou com um guarda da P. S. P., que teve de agredir com o punho do cacetete na cabeça. O criminoso ficou muito ferido e é de aceitar que conhecia bem o local do crime, cujo móbil continua por determinar.

DE LUTO

Condessa da Lousã

Da sua residência, na Quinta do Relógio, em Paço de Arcos, para jazigo próprio, no cemitério dos Prazeres, realizou-se hoje, o funeral da sr.ª D. Ema Leite Pereira de Foyos e Freitas de Lancastre, condessa da Lousã. O corpo da distinta senhora, que, durante a noite e manhã, foi velado pela família e pessoas da sua amizade, foi retirado, ás 11 horas, da camara ardente para um auto-fúnebre que o transportou ao referido campo de repouso.

Na capela privativa do cemitério foi rezada missa de corpo presente pelo rev. prior de Paço de Arcos, tendo assistido ao acto e tomado parte no préstito muitas pessoas de várias categorias sociais.

António José da Mota

Faleceu o sr. António José da Mota, de 77 anos, 2.º official do Quadro da Fazenda do Ministério do Ultramar, aposentado. Era casado com a sr.ª D. Emilia Santos Mota, pai da sr.ª dr.ª D. Virginia Mota Teixeira de Aguiar e sogro do sr. dr. Irondino Teixeira de Aguiar. O funeral realiza-se amanhã, dia 5, pelas 11 horas, da igreja dos Jerónimos para o cemitério da Ajuda.

Dr. Joaquim de Carvalho Salazar

MIRANDELA, 4 — (Pelo telefone) — Na sua residência, na Avenida Clemente Meneses, faleceu hoje, após prolongado sofrimento, o sr. dr. Joaquim de Carvalho Salazar, solteiro, de 67 anos. Espirito culto e brilhante, era licenciado em Direito por Coimbra e exercia há 37 anos, com todo o apurmo, o lugar de conservador do Registo Civil.

Republicano desde os bancos da escola, não militava na actual situação, mas possuía nela grandes amigos, mercê da sua conhecida correcção.

Muito considerado e estimado, tanto nesta vila, como em todo o concelho e no distrito, a morte do dr. Joaquim de Carvalho Salazar foi particularmente sentida.

O extinto era tio do dr. Gabriel Salazar, advogado nesta vila.

O funeral realiza-se amanhã e será civil, por expressa determinação do falecido.

VIDA RELIGIOSA

A Ala dos Trabalhadores Devotos da Padroeira vai ter uma sede provisória, na Travessa da Ribeira Nova, 26, 1.º, a qual será inaugurada, depois de amanhã, ás 20 e 30, seguindo-se a primeira conferência dos respectivos associados.

Pequenas notícias

EDUCAÇÃO DE ADULTOS

O Clube Desportivo e Cultural Lisbonense aceita a matrícula de todas as pessoas que necessitem de fazer com urgência exames de 3.ª e 4.ª classes, mesmo atrasadas ou analfabetas. As inscrições são feitas no Largo Chão do Loureiro, 1, 2.º (ao Caldas) ou pelo telefone 862244. Há cursos das 9 ás 23 horas.

ASSEMBLEIAS GERAIS

No dia 10, ás 21 e 30, tomam posse os corpos gerentes da Casa do Minho para o exercício de 1958. Foram eleitos presidentes: da assembleia geral, o dr. Nuno Simões; da Comissão Central do Conselho Provincial, o conselheiro António Lopes Vaz Pereira; da direcção, Artur Maciel; do conselho fiscal, o dr. Bento Coelho da Rocha.

—Foram eleitos presidentes da assembleia geral, da direcção, do conselho fiscal e do conselho técnico da Sociedade Portuguesa de Naturologia, respectivamente, os srs. José Gonçalves Lusa, Angelo da Costa Cabral, Manuel Alves e Daniel Ricardo Lopes.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Hoje á noite, há bailes na Associação Luís Braille, Casa da Comarca de Arganil e Casa do Concelho de Tondela.

Amanhã á tarde, realizam-se uma «mantinée»-dançante na Casa do Ribatejo; e uma «soirée»-dançante na Casa dos Açores.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil):

Um manípulo de porta de automóvel; um aro de roda; uma luva de homem; uma gata com a ponta da cauda cortada, arraçada de «Siameses»; uma moeda de 5 pesetas dourada e uma nota do Banco de Portugal; dois pares de luvas de senhora e luvas desirmanadas; um tampão de depósito de gasolina; um estojo de cabedal com artigos escolares; uma bengala branca; a cédula pessoal de Fernando Baptista Pereira; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; uma caixa de cartão com um medalhão com a imagem de Cristo; o bilhete de identidade de António dos Santos; uma bilha de latão com leite; um livro inglês; um porta-chaves com chaves; um alfinete de chapéu de senhora; uma bota de feltro de senhora; uma bolsa de plástico, com chaves e artigos de tocador; um par de meias de «nylons»; uma bolsa de prata de senhora; um «cachecol» de lã; uma corrente de bicicleta; uma caneta de tinta permanente; uns óculos graduados; a chapa de registo de moto, LL 13-00; um anel de prata e um envelope com documentos de Manuel Moreira da Rocha.

Também se encontram no Sindicato dos Motoristas, os seguintes artigos: um varão de latão amarelo; uma mala de senhora, com cartões de visita; uma camisa para homem; um par de luvas de homem e, um cesto de plástico, uma garrafa-termo e roupa de criança.

QUEM ACHOU?

Perdeu-se no dia 31-12-57 oito notas novas do Banco de Portugal de 100\$00, desde a Casa Jerónimo Martins no Chiado, Rua do Carmo, Rua do Ouro até ao Credit Franco-Português, Rua da Conceição. Gratifica-se a quem entregar na Av.ª Liberdade, 202, 4.º, Dt.º.

Acidente de viação perto de Évora

EVORA, 4—(Pelo telefone)—Na estrada da circunvalação, uma bicicleta motorizada conduzida por Julio António dos Santos, residente no Bairro de Santa Maria, atropelou Armando Joaquim Furtado, de 33 anos, morador no Bairro de S. Sebastião, que recolheu ao Hospital da Misericórdia, com lesões graves na cabeça.

Centro Meteorológico

Promovido pelo pessoal do Centro Meteorológico de Lisboa realiza-se no próximo dia 11, ás 20 horas, um jantar de homenagem ao sr. dr. António Silva de Sousa, que até ao passado dia 26 de Dezembro desempenhou as funções de chefe do Centro. O jantar efectua-se no restaurante «A Quinta» e as inscrições podem ser feitas pelo telefone 20904, na Rua da Prata, 53.

VIDA ARTÍSTICA

Salão de Inverno

Está marcada para amanhã, ás 16 horas, a inauguração do Salão de Inverno, na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

CASINO ESTORIL

HOJE — DESPEDIDA DA grande vedeta da Canção Francesa

LINE RENAUD

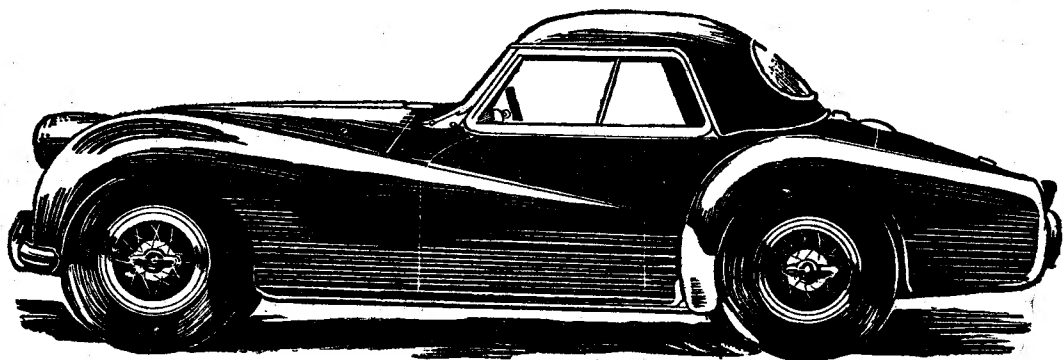
a mais sensacional atracção do momento

A guitarra: LOUIS GASTÉ (17 anos)

AMANHÃ — CHA-DANÇANTE

3.º «RALLYE» DO FIM DO ANO À FIGUEIRA DA FOZ

4 TRIUMPH



6 TRIUNFOS

AMADEU SANTOS SILVA

2.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

(A FRENTE DE CARROS DE MAIOR CILINDRADA).

GRUPO B — CLASSE 3

- 1.º — AMADEU SANTOS SILVA
- 2.º — JOSÉ M. MENDES PEREIRA
- 3.º — JORGE VALLE FÉRIA
- 4.º — AMADEU SANTOS FERREIRA

1.º DA SUA CLASSE NO

CONCURSO DE ELEGÂNCIA E CONFORTO

Conde Barão L^{da}

SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL

AVENIDA 24 DE JULHO, 62-64 — LISBOA
E AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 21-C

Caminhos de Ferro

Em 1 de Janeiro de 1958, a estação de Santa Apolónia que presentemente está habilitada a vender bilhetes de caminho de Ferro para a Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Sarre, passa a ficar habilitada a vender também daqueles bilhetes para mais os seguintes países:

Alemanha (Occidental), Austria, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Luxemburgo, Marrocos, Noruega, Suécia e Suíça. A venda de bilhetes de caminho de ferro para todos aqueles países continua a fazer-se igualmente na estação de Lisboa (Rossio).



José Lopes Soares

Agradecimento e missa

Sua viúva e filha agradecem por este meio a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada e participam que amanhã, dia 5, mandam rezar missa pelo seu eterno descanso, na Igreja da Pena, às 8.30. Agradecendo a assistência a este piedoso acto.



CONDE DE CABRAL

MISSA

A Associação Portuguesa dos Criadores de Cavalos manda celebrar missa pelo eterno descanso do seu querido Director, no domingo, 5, do corrente, na Igreja Matriz de Vila Franca de Xira, pelas 11 horas.

OEIRAS



**António Joaquim
Pedroso
FALECEU**

Estefania Dias Laranjeira Pedroso, filhos, noras, genro, netos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito chorado esposo, pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã a hora a determinar da Igreja da Pena para o cemitério de Oeiras.

AGENCIA VIUVA MILHEIRO

OEIRAS



**António Joaquim Pedroso
FALECEU**

LARANJEIRAS, IRMÃOS, L.D.ª cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do pai do seu sócio-gerente Artur Laranjeira Pedroso, realizando-se o seu funeral amanhã, a hora a determinar, da Igreja da Pena, para o cemitério de Oeiras.

Sociedade Geral



Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU

MANUEL ALFREDO em 10/1

Carrega em Lisboa para Bissau em 7 e para Cabo Verde em 8 de Janeiro
Carga frigorífica em 9 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª classe e turística

ANA MAFALDA em 25/1

Carrega em Lisboa para Bissau em 22 e para Cabo Verde em 23 de Janeiro

Carga frigorífica em 24 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

**Directo: LUANDA, LOBITO
e MOÇÂMEDES**

RITA MARIA em 30/1

(Via Leixões)

Carrega em Lisboa em 27 e 28 de Janeiro
Carga frigorífica em 29 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

**Para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ,
LUANDA, P. AMBOIM, LOBITO**

e MOÇÂMEDES

ANDULO em 15/2

(VIA LEIXOES)

Carrega em Lisboa de 10 a 13 de Fevereiro
Carga frigorífica em 14 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª classe

**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO
e MOÇÂMEDES**

A carga em: HAMBURGO, BREMEN e ANVERS

BELAS

De 13 a 22 de Janeiro e em Lisboa sómente para MATADI em 28 de Janeiro

BRAGA

De 3 a 12 de Fevereiro e em Lisboa sómente para MATADI em 18 de Fevereiro

BRAGANÇA

De 24 de Fevereiro a 5 de Março e em Lisboa sómente para MATADI em 11 de Março

**Para: ANVERS, ROTERDÃO, BREMEN
e HAMBURGO**

A' carga nos portos de Angola

ARRAIÓLOS

De 6 a 20 de Janeiro, recebe também carga para o Havre

BORBA

De 27 de Janeiro a 10 de Fevereiro

BELAS

De 17 de Fevereiro a 3 de Março, recebe também carga para o Havre

Chamamos a atenção dos senhores passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens

TRATAR EM:

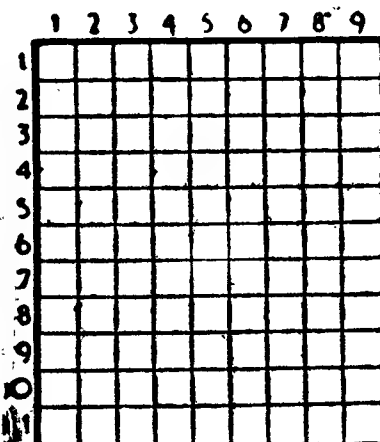
LISBOA: Rua do Comércio, 39 — Telefone 26314/5
PORTO: Rua Sá da Bandeira, 82 — Telefone 27363

DIÁRIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3014



HORIZONTAIS: 1 — Caule. Serra de Portugal. 2 — Apelido. Frequentavam. 3 — Imperfeita. Certos. Em a. 4 — Intimos. Paixão. 5 — Divisão de uma casa. Partir. 6 — Ir-mã da mãe. Santo. 7 — Artigo definido. Maior. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez. 8 — Ande. Artigo definido. 9 — Pregara. 10 — Eia! Artéria. 11 — Resumo. O primeiro fratricida.

VERTICAIS: 1 — General ateniense que comandou a frota grega em Salamina. 2 — Ponges açamo a. Escalvado. 3 — Nota musical. Olé. Vão pelo ar. 4 — Gasta. Abismo. 5 — Símbolo químico do rado. Rio que é Eridan dos antigos. Artigo definido. 6 — Saudáveis. Grande quantidade. 7 — Nesse lugar. Ruins. Nome de mulher. 8 — Vila do concelho de Ourique. Interjeição de dor. 9 — Embelezariam.

Solução do problema n.º 3013

HORIZONTAIS: 1 — Déspota. 2 — Lousa. 3 — As. Gás. Al. 4 — Roer. Ouça. 5 — Adia. Suto. 6 — Ar. Ma. 9 — Arara. 8 — Ré. Aru. Or. 9 — Eram. Sica. 10 — Posso. 11 — Oras. Onde.

VERTICAIS: 1 — Sara. Preto. 2 — Soda. Er. 3 — El. Eira. Apa. 4 — Sogra. Ramos. 5 — Pua. Par. 6 — Osos. Russo. 7 — Tá! Ruma. Ion. 8 — Acta. Oc. 9 — São. Trace.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—A's 21,30 — «As bruxas de Salém».

TRINDEADE — A's 21,45 — «Noite de Reis».

VARIEDADES — A's 21,45 — «O avarento».

MARIA VITÓRIA—A's 20,30 e 22,45 — «Curvas perigosas».

MONUMENTAL—A's 20,45 e 23 — «Os bebês».

AVENIDA—A's 20,45 e 22,45 — «Mas que escândalo!...».

COLISEU—A's 21,30—3.ª Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI—«Dom Quixote».

SÃO LUIZ — «A águia solitária».

POLITEAMA—«E o Sol também brilha».

EDEN—«Elena e os homens».

SÃO JORGE—«Cinderela em Paris».

ROMA—«A avó Isabel».

CONDES—«A família Trapp».

MONUMENTAL—«As girls».

IMPERIO—«Viva las Vegas!».

ALVALADE—«A águia solitária».

AVIS—«A avó Isabel».

ODEON—«Joselito, coração de ouro».

CAPITÓLIO—«A Madelon».

TERRASSE—«Bodas de ouro».

RESTELO—«O grande amor da minha vida».

OLIMPIA—«Vida por vida».

PROMOTORA—«A verdade e o medo».

IDEAL—«O ritmo do século».

JARDIM—«Sementes de violência».

BRANDE — A QUALQUER HORA MAS BEBA BOM.

— BEBA —

KOPKE!

— 1638 —

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSIONA — As 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 18: Concerto pela Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas, que se realiza no Teatro Nacional de S. Carlos. No intervalo, noticiário; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Noticiário; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Comentário político, programa da União Nacional; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo «Vozes do Mundo», revista mundial de som editada por Francisco Mata; 23 e 30: Danças.

Programa B — As 19: Aspectos da música moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Recital de piano, por Ema Contestabile; 20 e 40: Temas portugueses; 20 e 50: Música de arco: «Serenata italiana em sol maior», de Wolf, pelo Quarteto «New Music»; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 3.º acto da ópera «Efígie em Taurida», de Gluck, pelo soprano Naway e outros artistas, Coro de Paris e Orquestra da Sociedade dos Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção do maestro Giullini; 21 e 45: «Cinco Novelas», de Glazounoff, pelo Quarteto de Hollywood; 22 e 15: Música sinfónica: «Concerto op. 54», de Schumann, para piano e orquestra, por Clara Haskill e a Orquestra Residency de Haia, dirigida pelo maestro Van Otterloo; 22 e 45: Que quer ouvir?; «Estudos op. 25», de Chopin, por Alexander Uninsky; 23 e 15: «Cantata n.º 170», de Bach, pelo tenor Deller, conjunto Barroco «Leonardt», sob a direcção de Leonhardt.

RÁDIO CLUBE — As 17: Cantares de Espanha; 17 e 30: Mah-Jong; 17 e 45: Conjuntos; 18: Música das seis; 18 e 15: Orquestra de Jan Corduwener; 18 e 30: Motivos portugueses; 19: Canções; 19 e 30: Jornal da A. P. A.; 20 e 15: Aparentamentos do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Quer um conselho?; 21 e 15: Renée Lebas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Imagens por música; 23: Concerto; 23 e 30: Rhythms de baile do Casino Estoril; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0: Talismã apresenta: «Boa-noite e bons sonhos — Estrelas da meia-noite»; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Rhythms de baile.

Estação Miramar — As 18: Rhythms de baile do Hotel Embaixador; 18 e 30: Folhetim Tavor (R34); 18 e 45: Canções; 19: O homem do dia; 19 e 15: Artistas portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário (em colaboração com a E. N.); 21 e 15: Vozes portuguesas; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Brasil; 22 e 30: Solos ligeiros de instrumentos; 22 e 45: Melodias; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Rhythms de baile.

RÁDIO RENASCENÇA — As 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Tangos; 20: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As últimas novidades; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 50: Música espanhola; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 à 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 21, Abertura; 21 e 2, Noticiário; 21 e 7, Desenhos animados; 21 e 15, «Na rua e na estrada» (programa para automobilistas e peões); 21 e 30, «A Carreira e a Vida»; Thais Bianchi conversa com o pintor Eduardo Malta; 21 e 45, Jornal de Actualidades Internacionais; 22 e 5, O n.º 34 de Desporto no Mundo, revista filmada internacional; 22 e 20, Variedades com Adelaide Ribeiro, o cantor de tangos argentino Carlos «El Payador» e o cantor italiano Elio Mauro — Acompanhamento musical pelo conjunto Jorge Brandão; 23, Últimas notícias e actualidades; 23 e 10, «Esta Palavra Saudade» — a cantora Maria Albertina entrevistada por Artur Agostinho; 23 e 30, Fecho da emissão.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Em Portugal continental o vento é fraco de vários rumos e chove no Algarve por acção de uma depressão centrada ao Norte da Madeira.

Temperaturas às 9 horas: Porto, 10°; Lisboa, 11°; Faro, 15°; Funchal, 14°.

Temperaturas ao meio-dia: Lisboa e Porto, 13°; Bragança, 8°; Faro, 17°; Funchal, 18°; Portalegre, 11°; Coimbra, 12°; Ponta Delgada, 17°; e Evora, 12°.

PREVISÃO ATE A'S 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ: — Céu muito nublado, tornando-se pouco nublado, vento fraco de direcção variável.

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 15,8°; mínima, 11,4°. No mesmo dia do ano passado, máxima, 13,4°; mínima, 6,3°.

— Temperaturas verificadas às 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 12,7°; na água do mar, 13,8°.

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Janeiro de 1928 dedicava toda a sua última página à notícia do funeral do ministro das Colónias, comandante João Belo, dizendo em título que «constituiu um grandioso testemunho de apreço aos méritos do ilustre marinho». A manifestação de pesar associaram-se — dizia — o Governo e os representantes do Exército e da Armada que, pelos seus elementos mais categorizados, acorreram a prestar a derradeira homenagem a quem foi um patriota sem mácula e um trabalhador dos mais honestos e persistentes que em Portugal têm existido.

A LEI EM QUE VIVE

Até ao dia 7 de Janeiro, os chefes de secretaria das camaras municipais e os administradores dos bairros oficializarão aos conservadores do registo civil, juizes de direito, chefes de secções de finanças, directores dos estabelecimentos de hospitalização de alienados ou de asilos de beneficência, comunicando-lhes o início das operações do recenseamento eleitoral e obrigações que lhes incumbem de organizar as relações de indivíduos a que se refere o artigo seguinte (relações de eleitores que devem ser inscritos a título officioso (funcionários, contribuintes) ou eliminados (falecidos, condenados, alienados) com indicação, sempre que possível, da idade, estado, profissão, habilitações e morada). — (Lei n.º 2015, art.º 13.º).

Visita de estudo

de estudantes e professores brasileiros

às oficinas de Alverca

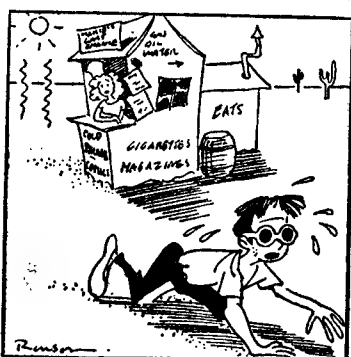
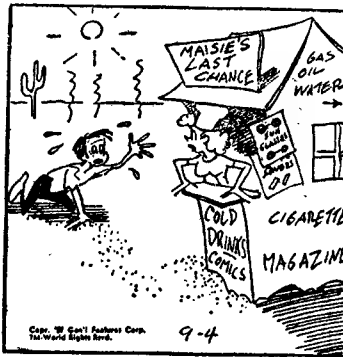
O grupo de professores e estudantes paulistas do Instituto Tecnológico de Aeronáutica que se encontra entre nós, em visita de estudo, e que já esteve no Laboratório de Engenharia Civil e no Instituto Superior Técnico, deslocou-se esta manhã às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico de Alverca. O grupo de estudiosos brasileiros, de que fazem parte dez professores e quarenta e um alunos, era acompanhado pelo prof. Varella Cid, do Instituto Superior Técnico.

Nas oficinas de Alverca, os visitantes foram recebidos pelo tenente-coronel Fernando Alberto de Oliveira, director deste organismo. Os estudiosos brasileiros dividiram-se em dois grupos, um deles interessado no aspecto mecânico dos trabalhos desenvolvidos em Alverca, que era conduzido pelo tenente-coronel Fernando Alberto de Oliveira, outro, interessado nas realizações electrónicas ali operadas, guiado pelo capitão Vilar Queirós.

Os visitantes e a oficialidade das oficinas de Alverca reuniram-se num almoço em que se trocaram saudações.

Os estudantes paulistas e os seus mestres foram depois para Coimbra e regressam ainda hoje a Lisboa, de onde partirão para a Alemanha, no prosseguimento da sua viagem de estudo.

ELE & ELA

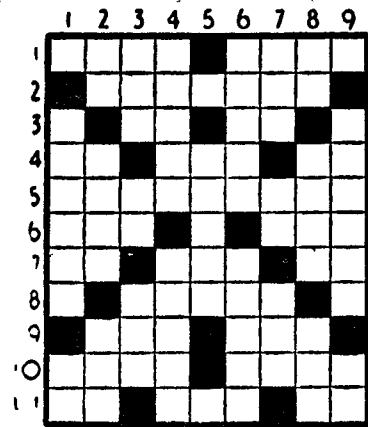


Remédio das Caldas

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1113



HORIZONTAIS: 1 — Circunferência. Cidade da Bélgica. 2 — Respeitara. 3 — Antes de Cristo. Aviso. Artigo definido. 4 — Símbolo químico do érbio. Rio que nasce na serra da Cabreira. Símbolo químico do cloro. 5 — Ecoaria. 6 — Oceano. Conjunção. Tenho conhecimento. 7 — O mais. Irmã do pai. Freguesia do concelho de Ponte de Lima. 8 — Fica. 9 — Preposição. Naquele lugar. 10 — Lavar. De alto preço. 11 — Tempo do verbo ser. Camareira. Artigo definido.

VERTICAIS: 1 — Sapatas. Artigo definido. 2 — Em a. Verdadeira. Salário de soldado. 3 — Apelido do autor de «Os Maias». Senhor. Rate. 4 — Verniz da China (pl.). Planeta que habitamos. 5 — Desapareceis no ar. 6 — Espécie de tabuleiro a certa altura do mastro. Acomete. 7 — Decametro quadrado. Reis. Flanco de um exército. 8 — Símbolo químico do sódio. Remes para trás. Eiró. 9 — Árvores leguminosas. Campeão.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1112

HORIZONTAIS: 1 — Elo. P. A. PAS. 2 — Caraz. Ré. 3 — A. Caria. 4 — Cantais. 5 — NOITE. Ais. 6 — Em. Ni. 7 — Mês. FAZEM. 8 — Romanas. 9 — Solar. 10. Al. Falcão. 11 — Sovar. Olá.

VERTICAIS: 1 — Eça. Nem. Mas. 2 — Lá. Comer. Io. 3 — Orçai. Sós. 4 — Canto. Mofa. 5 — Parte. Falar. 6 — AZIA. Canal. 7 — Aia. Zarco. 8 — Ar. Sines. Al. 9 — Sem. Sim. Coa.

Provérbio: PAPAS A NOITE FAZEM AZIA.

BOLO REI

(RECETA FRANCESA)

Todos têm brinde

Constitui uma especialidade da

CONSERVARIA POMONA

Sempre teve merecida preferência do público

BRÔAS DE ESPECIE — BRÔAS DE CASTELAR

111, 113 — R. da Prata

35/39 — R. S. Nicolau

TELEFONE 26671

Prédio

Vendo B. S. Miguel, jt. Av. Est. U. América e Av. Republica. Construção esmerada, isento 12 anos de contribuições. Lojas e 5 and. a 3 inq. p/ piso. Renda máxima 850\$00 c/ 7 óptimas div. Elevador. Garagens ind. Rende 228 contos. Informa o dono. Rua Augusta, 16-2.º-esq. (15 às 19 horas).

Contra as Frieiras

Use APYROL

Premiado com medalha de ouro

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTE-MOR-NOVO, na casa Joaquim E. Amaro.

A competição russo-americana sobre as bases no Polo Sul pode levar Washington a propor na O. N. U. a internacionalização do Antártico

WASHINGTON, 4.—Crê-se saber que os Estados Unidos parecem encerrar a possibilidade de uma modificação na sua política relativa aos territórios do Polo Sul, antes do fim do Ano Geofísico Internacional.

A posição do Governo, neste capítulo, não se modificou desde 1924: Washington não reconhece qualquer reivindicação territorial dos outros países, mas, também, não impôs a sua soberania sobre qualquer sector do Antártico. A título não oficial, no entanto, os exploradores americanos Richard Byrd e Lincoln Ellsworth reivindicaram para o seu país, há um quarto de século, a vasta «terra de Marie Byrd», que, só por si, representa perto de um quarto do território antártico.

O facto de terem sido instaladas, durante o actual Ano Geofísico, duas bases soviéticas em Mirny e Sovietskaya, num território reivindicado pela Austrália, provocou certa inquietação ao Governo de Canberra que participou o facto, oficialmente em Washington. Por outro lado, a Secretaria de Estado está, hoje, plenamente convencida da importância estratégica que representa a Antártica.

Assinala-se nomeadamente, na capital americana, que o estudo das correntes marítimas e o fundo do Oceano poderão dar aos submarinos russos (em muito maior número do que os dos Estados Unidos) certas vantagens, sublinhando-se, também, que algumas ilhas desérticas do Antártico-Sul oferecem excelentes abrigos para submarinos, os quais teriam assim assegurado um reabastecimento rápido.

As bases da eventual modificação da política americana

No caso de uma revisão eventual da política americana, neste sentido, são quatro as perspectivas que se apresentam aos peritos da Secretaria de Estado:

a) — Os Estados Unidos poderiam afirmar a sua soberania sobre os segmentos da região polar meridional, até agora não reivindicados por outros países.

b) — É possível que Washington venha a propor à O. N. U. a internacionalização do Antártico. Durante a penúltima Assembleia Geral, a

A corrida ao Polo Sul

(Continuação da 1.ª página)

mitidos de Wellington anunciavam, esta manhã, «Fuchs a 80 quilómetros do Polo. Chegará durante o dia de hoje», o «Evening Standard», na edição do meio-dia, indica que, contrariamente às indicações anteriores, o dr. Fuchs está ainda a mais de 500 quilómetros do Polo Sul e não se encontrará, portanto, com sir Edmund Hillary, se este partir, efectivamente, da base americana, na próxima segunda-feira. — (F. P.).

14 AFOGADOS

num naufrágio

DAKAR, 4 — Morreram afogados catorze pessoas, no naufrágio de um barco no rio Gambia, cerca de 200 quilómetros ao Sul desta cidade. — (A. N. I.).

Estes vinhos afamados

São MESSIAS, sem rival

São vinhos mais premiados

Deste nosso PORTUGAL

NÃO VER O ACTUAL PROGRAMA DE VARIEDADES DA TAGIDE E DO PALM BEACH É PERDER O MELHOR ESPECTÁCULO DE «MUSIC-HALL» APRESENTADO EM PORTUGAL!

Índia pediu, sem resultado, a inscrição do assunto na «ordem do dia».

c) — A aplicação da «doutrina de Monroe», à zona Sul do cabo Horn poderia permitir que os Estados Unidos reivindicassem estes territórios, em idênticas circunstâncias ao que fizeram a Argentina e o Chile.

Foram lançadas

armas em pára-quadras sobre o Timor indonésio

DJAKARTA, 4. — Numa declaração radiodifundida, o ministro dos Negócios Estrangeiros anunciou que aviões não identificados lançaram armas, em pára-quadras, sobre a parte indonésia da ilha de Timor, onde «bandos de rebeldes estão a intensificar as suas actividades». — (A. N. I.).

O problema das relações entre os dois blocos rivais

(Continuação da 1.ª página)

dições, as probabilidades de uma negociação sobre o desarmamento.

Oposição soviética à política de Foster Dulles

A U. R. S. S. insistiu, nestes últimos tempos, tanto nas suas declarações oficiais, como nos comentários de Imprensa, na necessidade de uma negociação sobre o desarmamento com uma participação igual dos dois blocos. Assim, uma proposta para uma Conferência de Quatro não parece susceptível de ter o acordo da União Soviética.

Verifica-se, por outro lado, principalmente, depois da última sessão da N. A. T. O., uma oposição total dos Russos contra a política do secretário de Estado, Foster Dulles, sendo evidente que, ao mesmo tempo que deseja reatar o diálogo com o Ocidente, a U. R. S. S. pretende evitar qualquer negociação na qual tome parte aquele homem público. Por outro lado, a diplomacia soviética afirma que os ministros dos Negócios Estrangeiros não poderão ser bem sucedidos nos pontos em que se malograram os esforços dos peritos e que, por conseguinte, só a arbitragem dos chefes de Governo poderá fazer sair a questão do desarmamento do actual «beco-sem-saída».

Segundo parece, os Russos poderiam aceitar uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros, com a condição que ela fosse peritória e como que o preâmbulo a uma reunião ao mais alto nível, mesmo a quatro.

O certo, porém, é que uma conferência a dois, com os Americanos, parece ter o seu acordo total, parece sem dúvida, a expectativa de uma tal negociação bi-lateral, que os levará a aceitar uma conferência de certa amplitude. — (F. P.).

Washington prepara a resposta a Bulganine

WASHINGTON, 4.—Interrompendo por 24 horas a sua estadia em Gettysburgo, o presidente Eisenhower deslocou-se à capital, para conferenciar, na Casa Branca, com o secretário de Estado, Foster Dulles.

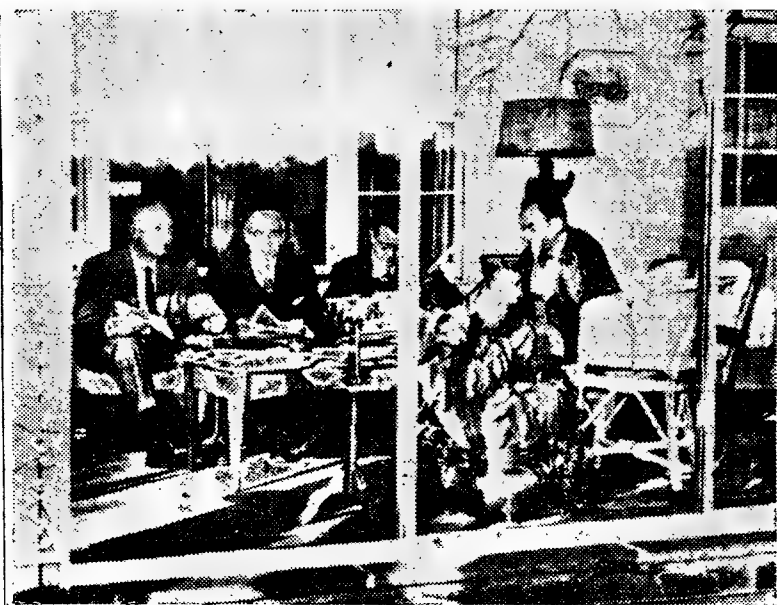
Canberra, a parte compreendida entre a terra de Wilkes e o Pólo Geográfico, ou seja, pelo menos, metade do continente.

Por outro lado, não se crê, na capital almericana, que os exploradores soviéticos, instalados no Polo Sul, venham a evacuar o território dentro de um ano. Mais uma razão — afirma-se em certos meios informados — para que Washington saia da sua política de expectativa no Antártico e pense em tornar permanentes algumas das sete bases americanas estabelecidas naquela região. — (F. P.).

Deslocação da base científica russa no Polo Norte

MOSCOVO, 4. — A base científica russa Polo Norte-6, instalada numa ilha de gelo flutuante, deslocando-se no centro do Arctico, percorreu em oito meses, 2.015 kms., o que representa em linha recta 50 kms., — anunciou V. Driatzyk, chefe da estação, em radiotelegrama.

As observações mostraram que o vento é o factor essencial do movimento dos gelos naquela região. — (F. P.).



EISENHOWER COM OS SEUS COLABORADORES — O presidente dos Estados Unidos em conferência com o director do orçamento, o assistente especial para assuntos científicos e de tecnologia e os respectivos adjuntos. O problema das verbas a atribuir aos assuntos de investigação científica e técnica paira como uma presença premente

Ultimas notícias

• Kruchtchev vai ao Egipto?

CAIRO, 4 — Kruchtchev visitará, este ano, o Egipto — afirma o «Akhar el Yom», acrescentando que a notícia teria sido dada aos meios competentes egípcios pelos membros da delegação da U. R. S. S. à Conferência Afro-Asiática. Os círculos oficiais não confirmam nem desmentem a informação. — (F. P.).

• Atentados em Beirute

BEIRUTE, 4 — Houve três mortos numa forte explosão, esta manhã, num andar de um prédio do bairro oriental, habitado por parentes de um oficial sírio, Mahmud Naameh, evadido há um mês da prisão de Mezze, preso como implicado na «conjura americana».

Ontem, um atentado na central eléctrica de Maasuk, perto de Tyr, causou grandes prejuízos. — (F. P.).

• As voltas do «Sputnik»

LONDRES, 4 — O «Sputnik II» completou, ontem, 865 voltas à Terra — segundo informou a Rádio de Moscovo. Não fez, porém, qualquer referência ao primeiro satélite, cuja entrada na atmosfera fora anunciada para breve. — (A. N. I.).

• Violento ciclone em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 4. — A ilha de Moçambique, foi assolada por um ciclone, com rajadas a velocidade horária de 90 quilómetros, que causou avultados prejuízos materiais, em embarcações e respectivas cargas.

O paquete «Angola», ancorado no porto, teve de sair a barra, regressando depois de ter passado a tormenta. A carga que lhe era destinada e se encontrava no cais, teve grandes prejuízos.

A cidade, além de algumas árvores arrancadas e partidas, pouco sofreu e não houve, felizmente, de castres pessoais. — (L.).

• A luta das duas Chinas

TAIPEH, 4 — A artilharia costeira da China continental voltou a bombardear as ilhas do Estreito da Formosa, ocupadas pelas forças da China insular.

Nas ilhas Pequena Quemoy, Ta-tang e Ertang caíram mais de 400 granadas, que causaram algumas baixas e estragos materiais. As baterias das três ilhas ripostaram ao fogo. — (A. N. I.).

• O incidente anglo-albanês

LONDRES, 4 — A embaixada britânica em Belgrado anunciou que o «Skymaster», detido, há dias, em Valona pelas autoridades albanesas, levantou voo, esta manhã, para uma base em Inglaterra. — (A. N. I.).

• Abalo sísmico no México

ACAPULCO (México), 4 — Esta cidade foi abalada, de madrugada, por um terramoto de intensidade moderada, acompanhado de ruídos subterrâneos. De tipo oscilatório, o sismo foi sentido também na Cidade do México.

Ao que parece, não houve vítimas nem danos materiais dignos de menção. — (A. N. I.).

Parece que foi preso o general comandante das forças militares da Venezuela

CARACAS, 4.—Sabe-se, de boa fonte, que o general Fuentes, comandante-chefe das forças terrestres, foi preso na véspera do Ano Novo.

Até agora, porém, não há confirmação oficial.

Na quarta-feira, à tarde, dois correspondentes da «France-Presse» em Caracas conseguiram chegar sem dificuldade a Maracay, onde assistiram ao fim da sublevação, que foi provocado por 25 aviões da base de Palo Negro, igualmente revoltada, e que, tendo decidido render-se, bombardearam, ao anoitecer, vários pontos estratégicos e o Q. G. do Estado-Maior rebelde, seguindo depois para o aeródromo de Caracas. Foi nessa altura que os treze oficiais, incluindo o comandante do corpo de pára-quadristas de Maracay, dirigentes da revolta, deixaram a cidade num avião que aportou à Colômbia. Privada de comando, a praça militar de Maracay rendeu-se pelas 3 horas da madrugada. Os combates aéreos e terrestres não duraram ao todo mais de 180 minutos.

Ainda não se apurou o total das vítimas dos acontecimentos do dia

TAGIDE DOMINGO

Das 17,30 às 20 h.

Chá Dançante

Com todas as atracções, num «show» de grande «music-hall»

ELIO MAURO — CARLOS «EL PAYADOR» — TRINI REY — TONY SAM — Orquestra italiana ROSÁRIO — YOLA e PAULO — ADELAIDE RIBEIRO — Conjunto JORGE BRANDÃO, animado por JIMMY — TOBIAS VALIDO.

Consumo obrigatório ESC. 25\$00

Maiores 17 anos

O jogo Sporting-Belenenses como principal problema

Continua amanhã a disputa do campeonato nacional da Primeira Divisão, realizando-se como sempre sete partidas de futebol, todas com interesse, dado o momento em que a prova se encontra. Se o jogo de maior cartel e interesse é, sem sombra de dúvida, aquele que se efectua no Estádio Alvalade, quase todos os outros encontros interessam para a classificação, especialmente no que diz respeito aos dois últimos lugares, talvez a questão mais intricada que o campeonato contempla. Os jogos são os seguintes:

Sporting-Belenenses
Salgueiros-Porto
Benfica-Barreirense
Braga-Oriental
Vitória-Caldas
C. U. F.-Lusitano
Torriense-Académica

O último resultado feito pelo Belenenses no seu Estádio do Restelo provocou ainda maior curiosidade relativamente ao jogo que se celebra em Alvalade. A circunstância da equipa do Sporting, ao que parece, se apresentar desfalcada dos seus magníficos interiores, torna ainda mais duvidoso o resultado.

Não interessa o facto do Belenenses não estar interessado na conquista do título, pois é sempre agradável vencer os «leaders»... Terá o clube do Restelo suficiente capacidade para ganhar?

Parece-nos que sim:—Matateu está em forma, e os novos elementos introduzidos na linha de ataque como que lhe imprimiram um estilo novo, mais aguerrido.

É a altura dessa linha de ataque prestar provas, pois a defesa sportinguista sabe fechar as balizas e normalmente cumpre o seu dever. Se esta defesa, em bloco, segurar o adversário, é possível que o ataque «leonino» possa operar com firmeza e desenvoltura, chamando o adversário à realidade. Há um elemento de ordem psicológica que poderá influenciar a partida, o qual é a derrota ter um valor diferente—conforme caia para um lado ou para outro...

Se quase todos os jogos interessam os problemas fundamentais da

classificação, há dois excluídos desta regra: Benfica-Barreirense e Torriense-Académica. Seja qual for o resultado, não comprometerá qualquer situação...

Apesar das boas provas já prestadas pelo Barreirense, entende-se que a superioridade do Benfica será suficiente para dominar o seu feroz adversário, o qual não deixa de ser sabedor e experiente. Note-se que, a pouco e pouco, o Benfica volta ao antigo alinhamento...

Em Torres, depara-se a Académica uma tarefa difícil, mesmo que jogue descontraindo e sem receio do desfecho. O Torriense revela combinação regular, e o seu ataque dispõe de bons rematadores.

As restantes partidas interessam quanto ao problema das últimas classificações. O Salgueiros recebe, em sua casa, o F. C. do Porto, parecendo ser este momento o pior para receber visita tão categorizada... É que o Porto não pode perder! Entre os dois clubes existe grande diferença de organização, não se vendo como os salgueiristas poderão resistir... (atenção-se na alteração do quadro portuense).

O Oriental desloca-se a Braga, certamente na disposição de lutar com animo, ainda que com inteligência. Não está de antemão vencido—mas o seu trabalho é árduo... A defesa do Sporting de Braga tem revelado ultimamente uma insegurança que deixa o quadro exposto à intemperie... Julga-se, no entanto, que o ataque bracarense será capaz de ganhar o jogo (tem a palavra a boa defesa do Oriental).

Em Setúbal, joga o Caldas. No ponto de vista teórico, os Setubalenses praticam «association» com força capaz de vencer, e até de acumular um número de golos que ponha o grupo a coberto de qualquer intranquilidade. Mas os Caldenses devem procurar organizar-se tendo em vista dois pontos: organização defensiva e funcionamento de contra-ataque. Além disso, o grupo conta com intérpretes para o dispositivo em vista.

A C. U. F. também joga uma partida difícil, ao receber o Lusitano

—que não é grupo que se deixe vencer com facilidade...

O desafio, no que se refere à movimentação, deve ser dos mais interessantes da jornada, havendo a previsão de lances alternados e situações difíceis em frente de ambas as balizas. Enfim, como nota final, deverá dizer-se que a Sorte, com os seus caprichos, poderá muito bem desfigurar até todas as partidas...

O maior interesse da jornada no torneio da 2.ª Divisão

Ser-se-ão nos jogos de Guimarães e Olhão

Com os desafios marcados para amanhã ficarão vencidos dois terços da fase inicial do campeonato nacional da 2.ª Divisão. Mas, porque as dúvidas quanto aos clubes que não de passar à fase final da prova e, ainda, quanto aos que virão a baixar de Divisão subsistem, o interesse mantém-se vivo, despertando os jogos a maior expectativa. Vejamos quais as perspectivas da jornada de amanhã — a 18.ª do certame.

*

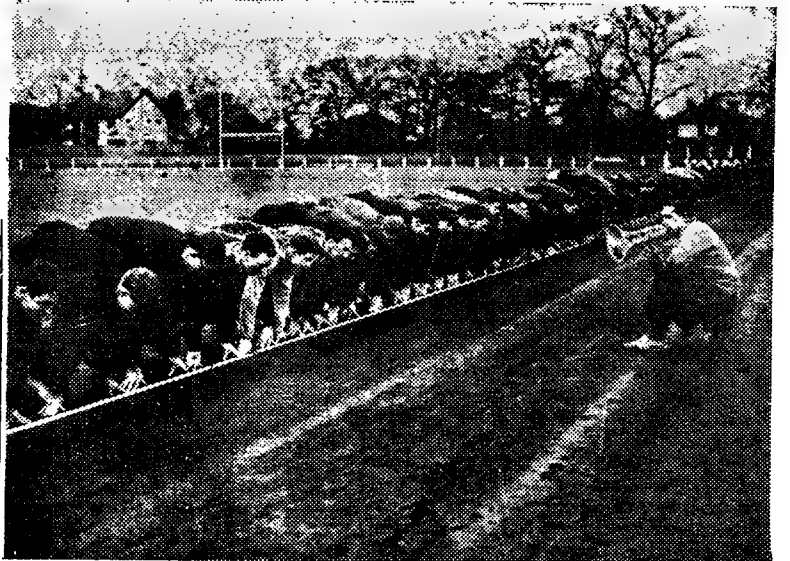
O programa de jogos na Zona Norte oferece para amanhã os seguintes desafios:

Vila Real-Gil Vicente	(1-1)
Leixões-Sanjoanense	(1-3)
Vianense-Marinense	(1-3)
Vit. Guimarães-Covilhã	(1-5)
Tirsense-Boavista	(0-4)
Peniche-Chaves	(3-6)
Leões-Espinho	(1-5)

O desafio de Guimarães sobrepo-se a todos os outros. A valia das equipas que se defrontam e a importância que o desfecho da luta oferece para as suas aspirações tornam este encontro o principal da jornada. Os vimaranenses não terão esquecido a pesada derrota sofrida há treze semanas e, por certo, darão tudo por tudo para obterem a desforra. Que a consigam parece, com efeito, o mais natural, embora sem anular a diferença de golos.

Segue-se em importância o Leixões-Sanjoanense. Os matosinhenses melhoraram consideravelmente, podendo muito bem acontecer que logrem a apetecida desforra. Em Vila Real, Viana do Castelo e Santo Tirso, a perspectiva é de lutas equilibradas, porquanto as maiores possibilidades dos grupos visitantes poderão, em parte ser

O ATLETISMO NA INGLATERRA — Em todas as escolas inglesas pratica-se largamente o atletismo, instruindo-se os atletas nos segredos da técnica. A foto mostra o instrutor Geoffrey Dyson, chefe da equipa nacional de amadores, provido de um megafone (instrumento que ainda no ano passado foi utilizado em Portugal, em treinos de futebol), dando instruções quanto à posição e movimento da partida



anuladas pelo factor ambiente. Creemos, todavia, que o Boavista será o que melhor torneará a dificuldade da deslocação, pelo que nos inclinamos por empates em Vila Real e Viana do Castelo e vitória do visitante em Santo Tirso.

O Peniche e o «Leões» vão aproveitar a circunstância de serem visitados para tentarem vitórias que os livrem ou, pelo menos, ajudem a livrar da situação pouco invejável em que se encontram.

*

Pelo que respeita à Zona Sul temos:

Arroios-Portalegrense	(3-1)
Estoril-Desp. Beja	(2-5)
Almada-Juventude	(0-2)
Montijo-Coruchense	(1-2)
Olhanense-Atlético	(5-2)
Serpa-Montemor	(1-3)
Portimonense-Farense	(1-2)

Prevalecem os desafios em que os grupos visitados vão tentar desforras dos desaires sofridos há treze semanas. É o caso do Estoril, do Almada, do Montijo, do Serpa e do Portimonense. Poderá acontecer que nem todos consigam realizar o seu desejo, mas não é temerário pensar que, pelo menos, o Montijo e o Serpa possam rectificar os resultados da 1.ª volta.

Já a tarefa do Estoril, do Almada e do Portimonense se apresenta bem mais difícil, pois deve acreditar-se que a vantagem de jogarem em casa não bastará para anular a maior capacidade dos seus adversários. Aos estorilistas e aos almadenses não faltará vontade e animo para uma aplicação constante que os leve a distanciarem-se do «lanterna-vermelha», o que implicará tarefa difícil para o Beja e o Juventude. Julgamos, todavia, que os alentejanos não perderão.

O Portimonense-Farense deve

fornecer despiques ardorosos e de resultado nivelado. O Farense jogará sem preocupações de maior, porquanto, se perder, apenas virá reduzida a sua vantagem sobre o segundo... se este, por sua vez, triunfar. Um empate, afigura-se-nos hipótese a considerar.

O Arroios-Portalegrense é desafio que permitirá, por certo, à equipa lisboeta confirmar a vitória da primeira volta.

E falta o Olhanense-Atlético, que podemos considerar o jogo de maior interesse na Zona. O maior favoritismo concede-se, sem dúvida, aos algarvios, mas não descremos de que os alcantarenses possam contrariar essas previsões. O Olhanense precisa de ganhar, sem o que corre o risco de baixar de posição.

EM S. PAULO

Manuel Faria na prova de 5.000 bateu o russo Kutz

Manuel Faria, o grande vencedor da corrida de S. Silvestre, participou ontem numa prova de 5.000 metros, no Estádio de Pacambu, à qual concorreram igualmente vários estrangeiros, entre os quais o russo Vladimir Kutz. O corredor sportinguista fez uma corrida estupenda! A duas voltas do fim, atacou Kutz e ultrapassou-o, mas não pôde evitar a vitória do argentino Suarez, que aguentou o ataque e venceu nos últimos metros. Os seis primeiros classificaram-se pela seguinte ordem:

1.º, Osvaldo Suarez, argentino, 14 minutos 23.3 segundos; 2.º, Manuel Faria, português, 14 e 24.3; 3.º, Vladimiro Kutz, russo (a 800 metros dos primeiros), 14 e 45; 4.º, Louis Chiclet, francês, 14 e 50.4; 5.º, Hannu Posti, finlandês, 15 e 1.7; 6.º, Edgar Freyre, brasileiro, 15 e 8.6.

A prova dos 10.000 metros, com que se encerrou a sessão, perdeu o interesse desde que se soube que não concorreriam os mais fortes atletas. Com valores muito equilibrados, a chegada dos cinco primeiros fez-se pela seguinte ordem:

1.º, Walter Lemos, argentino, 31 minutos e 22.8 segundos; 2.º, Basil Heatley, inglês, 31 e 29.4; 3.º, Alfredo Oliveira Junior, brasileiro, 32 e 21.4; 4.º, Geraldo Faustino Alves, brasileiro, 32 e 59; 5.º, José Vaz, brasileiro, 33 e 22.

A Medalha de Prata da Associação de Atletismo para Manuel Faria

A Associação de Atletismo de Lisboa, na sua última reunião, resolveu louvar a equipa de fundistas do Benfica, que participou no XII GranPrémio de Natividade, em Vigo; e o atleta do Sporting, Manuel Faria pela brilhante e excepcional vitória na corrida de S. Silvestre. Além disso, a Associação concedeu ao referido atleta a medalha de prata.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO

Na sua pista de Alvalade e sob a orientação do prof. Hans Lipka, o Sporting promove amanhã, às 9 e 30, um torneio de atletismo, denominado «Iniciação», destinado a sócios e simpatizantes, dos 13 aos 16 anos.

BASQUETEBOL

Estão marcados para amanhã os primeiros encontros da segunda volta da fase inicial dos campeonatos de juniores e infantis da A. B. L. Os encontros marcados são os seguintes:

Campeonato de juniores—Série A — Maria Pia-Sporting A, em S. Gens; Sacavenense-Moscavide, em Sacavém—ambos às 9 e 30; **Série B** Carnide-Campo de Ourique, em Carnide, às 10 h.; Algés e Dafundo-Queluz, em Algés, às 11 h.; **Série C** — Nacional-Atlético, em S. Bento, às 9 h.; **Série D** — Belenenses-Liberdade, nas Salésias; Ateneu-Oriental, em S. Antão, ambos às 9 e 30; Tabacos-Sporting B, nos Barbadinhos, às 10 e 30.

Campeonato de infantis—Série A — Queluz-Sporting A, em Queluz, às 9 h.; Algés e Dafundo-Nacional,

em Algés, às 9 e 30; Belenenses-Cruz Quebradense, nas Salésias; Benfica A-Carnide, no Campo Grande, ambos às 11 h. **Série B** — Campo de Ourique-Benfica B, em Campo de Ourique, às 10 e 30; Atlético-Combatentes, na Tapadinha; Ateneu Comercial-Campolide, em Santo Antão—ambos às 11 horas.

CORTA-MATO

Capete amanhã aos principiantes disputarem o seu campeonato nacional de corta-mato, que a Federação Portuguesa de Atletismo marcou para Coimbra, onde a competição terá início às 15 e 30, com partida e chegada ao Estádio Municipal.

A distância a percorrer é de 4.000 metros aproximadamente, havendo classificação individual e por equipas de cinco corredores.

O despiques é aguardado com o maior interesse e deve proporcionar uma magnífica jornada de propaganda de corta-mato, na Lusa-Atenas.

DESPORTO CORPORATIVO

O 16.º campeonato de futebol (distrito de Lisboa), da Fundação Na-

(Continua na 20.ª página)



Esta semana, diz o médico...

Dois discípulos de Freud face a face

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

As primeiras grandes reservas à teoria da libido surgiram, com Adler e Jung, em 1910. Freud não perdoou e os discípulos revoltados tiveram de o abandonar. A célula da psicanálise dividiu-se.

Qual a contribuição de Alfredo Adler? Este autor demonstrou que a neurose se encontrava mais ligada à estrutura pessoal do que ao mundo dos instintos. Tentando ser mais explícito deu especial relevo à «competição social» na etiologia da dinâmica patológica e, assim, destacou o valor da unidade do indivíduo, do carácter e da personalidade.

Ficou para sempre ligado ao conceito de sentimento de inferioridade, alicerce sólido da psicologia individual.

Tal sentimento, comum ao ser humano, não se encontra encadeado com as deficiências orgânicas, conexão a distúrbios morfológicos ou funcionais.

Existe na criança, ser desprotegido; estrutura-se no adolescente e no adulto.

Essencialmente torturante, compensado pela expansão do «ego», torna-se, vida fora, na base de todos os êxitos, reais ou nevroticos. O acidente patológico surge, mercê das teorias de Adler, como o resultado de uma tentativa de arrumação, de reajustamento pessoal, escalada para o êxito ou para a inevitável queda no fracasso, em virtude do alvo se encontrar para além, muito para além dos objectivos essenciais e legítimos.

PERGUNTA-ME se eu já vi um fantasma — mas a resposta ainda que apreça revelar certo pedantismo da minha parte, tem de ser condicionada ao conceito que se formula sobre um fantasma.

Embora eu tenha passado por uma experiência, estranha e perturbadora, sobre qualquer coisa, vacilo em classificar o caso de *sobrenatural* — e verão porque, quando acabar a narrativa da história singular, se quiserem, realmente, que a conte. Gostaria, na verdade, de fazê-lo, pois, a bem dizer, senti-me, então, profundamente emocionado e, ainda hoje, a sua lembrança me causa grande inquietação. Por isso estimo muito ouvir opiniões abalizadas, principalmente a sua, professor. De qualquer modo, aí vai a história:

Há-de haver uns dois anos, estando para me reformar, comecei a procurar uma pequena e repouante casa de campo, o que não era muito fácil de conseguir assim do pé para a mão, pois tive de visitar dezenas delas até um corretor de Amhurst me oferecer precisamente aquela que eu ambicionava. Era uma propriedade acolhedora, chamada *Well Cottage*, numa vilória a cerca de duas milhas da cidade.

Não havia ali nada de notável, pois não se tratava de uma dessas mansões ao velho estilo com vigas de carvalho sustentando o tecto e a característica chaminé exterior, mas, como eu gostava, uma casa ampla, e de aspecto despretencioso, resultante de duas moradias rústicas transformadas numa única, em cuja adaptação, com certas comodidades, o antigo proprietário gastara soma razoável. Contudo, o que logo me entusiasmara foi o jardim, maior do que vulgarmente, onde havia muitas árvores de fruto — um excelente vergel para o meu treino de amor.

Tinha um poço que ficava ao fundo e não devia servir desde há muito, mas imprimia ao local — eu assim gostava de imaginar — um tom pitoresco e de característica individual. Era tão fundo que se lhe deitássemos uma pedra, medearia um espaço razoável até se ouvir o eco abafado da sua queda na água, lá em baixo.

Instalei-me ali no Inverno e achei o ambiente morno e confortável. Por intermédio do vigário, que pertencia, também, à minha Faculdade, contratei os serviços de uma senhora da vila próxima, Mrs. Hodges, a qual, diariamente, cuidava do arranjo da casa. Assim, a existência corria-me tranquila: lia muito, internava-me, em explorações pelos

Adler associou o sexo masculino com a força, o poder e o triunfo e o feminino com a inferioridade.

O anseio masculino seria universal, tentaria dominar, impor-se; constituir-se-ia em protesto, tentando vencer. A neurose seria o recurso, o desejo íntimo recalcado, a necessidade imperiosa de somar vantagens, todo o drama na sua profundidade secundária ou primária.

Assim, enquanto o homem freudiano, já estudado, se identifica de uma maneira diferente, accionado pela libido insatisfeita, o homem de Adler, impulsionado e movido pelo sentimento de inferioridade, naufraga, luta pelo poder, atraído pela miragem incerta de um objectivo que se desloca.

Todos os movimentos do indivíduo são coordenados e algemados a um propósito, a um fim.

Toda a actividade sexual pode encontrar-se ligada ao desejo de poder e não se verificar na base da neurose.

Essencialmente especulativo, Adler adivinhou, com rara clareza a posição do indivíduo no agregado social, delineando, com visão certa, aspectos psicológicos da cultura contemporânea.

Curioso é verificar, acompanhando Adler, o mistério de certos triunfos, o emaranhado das manobras, denotando insuficiência a cada passo, as falsas atitudes de modestia,

os sorrisos comprometedores e ocios, a comparticipação do organismo inteiro numa comédia que denuncia ansiedade crescente. A luta em si, quando observada de perto, compromete todo o sistema pessoal, atingindo o desespero.

As teorias adlerianas consideram diferentemente as actividades sexuais, postas em jogo na luta pelo triunfo.

Adquirem, assim, um sentido simbólico que se denuncia na própria neurose.

O erro de Adler — quando, a distância de anos se comenta a persistência no ponto de vista igual, e inicial — consistiu na planificação do sentimento de inferioridade e, em seguida, na pretensão de explorar, apegado a ele, a origem de todos os desajustamentos humanos. Levado pela impetuosidade dos próprios sentimentos, confundiu causa com efeito e ignorou, em relação à neurose, factos dinâmicos mais profundos.

A técnica terapêutica, inerente ao novo método, degenerou. Passou da psicanálise pura para o campo da pedagogia, pelo que o chamado processo adleriano de reeducação não alcançou o êxito esperado.

Deve-se, porém, a este discípulo de Freud o conceito de unidade, uma visão total da dinâmica humana e, ainda, a admissão de factores culturais na modelação do homem.

A visão de Carl Jung, outro discípulo de Freud, é diferente. Pela primeira vez com este investigador se analisa e investiga a situação familiar e se salientam as influências maternas no período formativo.

Na dinâmica nevrotica passou a ter lugar de grande destaque o anseio de voltar à mãe, à segurança total, ao desejo de renascimento, desejo este que António Nobre vinculou em muitas das suas poesias. Quantas vezes os poetas marcaram posição primeira antes dos psicólogos!

Contrariamente a Adler, o pensador suíço não repudiou as teorias freudianas: procurou antes ampliá-las e planificá-las.

Deu aos símbolos uma maior extensão, significado mais amplo. As preocupações de origem sexual, para Carl Jung, podem denotar conflitos alheios à esfera sexual. Foi o primeiro a assinalar a existência do «inconsciente colectivo» e os pontos de contacto que existem entre os símbolos e os mitos dos variados agregados humanos.

Esse inconsciente colectivo (colectivo e arcaico) revelaria ao observador a existência comprovada de uma sabedoria ancestral, fonte de toda a criação. A terapêutica junguiana, bem diferente da de Adler, consistiria em fazer mergulhar o doente no inconsciente colectivo, herança secular de cada indivíduo. Como? Pela análise condicionada

obrigaria, para além das preocupações superficiais, a estimular o consciente colectivo. O ser humano tomaria posse, psicanaliticamente, da cultura adquirida através dos séculos.

Foi, porém, na formulação do conceito da libido que Jung se distanciou de Freud. Para o psicanalista suíço a libido seria primária, indiferenciada, «na realidade» força vital.

A deserotização verificar-se-ia a cada momento não podendo ser convertida de novo em energia sexual. Em oposição a Freud, Jung justifica que nem todo o prazer é sexual, e que a sexualidade só conta como factor essencial a partir da pré-puberdade.

Esta deslocação dá papel importante à relação criança-pais.

As tensões emocionais ocupam lugar de primeiro plano, e o papel da mãe cresce e avulta-se. Chegase, então, com relativa facilidade, seguindo Jung, às condenações absurdas dos educadores. Um caso actual leva a atribuir ênfase a essas condenações.

A observação e estudo de uma doente, cujo protocolo é dos mais curiosos, mergulhou-me na análise da obra de Carl Jung.

Penso nessa doente ao rematar este apontamento, medito na vida transviada de um ser nascido para o exacto, a precisão, e que a neurose, mutilou implacavelmente... Que tristeza verificar que a «lua é morta» naquela vida sem consciencialização!...

Eu esperava-os no jardim; e vi-os atravessarem-no, quando chegaram: o jovem, o corretor e... E eu olhava, apavorado, para o pequeno grupo, pois vinha ali a *Dama Afogada*. Agora não se assemelhava à que eu vira anteriormente: estava viva, enxuta e sorria. Mas era ela, sem sombra de dúvida! Reconhecê-la-ia em qualquer parte!

—Aqui estamos! — disse-me o rapaz —. A propósito, apresento-lhe minha mulher.

Ela, com certeza, devia ter-me achado pouco delicado, pois eu não podia despregar os olhos daquele rosto, que me era familiar e, ao mesmo tempo, singularmente desconhecido. Parecia-me tudo isso angustiosamente irreal: que estivesse ali, sorrindo para mim ao Sol primaveril e, ainda mais, que eu sentisse o calor das suas mãos!...

Convidei-os a entrar, para que vissem a casa, enquanto ficava a passear, muito excitado, pelo jardim, procurando, com febril inquietação, compreender aquela mudança nos acontecimentos. Quando se me clarificou um pouco o cérebro, no meio daquela atormentada confusão, tentei recordar de alguma coisa do que lera sobre tais fenômenos: — *Experiência com o tempo* e coisas semelhantes, que certamente conhecem —. Permanecia, contudo, ainda num estado de emaranhada indecisão quando os três voltaram.

—Okcy! — disse o jovem —: Doreen e eu adoramos este lugar. Não é assim, querida?

Ela confirmou, no meio de efusiva alegria. Mas eu tomei, rapidamente, a minha decisão:

—Vão-me perdoar — respondi-lhes —. mas mudei de ideia. Já não venho a casa!

Todos eles me olharam, muito admirados.

—Mas veja — insistia o rapaz —: nós queremos comprar-lha. Se é uma questão de preço...

—Não! não há questão de dinheiro! Não quero vendê-la ao senhor. E nada mais tenho a dizer-lhe!

Acabaram por se convencer da minha intransigência e retiraram-se. E, naturalmente, durante a viagem de regresso a Amhurst, o corretor explicou-lhes que eu era meio doido.

Algumas semanas depois, vendi *Well Cottage* a um oficial do Exército, reformado. Isto passou-se, como lhes conto, há-de haver uns dois anos; e não voltei lá. Nunca mais, porém, me esqueci da *Dama Afogada*.

Ora, o senhor professor já sabe, com certeza, qual a pergunta que trago em mente.

E' isso mesmo: — Terei eu conseguido salvar a vida daquela pobre rapariga ou não?

O espectro da «Dama Afogada»

Texto integral do conto de ADRIAN ALINGTON

campos á volta, estabelecia amizade com os vizinhos, embora poucos, mas simpáticos e amáveis. Entretanto, aguardava o irromper da rissonha Primavera.

Visto tratar-se de uma história de fantasmas, estão, com certeza, á espera que lhes diga ter tomado, á pouco e pouco, a consciência de um «estranho e indefinível ambiente de sobrenatural», a adensar-se na minha propriedade. Pois foi o que, na realidade e lentamente, aconteceu.

Era por uma tarde de Abril, principiavam a desfazer-se as flores no meu pomar. Começava a envolver-me a claridade crepuscular, mas eu permanecia sentado no jardim, pois o dia estivera soalheiro e o frio ainda não me despertava vontade de recolher ao aconchego.

Agora reparo que ainda não falei do *Tibbles* — um gatinho, de pelo cor de gengibre, que se me afeiçoara desde a minha chegada. Dei-lhe aquele nome, por me lembrar de que, em criança, tivera um gato, sempre enroscado na cozinha, ao qual chamavam *Tibbles*. Ora, naquela tarde, ele estava ao pé de mim, ali no vergel, e foi o seu aguçado instinto de felino que logo pressentiu aquele indefinível ambiente de desgraça sobrenatural, pois, subitamente, arqueou a espinha, eriçou-se-lhe o pelo e arreganhara os dentes, com evidentes sinais de medo, enraivecido, tal como quando enfrentava o cão do vigário.

Reparei que o animal olhava fixamente, a modos de assombrado, na direcção do poço, mas sem ver qualquer coisa justificativa do seu alarme. Levantei-me e fui descendo pelo jardim, a chamar por *Tibbles*, que nem se moveu da sua posição de assombrado.

Julgo que, quando crianças, brincando ás escondidas, todos sentiram a sensação de estar *frio* ou *quente*. Pois foi isso mesmo que eu senti. Aproximando-me do poço, invadiu-me uma aflição e desoladora sensação de medo, mas tão sentida, com tal realidade, que parecia penetrar-me uma emanção perturbadora, a exalar-se daquele abismo de águas torvas e profundas. Era insuportável e afastei-me rapidamente. Esvaindo-se assim aquela horrível sensação, senti que, de novo, me envolvia a paz da tarde primaveril.

Aquilo fora, contudo, o princípio da coisa tenebrosa, mas essa minha experiência, por tão fantástica

e intangível, levou-me a atribuí-la á imaginação excitada. Decorridas, porém, três semanas, aquilo voltou a acontecer; e dessa vez, eu vi o que *Tibbles* certamente descobrira naquela primeira tarde — vi a *Dama Afogada*!

Foi, na mesma, ao crepusculo, que ela me apareceu, á principio como uma figura espectral, avivando-se, lentamente, até se tornar numa visão definida. E reparei bem que tinha as roupas encharcadas, já estragadas pela permanência na água. Os cabelos, claros, escurriam-lhe, levemente, pelos ombros e os seus olhos, numa vaga, indefinível, horrorosa expressão, fixavam-me como um olhar embaciado pela cegueira! Ela permanecia de pé, estática, junto do poço — e transmitia-me aquela sensação de terror e angustia que a envolvia como bruma invisível.

Não tenho a mais pequena ideia do tempo que durou a estranha aparição, mas bem senti que, quando se dissipou se desfez, também, o ambiente de tragédia á sua volta.

Dessa vez — confesso —, fiquei profundamente emocionado. Voltei, apressado, para casa e procurei recomfortar-me com um *whisky* e soda, bem forte. Enfureci-me, talvez injustamente, pensando que o corretor de imóveis de Amhurst me deveria ter esclarecido sobre algum misterioso segredo — para mim tido como certo — na história de *Well Cottage*. Cauteloso como sou nos meus actos, resolvi, entretanto, proceder a algumas investigações no local. E quem estaria em melhores condições para me fornecer elementos elucidativos do que a própria Mrs. Hodges, pois morava na vila toda a sua vida? Logo ao outro dia, de manhã, como quem não quer a coisa, comecei a conversar com ela sobre os antigos habitantes da mansão e, muito naturalmente, falei no poço. Era uma pessoa sincera e rapidamente me convenci de que se houvesse, de facto, algum segredo ela o ignorava em absoluto.

Usei da mesma habilidade para interrogar o abade — e os resultados foram idênticos. Não desisti e alarguei as minhas investigações até á praça publica onde se juntavam os moradores da vila, também sem qualquer resultado, pois não descobri a mais leve pista. E, até, quando insinuava que o lugar estivesse ensombrado, toda a gente se ria de mim, com franca incredulidade.

Interrogava-me, porém, sobre qual seria o enigmático segredo de *Well Cottage*, pois o problema tornara-se-me subjugador, com uma espécie de mórbida fascinação. Qual seria esse mistério? Há quanto tempo fora construído o poço? As vestes da dama afogada estavam tão deterioradas pela imersão que seria impossível calcular a época em que ela vivera.

Aconteceu, porém, que, algumas semanas depois, a estranha criatura tornou a aparecer-me. Foi quase da mesma maneira como da primeira vez, mas pareceu-me que a visão foi mais prolongada e mais forte a sugestão de sobrenatural á sua volta.

Era, para mim, o limite suportável; e, embora pareça cobardia, não me dispunha a tolerar que os anos tranquilos da minha reforma fossem perturbados pelo fantasma de uma desconhecida que caíra ao poço ou para lá tivesse sido atirada.

Ao outro dia, logo de manhã, tomei o autocarro para Amhurst e quis falar ao intermediário, comunicando-lhe que mudara de ideias quanto á casa, pois queria deixá-la, o mais depressa possível.

—O senhor que pretende — perguntou-me o corretor, surpreendido —: vendê-la ou alugá-la?

—Eu preferia vendê-la, mas, em ultimo caso, alugá-la-ei! O que pretende, para lhe dizer a verdade, é sair de lá!

—Tem algum motivo especial para isso?

—Não me dou com aquele clima, ao contrário do que esperava!

Claro que ele me tomou por um excêntrico ou coisa pior. Contudo, não correria o risco de tornar a parecer ridículo, como dessa vez, nem — pior ainda — de quebrar o entusiasmo de algum eventual comprador, no caso de aquela história vir a ser conhecida.

Passados uns dias, apareceu-me um rapaz, que vinha por indicação do corretor. Não era, para mim, uma pessoa simpática: parecia-me dissimulado e subtilmente esquivo. No entanto, mostrou-se encantado com a propriedade.

—E' isto precisamente o que procuramos! — disse ele, depois de termos percorrido toda a casa —. Se me der licença, trarei minha mulher, esta tarde. Caso ela goste tanto como eu, teremos o negócio fechado.

As coisas são relativas, amigo!

Conto por AUGUSTO DA COSTA DIAS

Ele ergueu no braço um argu-mento pesado. Matias ergueu o bra-ço, na extremidade do qual o pu-nho se fechava. Naquele momento da discussão, erguer o braço com o punho em tal preparo era lançar uma nova acha na fogueira. Matias, porém, não recuou porque as ideias quando não são carne da nossa carne negam-se como ideias. Erguendo o braço com violência, Matias explodiu:

— Sabes que mais? que mais? que mais?... Quanto mais conheço os homens mais gosto dos cães. E' isto e está tudo dito!

Mas o seu interlocutor não acei-tou que estivesse tudo dito:

— Pode ser assim para quem se divorcia da vida — respondeu, e na sua voz repousada as palavras enfleiravam-se, cada uma agra-çando a sua vez. — Tem um pou-co de paciência, Matias, agora falo eu. Deixa-me expor o que penso. Ou julgarás que existe pensamento sem didlogo, isto é sem se admitir que a nossa teoria não seja a única e que o parceiro possa conjecturar outra mais certa? Até mesmo den-tro de nós próprios, antes de nos decidirmos por um caminho, deve-mos admitir que outros existam...

— Mas como há-de tu saber es-ter um caminho se, como todos os práticos, te afogaste na floresta e não vês a floresta? Para ver a floresta, Jacinto, é preciso estar fora dela e muito, muito acima dela...

— Quer dizer: para se julgar os homens é necessário elevar-se de tal modo acima deles que o julga-dor deixará de ser homem!

— Isso é um argumento beócio.

Desculpa, Jacinto, mas sempre fui franco. Onde viste tu no homem a capacidade de amar e de perdoar que encontras no cão? Eu posso bater no Tejo, que, logo em segui-da, ele mostra que ignora a mão que lhe bateu.

Jacinto sorriu:

— Pobre Matias!... Nunca foste ao canil ou tens estado tão acima dele para o julgar que acabaste por perdê-lo de vista... Então nun-ca reparaste que basta um simples osso para tornar os cães desavindos como cães?... A dedicação! Eu sempre disse que essas filosofias das nuvens davam connosco em pantanas. Não há essa dedicação absoluta em que sonhas. Mas espe-ra! deixa-me acabar, ou nunca me deixarás acabar o que penso?

— Não é preciso.

— E' preciso, homem, é preciso que alguém te diga que o teu pen-samento é vazio, pois lhe falta a dimensão humana. Andas nas nu-vens!

Matias ergueu-se. Estava branco. As palavras que pronunciou esfiam-pavam-se por entre os dentes:

— Acabou-se! Escusas de pôr mais na carta. O que se está a pas-sar é bem a prova do que procla-mo: quanto mais conheço os ho-mens mais gosto dos cães!

E pegando no chapéu, voltou cos-tas, escoltado por esta ideia.

* * *

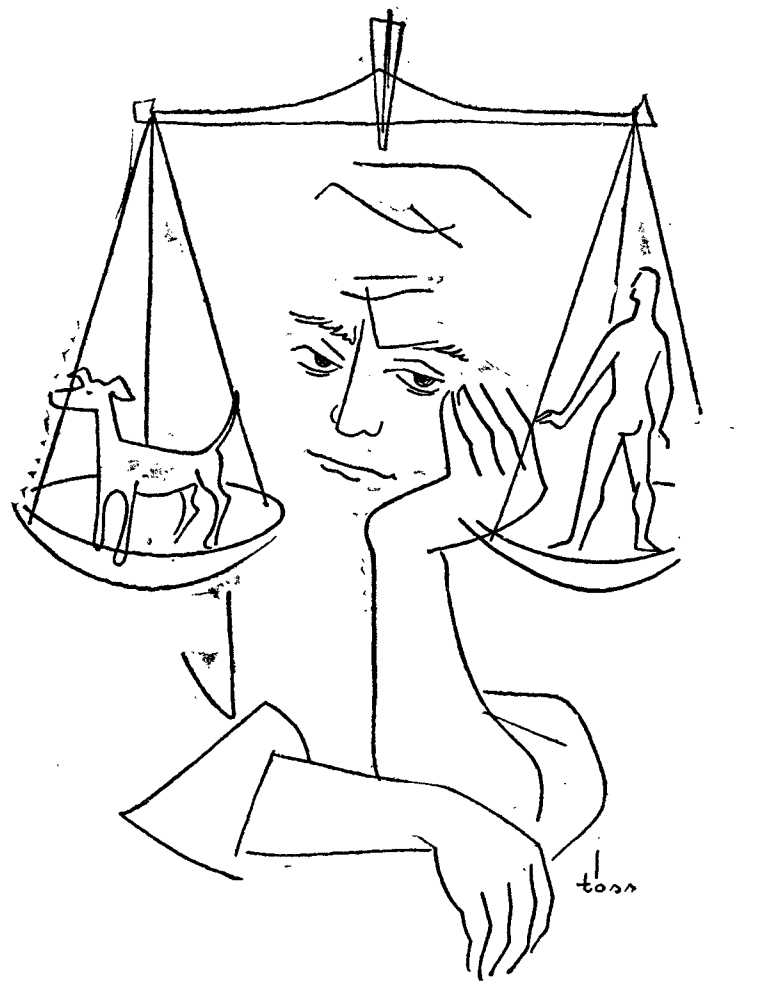
Meia hora depois, quando as bor-ras levantadas pela tempestade acal-maram, Matias caiu em si. «Se ca-lhar perdi um amigo dedicado» — pensou. Mas esta expressão «amigo dedicado» deu-lhe voltas ao estôma-go. Achou melhor dizer de si para

si: «Era o unico elo que me ligava á espécie humana, a espécie dani-nha por excelência».

Mas nem assim lhe veio alívio. Procurou enganar o tempo, chegou a hora de deitar, deitou-se, chegou a hora de dormir e dormiu. Pouco a pouco, de vários esconços da me-mória, atraídos pela excitação da polémica da tarde, foram-se liber-tando pedaços de leituras há muito armazenados. E a verdade é que ti-nha á frente dos olhos o Olimpo — uma planície de algodão em rama, branca a perder de vista. Aqui e ali deambulavam deuses. Gesticula-vam. Moviam os lábios. Mas tudo se passava como nas fitas mudas. Matias baixou os olhos a procurar uma legenda, já que a coisa se as-semelhava tanto ao cinema. E que viu? Uma longa mesa que parecia picada das berigas. Mas podia lá ser? Para não jurar falso, foi-se chegando á verdade. Então viu que as berigas não passavam de pratos negros. No meio da mesa, como unica vitualha, uma enorme bola com manchas caprichosas. Matias julgou reconhecê-la. E o estranho é que matutando bem só conseguiu imaginá-la em cima de uma secre-tária... Aproximou-se ainda mais. No topo da mesa, um sujeito de barbas e cabelo frisados tocava uma sineta, distribuindo medidas e, atraídos pelo som, de todos os la-dos vinham escorrendo grupos de deuses. Gesticulavam tão lentamente que Matias não pôs em duvidas que a máquina projectava ao re-tardador. Viu-se para trás com a frase no gatilho: «ande mais de-pressa com «isso» que os deuses assim ficam tão abandalhados que ninguém mais acredita neles!» O que viu, porém, entalou-lhe as pa-lavras na garganta. Estava á beira de um abismo e, lá em baixo, seres minúsculos moviam-se. Matias deu um salto, sentiu-se de subito leve como o discurso de um académico; quis lançar ferro e não conseguiu: então permaneceu no espaço a pe-dalar num hipotética bicicleta. Só momentos depois reparou que ele, filósofo de tanto peso, estava a fa-zer figura de bobo. Quando ouviu estoirar uma gargalhada colectiva, caiu, de vergonha, nos braços da gravidade. Estava á beira da mesa, e reparando que os deuses nem da-vam por ele sentou-se num escabe-lo branco de neve. Era fofo. Apal-pou-o e arrancou um bocado. Não acreditando no que lhe sucedia, le-vou a mão aos olhos: mas era um naco de nuvem, ó meu deus, e en-tão estava nas nuvens!... Julgou ouvir rir o seu amigo Jacinto. Nes-sa altura um deus morenaco estava de pé com faca e garfo de ouro e sustentava que lhe cabia iniciar o repasto. Um deus impoente, de nariz aquilino, trovejou a contes-tar esse direito. Um outro, com o sorriso irmão de Mona Lisa, reivin-dicou, com modos calmos, a disputa-tada primazia. Seguiu-se uma tre-menda tempestade amiude alumia-da por relampagos. No fim, o garfo de um deles (na confusão, Matias não destrinçou de quem) enterrou-se até ao cabo na enorme laranja que estagnava ao meio da mesa e, rápido como um raio, acompa-nhou-o uma faca. Que grande fa-tia tirou! Matias experimentou uma dor aguda, que estranha dor, mas que diabo querera isto dizer? Os olhos dilataram-se-lhe de pasmo. Aquela bola era a Terra, sim a Terra!...

— Esta parte pertence-me — gri-tou um dos deuses, embebendo o garfo na pobre laranja.

— Mas há aí um naco que este-



(Continua na ultima página)

Da lua «bebé» às viagens à Lua

O lançamento, apenas no espaço de um mês, dos dois satélites arti-ficiais, além de constituir um dos maiores feitos da História da Ciên-cia, produziu uma revolução nas nossas perspectivas acerca do fu-turo.

De um dia para o outro todos nós sentimos que era possível, já do nosso tempo, o velho sonho hu-mano das viagens interplanetárias. Eis o que sobre este maravilhoso assunto disse um reputado técni-co francês, o engenheiro electrónico Legris, numa entrevista que con-ce-deu:

— Desde o lançamento do «Sput-nik», todo o Mundo fala natural-mente nas viagens à Lua. Por que meios e em que condições as supõe realizáveis?

— Antes de tudo queria que se sublinhasse esta data—4 de Outubro de 1957. Naquele dia, a Humanida-de entrou numa nova idade. Agra-ra, sim, a viagem à Lua é possível,

vel, embora em condições extrema-mente duras. Para lá chegar, uti-lizar-se-ão foguetões de reacção que acabam de prestar as suas provas. Qual será a velocidade do fo-guetão?

— Para ir á Lua, por exemplo, será preciso atingir tão rápidamen-te quanto possível a velocidade de 12 quilómetros por segundo, ou seja mais de 43.000 quilómetros á hora.

— O organismo humano pode su-portar semelhante velocidade?

— Sem duvida: neste momento, nós todos nos deslocamos com a Terra á velocidade de 30 quilô-metros por segundo, o que representa mais de 10.000 quilómetros á hora. Não, não se sente a velocidade: o que se sente é a variação de ve-locidade (aceleração ou travagem).

— Que velocidade de aceleração pode o organismo humano supor-tar?

— Na máxima 30 metros por se-

gundo e não por muito tempo, cin-co minutos por exemplo. Feitas, porém, as contas—ao fim destes 5 minutos já se atingiu os 12 quilô-metros por segundo, justamente a velocidade necessária para a gran-de empresa interplanetária. Será no entanto uma prova no limite das forças humanas. O piloto sentir-se-á esmagado, de início, e durante 5 minutos por um peso que vale cin-co vezes o seu; seus ouvidos dila-tar-se-ão com os ultras-sons dos retores: e, depois dum desmaio mais ou menos prolongado, ele vol-tará a si no meio dum silêncio to-tal, no negro absoluto, na ausência completa de gravidade (pois encon-trar-se-á fora da força de atracção da Terra).

— Que efeito pode produzir esta ausência de gravidade?

— Como se sabe, sem gravidade as

(Continua na ultima página)

Diario de Lisboa



4-1-958

35

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tossan e António Domingues
Toda a correspondência deve ser dirigida
para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

Entrevista da semana
Conversando com Romeu Correia



ROMEUA CORREIA

Apresentamos hoje aos nossos amigos, alguém que bem merece que todos os jovens portugueses se debrucem, com carinho, para a sua obra. Trata-se de Romeu Correia. A sua obra é já relativamente vasta. Escreveu romances («Trapo Azul», «Calamento», «Gandaia», «Desporto-Reis») e peças de teatro uma das quais — «O Casaco de Fo-go» — representada com grande êxito no Teatro D. Maria, e uma outra ainda há pouco, levada á ce-na pelo Teatro Experimental do Porto, intitulada «Sol na floresta». Ambas as peças se encontram publi-cadas.

Pela entrevista que vamos ler é já possível fazer uma ideia do es-tilo simples, directo, comunicativo, de Romeu Correia.

1. — Guarda alguma recordação da infancia que lhe seja grato co-municar aos nossos jovens leitores?

— Eu posso narrar um pequeno episódio de que fui protagonista aos 9 anos. Vivia no Cais do Ginjal, na casa de meus avós paternos, quando, numa manhã, a minha avó me deu o seguinte recado: «Pega nesta faca, e vai lá abaixo ao ar-mazem entregá-la ao Tiago para que ele faça o favor de matar o pe-ru!» Mal senti o cabo da lamina na palma da mão, desci a escada, atra-vessei os armazens de vinhos e azeites, nos quais o meu avô supe-rintendia como encarregado, e fui direito á capoeira, que ficava num patio térreo, ao fundo. Evitei as saudações dos tanoeiros, fiz-me des-sencontrado com o Tiago, pois eu levava um terrível plano a ferve-lhar-me na cabeça. Eu quero matar o peru! Quem mata sou eu, sem a minha avó saber!... Entrei na ca-poeira, cerrei a cancela e pus-me a mirar os galináceos. Lá andava o «peru-velho», de leque aberto, todo vaidoso... Arrisquei uns passos pa-ra o bicho... Ele, majestoso, afas-tou-se num «glu-glu» despresivel. (O meu coração batia desastina-do). Pego nuns milhos e deixo-os cair entre os dois... O animal debi-ca aqui, debica ali, vem caminha-do para mim... Então, irreflectida-mente, caí sobre o meu adversário: piso-lhe as asas, agarro-lhe na ca-beça e meto-lhe o fio da lamina ao pescoço. (Mas olho para a s minhas mãos e vejo uma coisa espantosa: eu separara a cabeça ao peru!). Nisto o corpo do animal dá um es-tremeção sob os meus pés, e desar-vora num voo alucinante, esbar-rando nas paredes e borrifando sangue morno á minha volta.

Fugi aos gritos, alvoroçando ta-noeiros e moços de armazém que, ao verem-me tinto de sangue, acri-

ditaram logo que eu tivesse sido vítima de um acidente.

Só a minha avó, ao ver-me sur-gir naquele estado, não se iludiu. «Ah! Patife!» — exclamou ela. E bumba! apanhei logo uma tremen-da bofetada como castigo.

2. — Em criança que profissão gostaria de seguir?

— Eu passei toda a minha infan-cia á beira do Tejo. Da janela dese-se 1.º andar, pesquei á linha... Du-rante o dia atracavam ao cais frag-gatas tripuladas por homens intré-pidos na navegação e na descarga. Em garoto, fascinou-me sempre a vida dos homens fortes, musculo-sos e decididos. Os tanoeiros são impressionantes a domar, ao fogo, as aduelas on quando cintam as pi-pas de arcos de aço, a golpes de marreta. Quando surgia o Verão, ao acabar a faina, os mais jovens atiravam-se ao rio e alguns deles nadavam até ao meio do Tejo. Es-tas ridas cheias de proezas, sedu-ziam-me. Creio ser esta a melhor explicação para o meu grande amor pelo desporto. Quanto a preferên-cias profissionais, não as tive. Nem mesmo aspirei a ser artista ou coí-sa parecida... Quando muito ideali-zei atingir um padrão de homem exemplar que, ingenuamente, sin-tetizava estas três virtudes capitais — forte, honesto e livre. E foi tu-do.

3. — Dos seus livros, qual o pre-ferido?

— Todos os meus livros foram realizados com muito esforço e sa-crificio, pois sou um escritor de domingos e de horas de almoço. (Final vim para empregado ban-cário!). Ora eu penso sempre muito as minhas histórias antes de passá-las ao papel. Quando a Dona Tipografia me entrega o primeiro exemplar eu faço uma festinha pe-la lombada do livro e digo-lhe: «Olha, meu filho: fiz tudo quanto pude para que ficasses o menos mal possível. Desculpa as deficiên-cias, mas acredita do fundo do co-ração que não há ninguém que las-time mais as tuas fraquezas do que o teu Pai». E, assim, os vou ati-rando para o turbilhão da vida. Em resumo: eu gosto de todos os meus filhos.

4. — Novos projectos?

— Comecei há dias a narrar ao papel um longo episódio que me traz apaixonado e distraído no ser-viço do Banco onde ganho o meu sustento. E' a história de uma má-quina de cinema mudo que um ho-mem de feira sem escrúpulos leva para uma povoação primitiva, a fim de explorar o negócio do espec-táculo. Entre as fitas de celuloide de que se compõem os programas leva umas bobinas de um velho fi-lme de Charlie Chaplin — «O garoto». Vivendo ao deus-dará nessa terra, há um fedelho vagabundo que se associa á «empresa», seduzido pelos deslumbrantes «bonecos de luz». Página a página, vão surgin-do peripécias espantosas (a Lua-cheia, ante o pasmo geral, anula uma projecção ar livre... etc., etc...) á medida em que o conflito evolu-ciona, confundindo figuras reais com as dos três símbolos do genial cineasta inglês — Garoto, Charlot & Policia. E pronto!, não digo mais sobre este romance que se intitula Animatógrafo, porque ainda falta um ano de trabalho.

5. — Que palavras gostaria de di-rigir á juventude?

— Para uma criança entender a mensagem de um adulto é preciso que o adulto tenha bem presente os seus primeiros anos de vida —

(Continua na ultima página)



O rapto do nosso amigo Pararraios importou, como já sabemos da crônica anterior, na módica importância de oitenta mil dólares. Enquanto o detective se mostrava indiferente à questão, Basílio Sopito andava desassossegado.

—Que desgraça a nossa, meu amo! — lamentava-se o ajudante — Ainda ontem milionário e já hoje... milionado...

—Não considero isso uma desgraça, sabes bem — retorquiu o detective.

—Claro! — e Basílio sorriu amargamente — Desgraça e grande seria faltarem-lhe mais sarilhos que nos levam os dólares — e a pele...

—A pele! Para que a queremos nós, Basílio, senão para a jogarmos?

—Nós, virgula!

—Quem a guarda apodrece-lhe no corpo. O que devemos é jogá-la sempre por causas nobres. Essa é a grande lei do homem.

—Que pena me dá, meu amo, ouvi-lo falar tão bem com tão poucos resultados! Veja lá se consegue trocar-me essa filosofia por um bife e assim ficaremos ambos satisfeitos.

Estavam nesta prática quando uma senhora pediu que a deixassem falar ao detective. Basílio interveio:

—Deixe-se estar quietinho, meu amo! Não vá no jogo...

—Tens sorte em não seres advogado, Basílio! — respondeu Pararraios com ironia — Se o fosses, abrires cedo falência...

—Por que diz isso?

—Se te parece, a dares conselhos tão baratos...

E já a sério, satisfeito por encontrar um argumento capaz de convencer o ajudante:

—Dizes que há dois dias não comes «praticamente» e queres que eu fique parado. Se eu não trabalho, de onde te virá o sustento?

—O cheque de Lisboa não deve tardar...

—Parece-te. A's vezes levam mais de dois meses. Já vês...

E mandou entrar a senhora, que se apresentou:

—Sou Irene Dumyon e...

—Dumyon?! — interrompeu o detective — conheço esse nome. Es-

pere. Não é o de um pugilista? Um rapaz de muito futuro?

—E' meu filho. Por ele, para o salvar, me resolvi a procurá-lo.

—Queira explicar-se, minha senhora — pediu o detective.

E Mrs. Irene Dumyon contou que seu filho iria disputar no domingo seguinte um combate decisivo na sua vida. O adversário dele era o famoso O'Sullivan, sustentado por uma poderosa organização que exercia nociva actividade no mundo do box. Um enviado dessa organização avistara-se com Dumyon, propondo-lhe o trabalho em conjunto, para efeito das apostas...

—E o seu filho... — interrompeu, ansiosamente, Pararraios.

—Meu filho recusou.

—Nobre alma! — tornou Pararraios comovido.

—O pior — prosseguiu a senhora — foi que a dita organização passou a exercer pressão sobre o meu filho. Até que hoje recebeu a seguinte carta: «Meu caro. Tem apenas dois dias para reflectir. Despache-se. Dois dias passam depressa. Pense, sobretudo, que só vence quem nós queremos...».

—Veremos isso! — veremos isso no próximo «round!» — e o detective esfregou as mãos, com um ar decidido.

Quando a senhora Irene Dumyon saiu, Pararraios pôs-se imediatamente em campo. Foi ao campo de treino de O'Sullivan. Era um sujeito alto, levemente corcovado, com um ar feroz que as espessas sobrancelhas reforçavam. Adiposo e sem «souplesse», possuía, no entanto, uma enorme experiência do «ring» e nela se baseava, certamente, para o combate com o jovem Dumyon. O detective ficou impressionado.

—Pobre Dumyon! — disse entre dentes.

E a hora do combate chegou. A mãe do pugilista moço ficara em casa, a assistir ao combate pela televisão. Pararraios e Basílio sentaram-se junto ao canto de Dumyon. Nos primeiros «rounds» não houve

qualquer novidade. Os lutadores espreitavam-se mutuamente. A raposa e o veado esperavam a melhor altura para jogar os seus trunfos...

Subitamente, quando corria o quarto «round», viu-se que o jovem Dumyon fraquejava. Dava mostras de cansaço, que nada fazia prever. Parecia aéreo, respondia frouxamente aos ataques do monstruoso Sullivan. Neste momento, o funil do detective despeidiu um relampago azulado, mais brilhante do que o «flash» dos reporteres. Descobriu-se algo que entorpecera o jovem Dumyon!

No quinto assalto, quando os dois lutadores estavam num corpo-a-corpo, Pararraios saltou para o «ring». Houve na sala um ah!, de emoção.

—Alto! — gritou — Sullivan é um jogador desleal... Requisito a presença de um médico...

O que aconteceu depois foi extraordinário. O jovem Dumyon, furioso, atirou uns socos violentos á cara e ao estômago do detective, enquanto Sullivan, moido, deitava a língua de fora. Pararraios foi ao tapete, «knock-out». Os jornalistas rodeavam o jovem Dumyon que clarava:

—Eu seguia a tática de fingir-

me fatigado, para incitar o meu adversário a um maior esforço. Foi então que interveio o intruso, para impedir a derrota fatal de O'Sullivan... Admito que ele pertença a uma perigosa quadrilha, das muitas que infestam o mundo do box...

...Era noite quando o detective e o ajudante regressaram ao hotel. Pararraios trazia um olho negro.



—Eu bem lhe dizia, meu amo! — lembrou Basílio — Eu bem lhe dizia que estivesse quieto.

—Por esse andar — retorquiu o policia-amador — se todos estivessem quietos nada aconteceria no Mundo.

—Veja-se ao espelho; meu amo, e diga-me se vale a pena acontecer no Mundo certas coisas!

—Sim, quando delas se retira uma lição.

—Desça da lua, meu amo! De que lhe servem as lições se nada aprende com elas?

—Sempre alguma coisa fica.

—Acredito, acredito! — e Basílio fitava-lhe, compadecido, o olho posto abaixo.

—Basílio Sopito: — O ano de 1958 terá 365 dias, aos quais se devem descontar 52 domingos e os restantes feriados, que não são dias, pois se têm 24 horas, a gente nem dá por isso. Bom! Haverá pelo menos 52 números do Juvenil, o que transformará os sábados em dias com 48 horas!... Haverá satélites, e haverá paz e sossego. Bom! Mas o ano de 1958 será um ano feliz para os que comerem Chocolates Regina. Lá dizia o Salomão: «Ao Menino e á Menina dá chocolates Regina!». Tenho dito. (Palmas e apoiados).

Fábulas de animais

Crônica do João

O nosso amigo João é um sujeito simpático. Nem por ver o seu nome no jornal como crítico encartado deixou de ser o mesmo rapazinho modesto e simples que tanto admiramos. Encontramos hoje na livraria que ambos frequentamos.

EU—Que andas a ler?

JOÃO—«Fábulas de animais e outras», adaptadas por Alsácia Fontes Machado, editadas por Portugal Editora...

EU—Bem sei. A Portugal Editora é um bom Amigo do Juvenil. JOÃO—... e é ilustrada por Nuno, um artista que promete, com os seus quinze anos de idade.

EU—Não achas que a fábula é um género literário curioso?

JOÃO—Muito! Cumpre gostei, especialmente daquelas que fustigam sentimentos baixos ou situações desumanas.

EU—Valem, portanto, como processo educativo...

JOÃO—Sim, embora nem sempre atinjam o fim em vista. Generalizar é, por vezes, muito perigoso.

EU—Lá isso é. Mas não generalizes...

JOÃO—Por exemplo. Há uma série de fábulas condenando a ambição. Ora eu penso que nem todas as ambições são condenáveis. O que tem valido ao homem é mesmo... ser ambicioso.

EU—Concordas, portanto, com a publicação deste livro de fábulas...

JOÃO—Claro. Mas tenho algumas observações a fazer...

EU—Vamos ouvi-las.

JOÃO—Em primeiro lugar, cada fábula devia trazer a indicação do seu autor. A indicação de *Esopo*, *La Fontaine*, etc., é muito vaga. Nós, as crianças, gostamos de saber o nome do autor que para nós escreve. Gostamos... e precisamos.

EU—Concordo. Mais quê?

JOÃO—Tu sabes que nome pôs La Fontaine aos seus seis primeiros livros?

EU—Não, não sei.

JOÃO—*Fábulas de Esopo* postas em verso pelo senhor de La Fontaine... Porque não se fez uma edição com essas fábulas traduzidas em verso?

EU—Dava um trabalho!

JOÃO—Olha que não dá. Bo cage, Curvo Semedo, João de Deus, etc., etc. fizeram-no com uma arte inexcelável. Existe uma recolha completa dessas fábulas em verso feita pelo nosso grande poeta Cabral do Nascimento. Sabes? E' que nós em verso aprendemos melhor.

EU—Vocês e toda a gente. Pode mos, então, aconselhar a leitura destas fábulas?

JOÃO—Sim. Mas para nenhuma fábula devemos ir de mãos atadas. Devemos discutir com elas. Só assim elas serão amplamente educativas... Mas agora gostaria de te falar de um outro livro.

EU—Desculpa, meu caro. Agora tenho de fazer. Telefonas-me logo está bem?

Eis a lista dos prémios para a categoria dos Médios (entre os 12 e os 14 anos):

1.º PREMIO

1.—«Madame Curie», de Eva Curie (Col. Dois Mundos, editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.)

2.—«Os Passaros», de Michelet (Col. O Homem e o Mundo, editada pela PORTUGALIA EDITORA).

3.—«Há fogo na floresta», de David Stern (Col. Os Melhores Livros para Crianças, Livraria CLASSICA EDITORA).

4.—«Vidas dos Grandes Poetas», de Henry Thomas (Col. Vidas Célebres, de LIVROS DO BRASIL, LIMITADA).

5.—3 volumes da Coleção Clássicos Portugueses (Trechos Escolhidos), da Livraria CLASSICA EDITORA.

6.—«A Filha do Capitão Pipe», de Simone Saint-Clair (N.º 43 da Col. Os Melhores Livros para Crianças, da Livraria CLASSICA EDITORA).

2.º PREMIO

1.—«A Vida Quotidiana no Tempo de Homero», de Emile Mireaux (Col. A Vida da Quotidiana, editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.).

2.—«Dom Quixote», de Cervantes (Col. Biblioteca dos Rapazes, PORTUGALIA EDITORA).

3.—«Emílio e os Detectives», de Erich Kastner (Col. Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

4.—«A Caravela Azul», de Albert Bonneau (N.º 15 de Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

5. PREMIO

1.—«Um sábado de Aventuras», de John Pudney (N.º 11 de Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

2.—«Um Domingo de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 11), da LIVRARIA CLASSICA EDITORA.

3.—«Uma 2.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 14).

4.—«Uma 3.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 17).

5.—«Uma 4.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 20).

6.—«Uma 5.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 23).

7.—«Uma 6.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 26).

8.—«Uma 7.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 29).

9.—«Uma 8.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 32).

10.—«Uma 9.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 35).

11.—«Uma 10.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 38).

12.—«Uma 11.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 41).

13.—«Uma 12.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 44).

14.—«Uma 13.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 47).

15.—«Uma 14.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 50).

16.—«Uma 15.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 53).

17.—«Uma 16.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 56).

18.—«Uma 17.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 59).

19.—«Uma 18.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 62).

20.—«Uma 19.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 65).

21.—«Uma 20.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 68).

22.—«Uma 21.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 71).

23.—«Uma 22.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 74).

24.—«Uma 23.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 77).

25.—«Uma 24.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 80).

4.—3 volumes da Col. Clássicos Portugueses (Trechos Escolhidos) — Livraria CLASSICA EDITORA.

5.—«Noite e Nevoeiro», de Yves Fougères («Os Melhores Romances de Aventuras» — Livraria CLASSICA EDITORA).

3.º PREMIO

1.—«Shane», de Jack Schaeffer (Col. MINIATURA — LIVROS DO BRASIL, LDA.).

2.—«Emílio e os Três Gêmeos», de Erich Kastner (Os melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

3.—3 volumes da Col. Clássicos Portugueses (Trechos Escolhidos) — Livraria CLASSICA EDITORA.

4.—«O Rio do Esquecimento», de Pedro de Sagunto («Os Melhores Romances de Aventuras» — Livraria CLASSICA EDITORA).

4.º PREMIO

1.—«Aventuras de Dois Miudos e de Dois Castores», de Grey Owl (Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

2.—«A Cidade da Ciência», de Maurice Vernon (N.º 43 da Col. Argonauta — LIVROS DO BRASIL, LDA.).

3.—«A Caravela Azul», de Albert Bonneau (N.º 15 de Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

5. PREMIO

1.—«Um sábado de Aventuras», de John Pudney (N.º 11 de Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

2.—«Um Domingo de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 11), da LIVRARIA CLASSICA EDITORA.

3.—«Uma 2.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 14).

4.—«Uma 3.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 17).

5.—«Uma 4.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 20).

6.—«Uma 5.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 23).

7.—«Uma 6.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 26).

8.—«Uma 7.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 29).

9.—«Uma 8.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 32).

10.—«Uma 9.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 35).

11.—«Uma 10.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 38).

12.—«Uma 11.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 41).

13.—«Uma 12.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 44).

14.—«Uma 13.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 47).

15.—«Uma 14.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 50).

16.—«Uma 15.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 53).

17.—«Uma 16.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 56).

18.—«Uma 17.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 59).

19.—«Uma 18.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 62).

20.—«Uma 19.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 65).

21.—«Uma 20.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 68).

22.—«Uma 21.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 71).

23.—«Uma 22.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 74).

24.—«Uma 23.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 77).

25.—«Uma 24.ª-feira de Aventuras», de John Pudney — «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (N.º 80).

res Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

2.—«Os Gigantes da Floresta», de Albert Bonneau (N.º 25 de Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

6.º PREMIO

1.—«Um tesouro para três», por David Stern (N.º 10 de Os Melhores Livros para Crianças — Livraria CLASSICA EDITORA).

2.—Um volume da coleção policial «Vampiro» — editada por LIVROS DO BRASIL.

Para as melhores ilustrações (desenhos ou fotografias) estabelecem-se os seguintes prémios:

1.º PREMIO

1.—«Nós e a Musica», de Friedrich Herzfeld (Col. Vida e Cultura) LIVROS DO BRASIL.

2.—«História da Literatura Inglesa», de Hord Evans (PORTUGALIA EDITORA).

2.º PREMIO

1.—«Bobos na Corte», do Conde de Sabugosa (PORTUGALIA EDITORA).

2.—«Marília de Dirceu», de T. A. Gonzaga (Col. de CLASSICOS SA DA COSTA).

3.º PREMIO

1.—«Os Cossacos», de Leão Tolstói (PORTUGALIA EDITORA).

2.—«A Abadia de Northanger», de Jane Austen (PORTUGALIA EDITORA).

5.—«O Pão da Mentira», de Horace McCoy, da Col. AS TRES ABELHAS (PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA).

6.—«O Pão da Mentira», de Horace McCoy, Col. OS LIVROS DAS TRES ABELHAS (PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA).

7.—«A casa de Bernarda Alba», de Frederico Garcia Lorca — OS LIVROS DAS TRES ABELHAS (PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA).

8.—«A Casa de Bernarda Alba» de Frederico Garcia Lorca — OS LIVROS DAS TRES ABELHAS (PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA).

9 a 13: 5 Amigos que vão ficar muito doces com 1 caixa de excelentes bombonissimos REGINA

que pareciam a «Légua da Póvoa»...

PREMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE CAMILO CASTELO BRANCO

14.—Amigo n.º 164 — Luis Chaves (Lisboa).

14.—«O Pão da Mentira», de Horace McCoy e «A Casa de Bernarda Alba» — OS LIVROS DAS TRES ABELHAS (PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA).

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 84: I — VOLTA A PORTUGAL EM LITERATURA: o escritor era CAMILO CASTELO BRANCO. II — E' evidente que a palavra NATAL deu brinde... desculpem, que me enganaram com palavras. Alguns dos nossos Amigos escreveram cartas que pareciam a «Légua da Póvoa»...

RESENHA:

— Ao voltar da aventura em que descobrira, no submarino em que estão prisioneiros, a câmara de lançamento de mergulhadores, Miudinho (famoso o tio, o Doutor Gedeão doente. A doença, porém, era apenas a forma de conseguir falar com o médico (um aliado dos seus amigos) sem levantar a suspeita... Pelo médico, porém, o Capitão Fumaça não pôde fazer as mãos dos seus amigos.

XII — NEM EMPREO, DIABO ESTÁ NAS MÃOS DA FUMAÇA...

Capitão Fumaça abriu os olhos, estendeu o braço para o interruptor, ao lado da cama. Mas onde estava o interruptor? Ou melhor: onde estava ele, o que representavam aqueles ferros debaixo do seu corpo? Então a sua cama transformava-se numa escada? Sonhava com a morte? Apalpou bem a roda. Mas não podia restar dúvidas: estava deitado nos primeiros degraus duma escada de ferro, o sobrolho doíam, sentia a cabeça tonta, aquele líquido grosso, empastado que lhe envolvia a vista esquerda e a face do mesmo lado, era sangue, tinha o sabor de sangue. Então recordou tudo: a sua descida através do alcapão da casa das máquinas, logo após Arrieta e o outro espanhol, o esconderijo onde se metera quando os dois homens haviam regressado no misterioso corredorzinho do porão, finalmente o alcapão fechado e ele prisioneiro, sem uma lampadazita ao menos para o guiar naquela escuridão de cortar as fatias... Do resto não se lembrava, mas não era difícil de supor: havia tropeçado no escadote de ferro e aí estava a causa do seu desmaio, daquelas dores e da imensa crosta de sangue que lhe franzia uma das faces.

Subiu corajosamente ao escadote e procurou levantar o alcapão. Sem resultado, pois claro. Apalpou o tecto, as cegas, e de novo sem o menor resultado. «Bom — disse de si para si. — Perdido por cem, perdido por mil. Aproveitemos a ocasião para tentar descobrir o que Arrieta e o outro espanhol vieram fazer aqui».

Encaminhou-se, pois, para o canto oposto do corredor, onde esbarrou numa parede de aço. Apoiado a ela, deslizou para a esquerda e, não tendo obtido nenhum resultado, encaminhou-se para a direita. Aí, o caminho estava livre, pois o corredor fazia um cotovelo. Prosseguiu. De ambos os lados, a parede era inteiramente lisa, ao contrário da parte inicial do corredor, onde havia portas com molduras salientes.

Receando dar alguma cabeçada, estendeu os braços para a frente e deu com nova parede. Mas esta parede parecia denunciar uma porta. Lá estava o buraco da fechadura e o puxador. Mas um puxador que não servia para nada, pois a porta estava fechada à chave... Capitão

Fumaça encheu-se de cólera e despediu um murro em frente. Ao ouvir o som cavo teve, de repente, uma ideia: experimentar fazer sinais Morse.

De início não colheu nenhum resultado com a tentativa. Mas persistiu. Se para além daquela porta havia alguém, como, com inteira razão, supunha, não havia outra forma de entrar em contacto com ela. Continuou, pois, com os sinais:

—GEDEÃO DE AZEVEDO. stop. GEDEÃO DE AZEVEDO. stop.

Seria sonho ou quê? Fracos, começaram a ouvir-se uns sinais, do outro lado da parede. Mas não eram sinais Morse. Talvez não houvessem percebido a sua mensagem. Repetiu. E do outro lado surgiu finalmente uma resposta:

—CAPTADO. captado. CAPTADO. captado, stop. LAFUENTE. stop. S. O. S.

Capitão Fumaça comunicou sem perda dum segundo:

—Captado. stop. sobrinho Gedeão. stop. cá alcapão. STOP. não sei voltar para informar professor também submarino. Stop. ATENÇÃO percebi é PABLO LAFUENTE.

A contestação não se fez demorar:

—Obrigado. S. O. S. Atenda — atenda. Stop. Alcapão abre segundo prego tecto direita. STOP. Fuja. Stop. Obrigado. Adeus.

Estava salvo. Podia libertar-se da prisão. Não cabendo em si de alegria, Capitão Fumaça despediu-se:

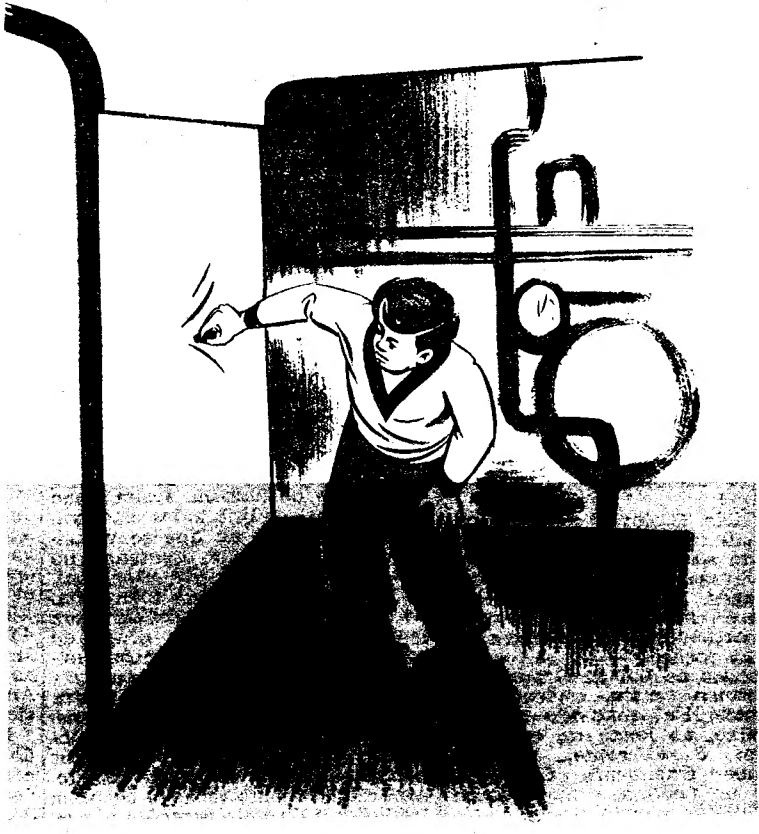
—Entendido. Stop. Vou comunicar tio. Stop. Saudações. Stop. Voltaremos socorros. Adeus—adeus—adeus.

Como do outro lado não responderam, Pedro palmilhou o corredor o mais rápido que pôde. Cortou no cotovelo, prosseguiu e, quando calculou que estava próximo do escadote, arrastou os pés, a fim de não tropeçar no primeiro degrau, como já lhe sucedera.

Aí tinha esse primeiro degrau. Inclinou-se, fincou as mãos nos lados do escadote e subiu lentamente. Com o braço erguido procurou o tecto, depois os pregos... primeiro prego à direita... segundo... Carregou devagar. Ouviu um estalido quase imperceptível. No receio de que houvesse alguém na casa das máquinas, ficou um pedaço à escuta. Em seguida ergueu o alcapão apenas um dedo. Nem mesmo assim se ouvia o menor ruído. Então, com infinitas precauções, foi erguendo o resto da tampa, pousou-a no soalho sem produzir qualquer barulho, e subiu os degraus que faltavam. Imediatamente levou o alcapão ao seu lugar, carregou até perceber o estalido comprovativo de que ficava perfeitamente fechado.

Nem uma novidade. Agora era jogar o resto da cartada, assim em bicos dos pés e abrir a primeira porta com toda a ciência e depois a outra e finalmente caminhar até ao seu beliche... E aproveitar o que sobrava da noite para satisfazer aquele grande, aquele insaciável desejo de dormir...

(e até para a semana. STOP. até para a semana)



Diário de bordo

Premiando a sua dedicação, pedimos-lhe queira escolher 2 volumes entre os 99 da Coleção de Clássicos SA DA COSTA — a melhor e mais completa das colecções de clássicos editada em língua portuguesa. E obrigado pela tua dedicação

Posto isto, quero agradecer-vos os centos de Boas-Festas que nos enviaram. Ao lê-los, ao acamá-los numa grande (e carinhosa) pilha diante dos meus olhos, eu disse para comigo: «de certo, de certo que assim bem EMPURRADOS vamos «construir» todos um ano de 1958 que dará brado!...»

E estou seguro de que assim será.

O Amigo do Ano (1957)

Ao iniciarmos um Novo Ano não podemos deixar de lembrar aqui um Amigo que, desde o nosso primeiro numero, nunca deixou de nos escrever e de nos apoiar nem uma semana. Foi com toda a justiça,

DIZ-ME O QUE COMES

DIR-TE-EI QUEM ES

SE A «DIESINE» FIZER PARTE DAS TUAS REFEIÇÕES, SERÁS POR CERTO INTELIGENTE, FORTE E SAUDÁVEL

Proteína biologicamente completa...um produto de selecção!

O pão nosso de cada dia

Já falámos do apetite do homem renascentista. As grandes empresas aumentavam-lhe a fome — e quem pagava o patao eram os frangos, as vitelas e os carneiros... Vocês persignavam-se se lessem, por exemplo, a ementa do banquete que o cardeal Borghese ofereceu ao duque de Faria. Desde o galo da Índia ao

própria vida se sacrificava. Tal é o caso do grande cozinheiro Vatel que, não podendo suportar a vergonha de haver falhado na apresentação de um peixe em honra de Luís XIV pôs termo à vida. A descoberta de um novo petisco era celebrada ao lado de uma vitoriosa batalha...

Paul Lacroix, por sua vez, diz-nos que «anteriormente comia-se muito, demasiado até, mas não se



sabia comer. A comida era abundantíssima, variada e complicadíssima, mas não era delicada, nem sã, nem gostosa...

Nasceu o hábito de baptizar cada novo petisco com o nome do cozinheiro ou do senhor a quem ele servia. Assim, temos a costeleta de carneiro à Pampadour, escalopes de vitela à Guéménec, a língua à Mirrepoix, a maionese à Richelieu, o «consommé à la reine», a sopa à Condé (patrão do famoso Vatel), a galinha de fricassé à Maieli, etc., etc. Ainda hoje, um restaurante que se preze inventa nomes franceses para as suas iguarias, a fim de suggestionar o freguês com a glória de uma tradição bisseccular.

Está bem, dirão vocês, os nobres, os fidalgos, etc. e tal. Mas o povo, o povo das cidades e da província? Que tal ia ele de paparoca?

Ora, meus amigos, que pergunta essa! Ia mal, pois claro. No próprio momento em que os cavalheiros e as damas se banqueteavam, devorando, com infinita delicadeza, delicadíssimas iguarias, um enorme descontentamento alastrava. Dava a m-se



graves motins, provocados especialmente por mulheres o que, no dizer do historiador francês «é um sintoma clássico do drama social». As próprias mulheres se juntam e se encaminham para Versailles, a fim de exporem ao seu rei a triste situação dos seus lares. Não se pode dizer que Sua Majestade as tenha recebido muito cordialmente...

Oicamos agora Lord John Boyd Orr, membro destacado da U. N. E. S. C. O.: «Foi a fome que precipitou a Revolução Francesa. Uma multidão de mulheres, saída dos cortiços de Paris, marchou até à sede do Parlamento. As mulheres depois, com as hostes reforçadas por homens, rumaram para a Bastilha. A queda da Bastilha foi o golpe de morte no sistema feudal em França».

Pois foi. Daí até aos nossos dias as pessoas simples do povo têm conquistado, e merecido o seu direito a uma migalhinha do pão nosso de cada dia, pão sagrado.

Da lua «bebê» às viagens à Lua

(Continuação da 1.ª página)

expressões «Em cima» e «Em baixo» não têm sentido. Num meio sem gravidade, o fio de chumbo fica na direcção em que o pusermos inicialmente. Os líquidos têm tendência para se juntarem em grandes bolas. Caminhar torna-se impossível, pois nada nos faz aderir ao chão, a não ser que o chão seja de ferro e os sapatos estejam munidos de imãs. Como não há «Cima» nem «Baixo» nem «Horizontal», a palavra «deitar-se» não quer dizer nada... Um ser humano pode imobilizar-se em qualquer posição e permanecer assim tanto tempo quanto desejar sem sentir a menor fadiga.

—Será bom, isso?
—Sei tanto como o senhor. De facto não se conhece a reacção do organismo à supressão prolongada da gravidade. A ausência desta força pode provocar, em certas pessoas, vertigens ou perturbações que vão até à loucura. De qualquer forma, uma provação muito penosa.
—Será difícil dirigir o foguetão?
—Não! Um pequeno jacto de gás à direita ou à esquerda bastará para lhe mudar a direcção. O grave problema reside no regresso à Terra. Será necessário que o foguetão diminua consideravelmente a velocidade ao entrar na alta atmosfera, senão incendiar-se-á como os meteoros que, mergulhando na



atmosfera, se desagregam em estrelas cadentes.

—Poder-se-á ir a outros planetas?
—Sim, mas para atingir Marte ou Vénus a viagem durará vários anos, contando com a estadia no planeta. O que levanta alguns problemas: reabastecimento em comida, ar, etc.

—Para que pode servir a astronáutica?

—Responder-lhe-ei como Faraday quando lhe perguntaram para que servia a electricidade: «Para que pode servir uma criança?».

—A astronáutica custará a vida de muitos pioneiros?

—E' quase certo. A empresa é praticamente sobre-humana, mas a grandeza do homem está em lançar-se na realização do... irrealizável, até ao momento em que o consegue (e então a coisa deixa de ser... irrealizável...). A estrada no espaço será assinalada com o sacrifício de heróis, tal como a do ar foi pelas sombras de Mermoz, Saint-Exupéry, Nungesser, Coli, Rozanoff e tantos outros.

—Permita-me esta pergunta, que achará, com certeza, muito extravagante: Para que ir aos planetas?

—Mas... porque eles estão lá, não é verdade?...

Acontecimentos breves de uma longa viagem a cinco países

A Espanha

X — Até a lingua parece ter castanholas...

Confesso: hoje nem sei por onde começar estas notas. Mas a culpa é de Espanha, da sua variedade. As diferenças, porém, tão grandes de cidade para cidade, são menos acentuadas entre os habitantes: todos possuem aquela vivacidade esfuizante tão característica, são alegres, faladores (até a lingua parece ter castanholas!).

A costa oriental é banhada pelo Mediterrâneo, que aqui mantém as suas águas calmas e as costas tão características. Além da parte Sul — de que falarei daqui a pouco — distinguem-se, nesta região, Valência (agora tão duramente destruída) e a Costa Brava, na qual se destaca Barcelona. Esta cidade, desenvolvimento, tem um traçado curioso, muito geométrico: parte das ruas são paralelas e perpendiculares umas às outras. Deste modo as suas «calles» e avenidas parecem-nos ainda mais grandiosas — algumas bastante largas e com 4 ou 5 quilómetros de comprimento. Uma das atracções de Barcelona é o Tibidabo, o monte dos arredores, que domina toda a cidade.

No caminho mais directo que vai de Barcelona à capital espanhola, encontramos Saragoça. A sua enorme catedral da Senhora del Pilar é de uma espiritualidade magnífica; a fé do seu povo, impressionante.

XI — Um aviso: Madrid é melhor do que se espera!

Finalmente chegámos a Madrid — que achei muito melhor do que esperava. Tem estupendas avenidas, que além de grandes são ainda bonitas, com grandes edifícios em estilo apalaçado. Todos nós conhecemos de nome a «calles» de Alcalá, a Avenida de José António. O «Retiro» é um jardim encantador (de enormes dimensões), cheio de árvores, relva e flores, com um lago delicioso dominado pelo monumento a Afonso XII.

Na Plaza del Oriente encontra-se o grandioso Palácio Real (é natural que volte ao serviço dentro em breve).

Uma das coisas que mais apreciámos foi o Museu do Prado. É soberbo, com as suas incalculáveis preciosidades, onde predominam, como é natural os quadros de pin-

tores espanhóis — Velazquez, Greco, Zurbaran, Murillo, Goya, Ribera.

XII — Sua Excelência O Melhor Do Mundo

A Espanha é de facto bonita e possui artistas e sábios de projecção mundial. No entanto é pena que os Espanhóis tenham tantas «peneiras». Estão demasiado cheios de si. Tudo o que é deles tem forçosamente (ou forçadamente...) que ser superior.

Cervantes é o melhor escritor do Mundo (e «Dom Quixote» o livro mais bem escrito); Velazquez é o maior pintor; e o seu quadro «As Meninas» é o mais célebre em toda a parte. Enfim! É esta a sua maneira de ser... No fundo, porém, são muito simpáticos.

XIII — Começa aqui um outro continente...

Passemos à Andaluzia. Aqui tudo é mais ardente — o clima, o Céu, o mar e o temperamento dos habitantes. Dá ideia de que se «vive» mais intensamente sob este Céu sem nuvens.

Sevilha é uma cidade adorável, muito característica, de ruas estreitas e pequenos edifícios (exceptuando os seus hotéis de luxo, como o «Maria Cristina» e o «Afonso XIII»). Como em toda a Andaluzia, nota-se aqui a influência árabe, sobretudo nos monumentos, o Alcazar, por exemplo, a Giralda, bela torre onde se avista uma paisagem linda. As casas têm as janelas protegidas por grades de ferro forjado com adornos caprichosos; no interior, os típicos pátios com arcades, azulejos, repuxos (e flores, claro). Por toda a parte, nas janelas, nas ruas, dentro de casa — flores, sardinheiras e cravos vermelhos. O Bairro de Santa Cruz parece mesmo um jardim!

Também o parque Maria Luisa tem o seu quê de oriental. Não admira que, neste mundo novo que subitamente se abre ante meus olhos, a memória não mais esqueça Sevilha, para mim a mais bela de todas as cidades andaluzas.

XIV — O itinerário árabe

Depois vem Córdoba com sua formosíssima mesquita. No centro da mesquita construiu-se a catedral cristã que tem um coro todo tra-

balhado e uma lindíssima cupula em oval. Foi pena, no entanto, esta construção intrusa, pois tira a perspectiva às colunas e arcadas da mesquita.

Granada! Ao fundo, a Sierra Nevada coberta de neve. A maior atracção da cidade é o Alhambra, que outrora serviu de residência aos reis mouros. É constituído por uma sucessão de palácios e jardins, num conjunto das mil e uma noites. As habitações, em estilo árabe, são grandiosas, todas profusamente trabalhadas. Quem não ouviu falar, por exemplo, no Pátio dos Leões?

O Palácio Carlos V lembra, no interior, uma arena romana.

A noite assisti a um espectáculo nas «Cuevas», com danças e baillados ciganos. As cuevas são as habitações da maioria dos ciganos e têm a particularidade de serem talhadas na rocha.

Um pouco ao Sul de Granada, o Mediterrâneo, mais esplendoroso que nunca. Fui seguindo sempre para baixo, ao longo da costa. A paisagem é diferente, tropical. Avistamos finalmente Gibraltar, rodeado de neblina, como convém a um território britânico...

Ao pé, Tarifa, a ponta mais ao Sul da Europa, donde já se distingue perfeitamente o Norte de África.

Vem agora a costa atlântica, em que predominam uns tons mais verdes. Cádiz, uma praia concorrida e barulhenta.

E deixei a Andaluzia e o seu Céu tão azul e tão puro.

(Amigo n.º 211)
MARIA HELENA DUARTE
TAVARES (17 anos)

Volta a Portugal em literatura

SETUBAL-EVORA

...E Setubal ficou para trás. Vámos a caminho de Évora, através de uma paisagem que, nesta altura do ano, sem a mancha das searas imensas, é saudosa e triste.

Foi em Évora que, em 1895, nasceu uma poetisa de rara sensibilidade. Muitos dos sonetos que escreveu (o soneto foi a modalidade poética que quase exclusivamente cultivou) são autênticas obras-primas do género. Um profundo amor a vinculava às pessoas, às coisas, à terra onde nascera, o seu Alentejo:

Ó minha terra na planície rasa
branca de sol, de cal e de luar,
minha terra que nunca viste o mar,
onde tenho o meu pão e a minha casa...

Morreu nova, apenas com trinta e cinco anos...

DE QUEM SE TRATA?

As respostas devem estar na redacção até 14 de Janeiro.

As coisas são relativas, amigo!

(Continuação da 1.ª página)

ve sempre na posse da minha família!

A discussão voltou a acender-se e enquanto ardia a bom arder Matias lanceou os olhos pela mesa. Estranhas coisas lhe estavam a suceder naquele dia... Sim: a esmagadora maioria dos deuses assistia á disputa com sorrisos de ironia e de dó.

—O' senhores, intervenham! — implorou Matias.

—Nós? — inquiriu o deus de ca-beleira e barba frisadas.

—Sim, vós! Pois com quem estou a falar?

—O' rapazinho, decerto enganaste. Nós somos deuses reformados, naturais da Grécia, do Egipto, de Roma, do Walhala... Já não podemos de andagoes temporais. Mas podes crer que começo a sentir... Olha nem sei o que é... Meus Senhores, com licença.

Jupiter, porque era ele, levantou-se e, melancolicamente, foi-se alongando da mesa. Matias acompanhou-o, submisso. Jupiter tinha rugas negras a perturbar-lhe a fronte de eterna juventude. Abanava a cabeça. Entre eles e a mesa cada

vez mais se espreguiçava a distância. A mesa já só era uma presunção escura, lá ao longe. Mas o ruído da controvérsia parecia não largar os ouvidos de Matias e de Jupiter.

—Basta! — impos este e a atoar-da escou-se como por encanto.

O deus sentou-se numa côdea mais espessa de nuvem. Limpou, da frente, cristalinas pérolas de angustia. Olhou em roda. Havia ali, á mão de semear, um lanço de nuvens mais poidas, que deixavam antever uma paisagem distante e formosa. Jupiter arredou-as. Lá em baixo, pequenos, mas nítidos, moviam-se os homens. Labutavam. Vinham tempestades e guerras e epidemias e os homens persistiam em transformar os escombros em obras mais belas, cada vez mais belas. Mais forte que o sopro de insânia que por vezes varria o planeta, era o sonho de paz, de amor e de beleza que animava os homens. E Jupiter sorriu. Que sorriso tão belo! Depois olhou Matias. Olhou-o fundo, bem no fundo dos olhos. E disse:

—Ah! Matias! Matias! quanto mais conheço os deuses mais gosto dos homens!

NOTAS DE LEITURA — (III)

Obras completas de António José da Silva — (1.º vol.)

Quando se iniciaram estas Notas de Leitura — e a propósito de Teixeira Gomes (D. L. J. N.º 34) — chamei a vossa atenção para a existência de muitos «mortos escusados», «falsos mortos» ou «mortos á força» por essas Histórias da Literatura (sobretudo, e para nosso mal, na portuguesa). Pensando bem, qual o significado profundo deste facto? Por que estagnam no esquecimento tantos escritores cuja obra merece, sem dúvida, o designativo de clássica (entende-se por «obra clássica» a que ultrapassa as «pequenas modas» da época em que nasceu e resiste, por isso mesmo, ao tempo)? Pelo certo a mensagem que transmitem não basta para as fazer lembrar; é preciso haver quem as faça lembrar ou, melhor, quem as queira fazer lembrar...

Como sabem, na História da Humanidade há períodos de apogeu, de optimismo, de crença no progresso, no espírito crítico e na capacidade do homem, assim como há períodos em que todos estes valores se negam, em que se valoriza o pessimismo, a descrença no homem como fonte de progresso, de amor, de beleza, de tolerância. As obras clássicas, que devem a sua perenidade ao primeiro grupo de valores atrás citados — encontram-se muitas vezes prejudicadas nos períodos de crise em que contra elas se ergue, digamos, uma «conspiração do silêncio». As vezes esta conspiração perdura, o escritor mergulha fundo no esquecimento, este esquecimento torna-se até uma tradição: e durante gerações não se fala nele, a sua obra estagnou em primeiras ou segundas ou terceiras edições velhas de séculos (ou de bastas dezenas de anos), muito tristemente encasacadas na sua encarnação de carneira, no cemitério das bibliotecas publicas... Só um ou outro curioso ou erudito lhes perturba a hibernação forçada. Um dia, finalmente, surge um editor que, ousadamente, o traz ao convívio humano; preenche-se um fosso entre o passado e o presente: e os homens do presente enriquecem com novos elementos a sua cultura.

Assim sucedeu com António José da Silva (1705-1739), por desgraça sua mais conhecido pela alcunha de «Judeu». Os jovens de hoje, tal como aconteceu com os do meu tempo, apenas o conheceram por breve citação no necrológio das Histórias da Literatura. Desde 1792 que se não fazia em Portugal uma edição mais ou menos completa das Obras de António José da Silva! Segundo o professor José Pereira Tavares «as nossas bibliotecas são muito pobres em edições do Teatro de António José da Silva». Já calculam, pois, a importância que assume para a nossa cultura a reedição das suas Obras Completas.

Assim sucedeu com António José da Silva (1705-1739), por desgraça sua mais conhecido pela alcunha de «Judeu». Os jovens de hoje, tal como aconteceu com os do meu tempo, apenas o conheceram por breve citação no necrológio das Histórias da Literatura. Desde 1792 que se não fazia em Portugal uma edição mais ou menos completa das Obras de António José da Silva! Segundo o professor José Pereira Tavares «as nossas bibliotecas são muito pobres em edições do Teatro de António José da Silva». Já calculam, pois, a importância que assume para a nossa cultura a reedição das suas Obras Completas.

(em 4 volumes), devida á benemérita iniciativa dos editores Sá da Costa e incluída na sua grande Collecção de Clássicos.

Assim como foi obrigado a deixar prematuramente este Mundo num auto de fé (apenas tinha 34 anos), assim também o «Judeu» foi obrigado a transigir com muitas das «pequenas modas» do seu tempo. Estas transigências obrigatórias representam, como já pensaram, a parte perecível da sua obra. Para além delas, porém, permaneceu um saudável espírito crítico, uma graça muito natural e popular, uma viva fantasia criadora que se manifesta mesmo nos entrecos não originais de que se serviu (como é o caso do D. Quixote), a alta qualidade teatral do diálogo, onde a linguagem do povo e a linguagem culta se casam harmoniosamente.

Outro aspecto convida a destacar no Teatro de António José da Silva: o talento com que realizou obra verdadeiramente nacional, fundindo num todo vivo as experiências do teatro espanhol de capa e espada, do teatro francês clássico, da ópera italiana e a velha tradição de comédia popular iniciada por Gil Vicente e repetida no «Fidalgo Aprendiz», de Francisco Manuel de Melo. Curioso este pormenor, não acham? — perseguido como «judeu», António José criou uma obra classicamente portuguesa...

Este 1.º vol., além do prefácio do professor José Pereira Tavares, contém as seguintes óperas do «Judeu»: «Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança» e a «Esopaida ou Vida de Esopo».

A. C. D.

(«OBRAS COMPLETAS DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA» — Collecção de CLASSICOS SÁ DA COSTA; Lisboa, 1957).

Entrevista da semana

(Continuação da 1.ª página)

e eu, neste momento, sinto-me envergonhado pelo que fiz ao pobre do peru... Há quarenta anos os jovens brincavam constantemente ás guerras. Os nossos pais estiveram na Guerra de Catorze e nós, inconscientes das atrocidades de uma batalha, brincávamos de manha á noite com espadas, punhais, espingardas e pistolas. Os filmes americanos desse tempo — com os seus heróis lendários: o Polo, o Duncan, a Maria Valcampos, etc. — eram igualmente ferozes em rixas e tiroteios. Em cada um de nós havia um heróizinho em potência. Não era isso o que eu queria que fossem os jovens de hoje. Heróis sim — mas pacíficos heróis do trabalho...

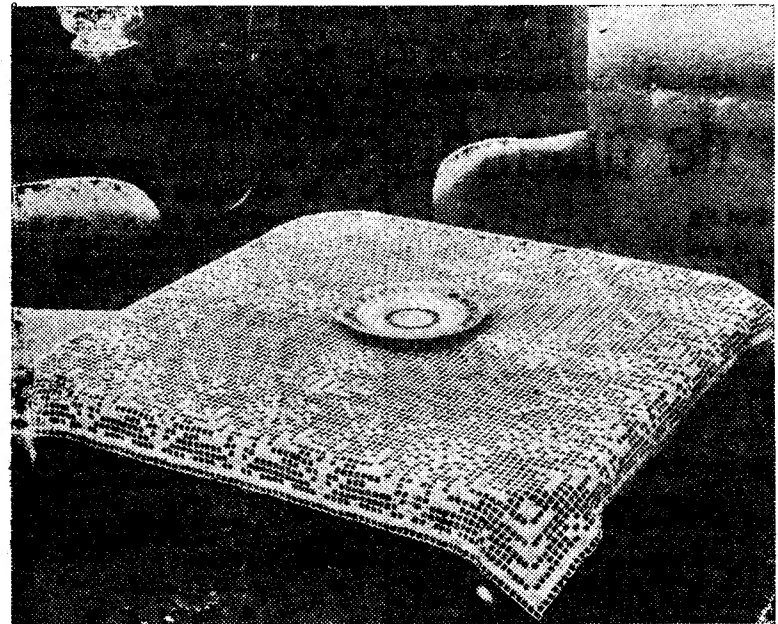
Notícias do Emílio

Como terão oportunidade de hoje verificar na lista dos prémios do Concurso «Portugal e a Juventude», há aí notícias de Emílio, aquele vosso Amigo que teve umas grossas aventuras com uns detectives e com três gémeos... Vocês não sabem o que se passa? Não! Então não percam tempo, que eu indico-vos o caminho que leva até ao Emílio. Chegados lá outras surpresas vos esperam. Pois bem — o Emílio tem residência na grande colecção da Livraria CLÁSSICA EDITORA, que se chama «OS MELHORES LIVROS PARA CRIANÇAS» (leituras para os jovens até aos 14 anos). Está lá o «Emílio e os Detectives», «O Emílio e os três gémeos» e estão muitos outros Amigos vossos (são já 21 os volumes publicados).

+Página da MULHER+

PERGUNTE para saber

MARIA ALICE — Para branquear a pedra mármore do lavadouro da cozinha, lave-a bem com potassa e água quente, empregando um piassaba. Deite-lhe depois lixívia pura e deixe ficar durante umas horas. Quanto às paredes laterais do lavadouro onde a lixívia não poderá manter-se constantemente em contacto com a pedra mármore, deve, de quando em quando, chapinhá-las com a lixívia



utilizando, para esse efeito, o piassaba.

SOLITA — Pode comer os seus pavões, se muito bem lhe apetece. A sua carne, segundo afirmam os que já a têm provado, é excelente, de sabor delicioso, muito nutritiva, muito digerível, muito branca. Tem ainda a vantagem de se conservar durante alguns dias sem apodrecer, quer esteja crua ou esteja cozinhada. Prepara-se tal como a carne de galinha ou de peru.

A. L. — Deve encher as almofadas com sumama ou com lã. A palha ou raspa de cortiça não se prestam para o efeito que pretende.

Os monogramas usam-se sempre na roupa de cama.

Ainda é tempo de revelar ternura e gentileza

Com a visita dos Reis Magos fecha-se a quadra do Natal. Até lá podemos ainda mandar cartões, desejando, aos parentes ou amigos, um Novo Ano feliz. Quem, por impossibilidade não tenha podido dar a sua reunião familiar pode fazê-lo ainda no dia de Reis, exibindo, na decoração da casa e nas iguarias do banquete, os mesmos motivos indicados para o Dia de Natal. A estrela que guiou os Reis Magos aparece, então, com mais insistência na forma dos legumes que guarnecem o peru e a «galantines», no feitiço dos bolos, nos enfeites da parede e da Árvore de Natal.

Vai muito a tempo, ainda, uma troca de lembranças que marque o afecto de quem as dá, e, para esse efeito, poder-se-á recorrer às sugestões que damos com a gravura que publicamos juntamente.

Há provas de carinho, de gratidão, ou de admiração que só podem exprimir-se nesta quadra do ano que vai desde o Natal ao Dia de Reis. Passada ela, perde-se a oportunidade e o que era natural passa a ser descabido.

Uma visita feita em Dia de Reis às pessoas amigas e, muito especialmente, àquelas que, por motivos de qualquer natureza, se encontraram fora do convívio social durante as festas do Natal, é sempre bem recebida. Prova que não se apagou, em nossos corações, essa chama brilhante que, tal como a estrela dos Reis Magos, guiará os nossos passos, pelo melhor caminho, nos campos da ternura.

E' a sapataria que completa sempre e bem a sua «toilette»

ORION

R. Garrett, 42 — Telf. 25943



A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS

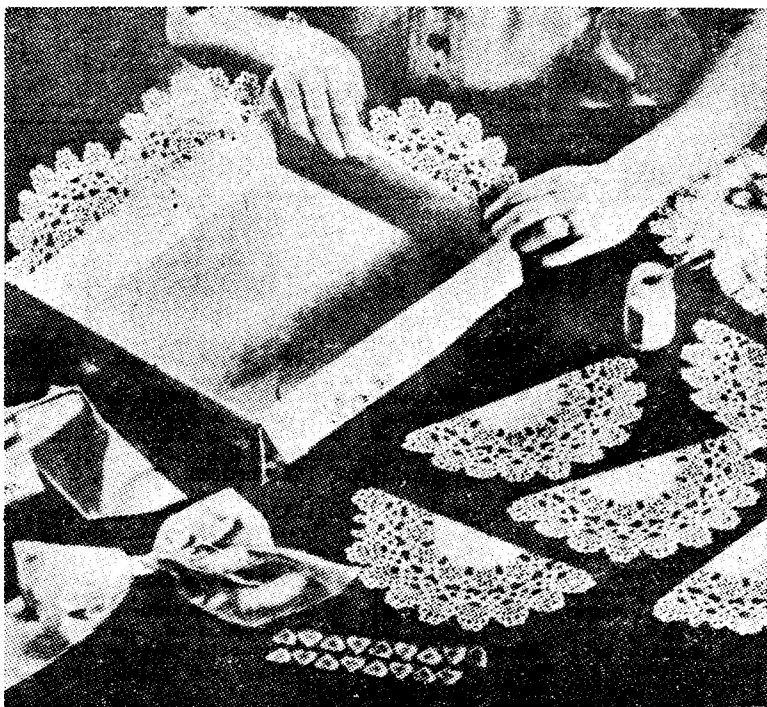
PESTANAS FRACAS, PEQUENAS OU POUCO ABUNDANTES?



TACIDIL

O mais eficaz revigorador das pestanas, moderno e prático tratamento pelo qual a mulher moderna consegue dar aos olhos um encanto novo, natural e fascinante. TACIDIL, faz crescer e facilita a ondulação das pestanas

Perfumaria Zinafia — R. Augusta, 180



Variedades

Segundo reza a história, foi na quinta da Penha Verde, doada por D. Manuel a D. João de Castro, depois do cerco de Diu, que se plantaram as primeiras laranjeiras de Portugal.

O oxigénio é um elemento indispensável à vida mas os animais colocados em atmosfera de oxigénio puro não resistem por muito tempo porque se lhes formam, nos pulmões, focos congestivos e edematosos. Uma coabitação conservada nessa atmosfera artificial dura, apenas, três a cinco dias; e um coelho, cinco a seis dias.

Por muito desesperadora que seja qualquer situação há sempre uma consolação em que nos podemos firmar: pensarmos que podia ainda ser pior.

Roberto pergunta a Zacarias: «quantos ovos comes em jejum?» «Dois» responde-lhe o amigo: «Isso não» — diz-lhe Zacarias — «quando comes o segundo ovo já não estás em jejum».

Despedem-se. Mais adiante Zacarias encontra um amigo e logo lhe pergunta «quantos ovos comes tu em jejum?» «Três», responde-lhe o amigo. «Que pena!» — diz Zacarias. — Se comeses dois, dizia-te uma piada com graça.

Até aos Reis tudo é Natal...

Se a leitora se atrasou na oferta dos seus presentes ou tem ainda retribuições a fazer, não se apoquente, porque estará ainda a tempo de ter uma gentileza com uma amiga ou pessoa a quem deva uma gentileza. Faça-o, porém, empregando bonitas embalagens que a leitora pode preparar por suas próprias mãos. Esses bonitos «nap-perons» de papel, cortados ao meio, um laço de celofane, um frasco de cola, uma tesoura e pincel bastarão para que a prenda a oferecer, por muito modesta que seja, dê um efeito agradável a quem a vai receber

Máquina de **TRIKOTAR BUSCH**

APENAS **115\$** MENSAL POR

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER «TRICOT»

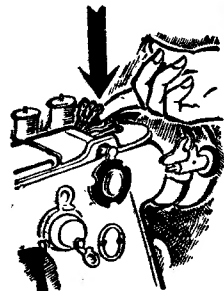
REPRESENTANTES:

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37

Telef.: 59181-2-3 - LISBOA

NOVA AUTOMATICA



SINGER* 319

COM ALAVANCAS, ALÉM DE DISCOS

Maravilhosa! Basta um simples toque numa alavanca e passa a fazer recortes, zigzague, cordão e uma infinita variedade de pontos ornamentais.

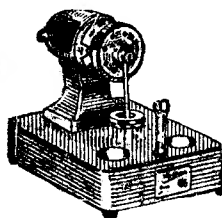
SUA CASA E' PEQUENA? Isso não a impedirá de ter máquina de costura de qualquer modelo, incluindo os automáticos.

SEJA MODERNA, compre uma SINGER portátil, facilmente transportável para campo ou praia.

A melhor organização de Fabrico e Venda de Máquinas de Costura em todo o Mundo.

* Marca Registrada de The Singer Manufacturing Co.

MAQUINAS DE APANHAR MALHAS NAS MEIAS «VAPEDRONE»



Aproveite a sensacional oportunidade de comprar o novo modelo da máquina

VAPEDRONE

compre a melhor, compre

VAPEDRONE

Curso completo com certificados e diploma. Demonstrações e vendas com grandes facilidades de pagamento

DESDE 87\$60 MENSAIS na

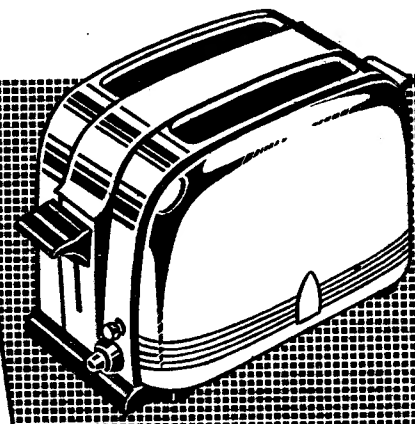
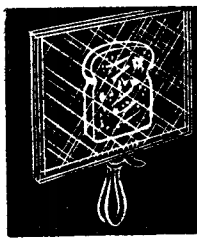
CASA VAPEDRONE

Rua da Vitória, 54-56 — Tel. 25632 ou MEIA DE VIDRO, Rua Augusta, 158 — LISBOA

No PORTO — MOREIRA & LEITE, LDA. — Rua Firmeza, 403

MORPHY-RICHARDS

TORRADEIRA AUTOMÁTICA



- Totalmente automática permite tostar o pão ao seu gosto pessoal.
- 2 torradas simultâneas desde um minuto.
- Cromada, numa linda apresentação, indispensável ao conjunto da sua mesa de pequeno almoço.

ESTABELECIMENTOS *Sida, LIMITADA*

RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TELEF. 33027

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

CAMPEONATO REGIONAL DE BASQUETEBOL

O Sporting é já campeão e o Tabacos está em segundo lugar

Depois de uma pausa recomeçou, ontem, no Pavilhão dos Desportos, que registou boa assistência, o Campeonato Regional de Basquetebol, com a efectivação da quarta ronda da segunda volta.

A competição que esteve interrompida em virtude da deslocação da equipa nacional a Casablanca, onde disputou o II Marrocos-Portugal e o primeiro encontro internacional da época, voltou assim à normalidade.

A jornada teve interesse, pois, registaram-se encontros emotivos, principalmente pela indecisão quanto ao resultado final, caso dos jogos Benfica-Belenenses e Atlético-Técnico. Além daqueles casos, a ronda deu-nos outros apontamentos dignos de anotação. O primeiro e principal é, sem dúvida, a conquista definitiva do título regional pelo conjunto do Sporting que, assim, a três jornadas do fim, pode ostentar a coroa de louros que lhe confere aquele triunfo; a segunda nota, que merece certamente uma citação especial pelo seu inéditismo é a posição do conjunto do Tabacos, o novo divisionário, na classificação geral — segundo lugar com um ponto de vantagem sobre o grupo do Restelo; e, por último, a dificuldade da equipa do Atlético, ainda que não incluindo o veterano Avelino do Carmo, homem experiente e que dá confiança à equipa, em vencer o aguerrido grupo do Técnico, que de ronda para ronda tem demonstrado querer firmar-se em melhor lugar, fugindo à ingrata posição de penúltimo classificado.

Os resultados finais obtidos pelas equipas verdadeiramente interessadas, e com possibilidades de ingressar no Campeonato Nacional (Tabacos, Belenenses, Benfica e Atlético) já que o Sporting está fora da luta, vieram dar mais acuidade e emoção à parte final do torneio. Há, portanto, quatro equipas em luta por três lugares. Todas elas estão apenas separadas entre si por um escasso ponto que não exprime, certamente, superioridade e sossego!

As próximas jornadas que se seguem, nas quais os clubes envolvidos nesta grande contenda têm tarefas difíceis, reúnem sabor e atractivo especiais! Uma regra matemática define fielmente a ideia: quem de quatro tira um ficam três...

Após esta jornada, a classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	P.
Sporting ...	11	11	—	—	33
Tabacos ...	11	7	—	4	25
Belenenses ...	11	6	1	4	24
Benfica ...	11	6	—	5	32
Atlético ...	11	5	1	5	22
Nacional ...	11	4	—	7	19
C. Ourique ...	11	2	—	9	15
Técnico ...	11	2	—	9	15

Relanceando o olhar sob a tabela e tendo em consideração os resultados da ronda verifica-se que, do grupo da vanguarda, apenas perdeu o Belenenses, e que a posição dos grupos da cauda não se modificou em relação à última ronda.

Técnico, 44-Atlético, 45

No primeiro jogo da noite o Atlético ia comprometendo a sua posição, pois apenas conseguiu ganhar a partida nos derradeiros momentos.

O encontro foi disputado com equilíbrio: 22-20 ao intervalo a favor do vencedor. Nos três minutos finais o marcador acusava 41-38 para os Alcantarenses.

A primeira parte foi de melhor execução de jogo por parte do Técnico; no segundo tempo o Atlético impertigou-se, mas sem atingir bom nível.

Quando o marcador acusava 35-35, Sampaio de Andrade, do Atlético, foi desclassificado por ter alcançado 5 faltas pessoais. Este facto foi aproveitado pelo adversário para reagir e tentar modificar o «score». Mas o Atlético pôde responder ao ataque, aliás com enorme dificuldade para acabar por

vencer por um ponto de diferença.

ALINHARAM E MARCARAM: TÉCNICO — Vicente Costa, 5; Mourão, 5; Pimentel, 9; Abreu Rocha, 14; Cardoso, 9; Mês, 2 e José Rocha.

ATLÉTICO — Morga, 7; Martins, 12; Orlando, 13; Sampaio de Andrade, 7; Manuel Costa, 6 e Matias.

Benfica, 71-Belenenses, 63

A segunda partida da jornada, Benfica-Belenenses, proporcionou bom espectáculo, principalmente na primeira parte e no começo da segunda.

Os «encarnados» que, ao intervalo, já ganhavam por 33-20, atingiram os três minutos finais com o marcador em 65-58, marca que lhe dava margem para sossegar...

Tudo o primeiro tempo foi de iniciativa benfiquista que com boa distancia de encestamento e em noite de boa «mão» desbaratou o adversário. Este, ainda por cima, não acertou no sistema a utilizar, pois claudicou tanto na defesa como no ataque.

Na segunda parte, com um começo fulgurante e boa discussão de tabelas por parte dos «encarnados», o marcador funcionou em bom ritmo para os vencedores. Todavia, à medida que o tempo decorria, o Benfica, descansando sobre o resultado conquistado (20 pontos de vantagem), deixou-se aproximar assustadoramente, ao ponto do marcador sofrer forte alteração e a vitória dos «encarnados» se tornar, afinal, difícil.

Se não fora a actuação do Benfica na defesa a zona ser perfeita a fechar a entrada do adversário, aqueles teriam certamente perdido a partida.

ALINHARAM E MARCARAM: BENFICA — Bernardo Leite, 21; Campos, 8; Boavida, 14; Pires, 8; Peixoto, 10 e Amorim.

BELICENSES — França, 27; Brito, 11; Delgado, 4; Fernandes, 12; Wilson, 4; Pinheiro, 2; Pinto, 3 e Almeida.

Tabacos, 64-Nacional, 39

No terceiro encontro, o Tabacos venceu bem o Nacional após um primeiro tempo renhido e equilibrado, com 26-23 para o vencedor.

Na segunda parte, o novo divisionário depois de ter sido «expoliado» do seu jogador José Alberto, que recebeu ordem de expulsão por parte de um árbitro, acção que nos pareceu explosiva, pôde com a sua habitual vivacidade e energia física ganhar jus ao triunfo. Encestaram melhor e delinearam sobretudo, jogadas mais claras e precisas.

ALINHARAM E MARCARAM: TABACOS — José Alberto, 3; Carvalho, 14; Brito, 11; Pereira, 20; Amaral, 14; e Moura, 2.

NACIONAL — Claudino, 4; Mesquita, 5; Morais, 5; Domingos, 12; F. Ferreira (desclassificado), Esteves, 9 e Jesus, 4.

Sporting, 80-C. A. C. O., 36

Finalmente, o quarto e último encontro da ronda entre o Sporting e o Campo de Ourique, ganhou a vontade pelo campeão regional que jogou em ritmo de treino, sem forçar, encerrou uma jornada agradável.

No primeiro tempo os «leões» venciam já por 39-20 com belas jogadas de Abílio, Garranha e Herminio Barreto. A segunda parte foi uma confirmação da primeira. Todavia, a diferença no «score» indicava a boa «mão» dos jogadores leoninos.

ALINHARAM E MARCARAM: SPORTING — Vaz, 2; Abílio, 23; Feu, 10; Garranha, 22; Barreto, 7; Hilário, 10 e Martins, 6.

C. A. C. O. — Luís Santos, 6; João Portela, 6; Arnaldo, 4; Aires, 14; Osório, 2; Julio Pereira, 4; Coelho e Álvaro.

JOSÉ BATALHA

O «Diário de Lisboa» vende-se na Covilhã na Tabacaria Hermínia, de João E. Silva, Ld. — Praça do Município, 7 (ao lado do Café Montalto).

Os velejadores da Brigada Naval confraternizam

Amanhã, de manhã, no posto náutico de Belém, os velejadores da Associação Desportiva da Brigada Naval reúnem-se num almoço de confraternização durante o qual prestarão homenagens ao director da secção de vela da Brigada Naval, sr. Alfredo Soares de Oliveira. Aquele dirigente desportivo será testemunhado o grande apreço pelas suas qualidades de camaradagem e amizade e pelo seu dedicado e entusiástico esforço pela propaganda e desenvolvimento da modalidade, quer em face das organizações levadas a efeito pela B. N., quer colaborando no plano geral do desporto da vela.

Várias provas de amanhã

(Continuação da 13.ª página)

nacional para a Alegria no Trabalho, da 1.ª e 2.ª Divisões, prossegue amanhã com os seguintes encontros:

1.ª Divisão — B. Boa Vista-Oficinas de S. José, em Belém, às 13 h.; S. C. Guérin-F. Cimentos Tejo e S. C. Cervejas-Companhia Carris, ambos na Picheleira (Telefones), às 9 e 11 horas, respectivamente; F. L. Sacavém-F. C. Regina, em Sacavém, às 10 e 15 h.

2.ª Divisão — C. N. Navegação-F. C. Regina e Casino do Estoril-T. A. P., em Belém, às 9 e às 11 h., respectivamente; Companhia Carris-Ar Lido-Banco Lisboa & Açores-Monteiro Geral, ambos na Picheleira (Telefones), respectivamente, às 13 e 15 h.; C. S. P. Comércio-Standard Elétrica e C. N. Electricidade-Amadeu Gaudêncio, no Estádio Nacional (treinos), às 9 e 11 horas, respectivamente.

FUTEBOL (A. F. L.)

A Associação de Futebol de Lisboa voltou a preparar um vasto programa, fazendo disputar amanhã nada menos de 40 encontros, respeitantes a seis das sete provas que tem em curso presentemente. Eis os desafios marcados:

Campeonato distrital da 1.ª Divisão — Sacavenense-Sintrense, em Sacavém; Alhandra-Casa Pia, em Alhandra; Operário-Futebol Benfica, em Chelas; Palmense-Alverca, em Palma — todos às 13 e 15 horas, respectivamente, em «reservas» e «honras»; S. L. Olivais-Vilafranquense, nos Olivais, às 13 e 30 e 15 e 30, respectivamente, em «reservas» e «honras».

Campeonato distrital da 2.ª Divisão — Vitória-Castelo, na Picheleira, às 11 e 30; Povoense-Odivelas, em Póvoa; Desportivo dos Olivais-Santa Iria, em Moscavide; Amadora-Fanhões, na Amadora; Cascalheira-Amoreiras, no campo «Pina Manique» (treinos) — todos às 15 horas.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A — Loures-Pinheiro de Loures, em Loures; Malveira-Bucelense, em Malveira; Vialonga-Caneças, em Vialonga todos às 15 e 30 h. Série B — Cacem-Aguilva, no Cacem; Queluz-Lourel, em Queluz; 1.ª de Dezembro-Mucifalense, em Sintra; Vila Verde-Belas, em Vila Verde — todos às 15 e 30. Série C — 1.ª Charneca-Camarate, na Charneca; Carcavelos-Carcavelos, em Carcavelos; Unidos de Algés-Oeiras, em Algés; Linda-a-Velha-Bom Sucesso, no campo de treinos do Estádio Nacional — todos às 15 e 30 h.

Campeonato de juniores — 1.ª Divisão — Série A — Alhandra-Sporting, em Alhandra; Benfica-Belenenses, no Estádio da Luz — ambos às 10 e 30 horas. Série B — Arroios-Atlético, na Picheleira, às 10 h.; S. L. Olivais-Oriental, nos Olivais, às 10 e 30 horas.

Campeonato de juniores — 2.ª Divisão — Série A — Linda-a-Velha-Sporting, no campo «Pina Manique» (treinos), às 10 e 30; Operário-U. de Algés e Mirandense-Carcavelos — ambos em Chelas, respectivamente, às 9 e 15 e 10 e 45 horas. Série B — Amoreiras-Santa Catarina, em Palma B, às 9 h.; Queluz-Futebol Benfica, em Queluz; E. Amadora-Sintrense, na Amadora — ambos às 10 e 30 h. Série C — Alverca-Castanheira, em Alverca, às 9 h.; Charneca-U. Vilafranquense, na Charneca, às 10 e 30 horas.

AUTOMOBILISMO

Contém muitas inovações o novo regulamento deste ano para o campeonato nacional de condutores

A Comissão Desportiva do Automóvel Clube de Portugal tem pronto o regulamento do Campeonato Nacional de Condutores, que contém algumas inovações interessantes. Assim, ao numero de pontos obtido por cada concorrente em cada prova, calculado pela mesma fórmula do campeonato anterior, acrescenta-se uma pontuação pela classificação geral na mesma prova. O primeiro lugar da classificação geral representa 0,50 pontos, o segundo 0,40, o terceiro 0,35 até o 15.º lugares a que corresponde 0,01 pontos.

Outra inovação consiste na disputa do título de campeão entre os clubes colaboradores do A. C. P. na realização do campeonato que são o 100 a Hora, Académico F. C.,

F. C. do Porto, Arte e Sport, Clube de Futebol «Os Belenenses», Estrela e Vigorosa Sport, Sport Clube do Porto, Sporting Clube de Portugal e Sport Lisboa e Benfica.

Cada um destes nove clubes pode ser representado por concorrentes formando equipa. Em cada prova, somar-se-ão os pontos dos três melhores classificados dentro de cada equipa, estabelecendo-se assim uma classificação especial, por equipas dos clubes. No fim do campeonato somar-se-ão as pontuações de cada equipa nas provas em que melhor se tiverem classificado (no máximo de seis) apurando-se assim o clube campeão em 1958, para o qual é instituída uma taça.

O regulamento do campeonato vai ser em breve publicado, estando apenas pendente de resolução da Federação Internacional do Automóvel, relativa ao calendário de provas em 1958.

Um lubrificante que resiste às radiações atómicas

Os laboratórios da Shell em Martinez, Califórnia, conseguiram preparar uma massa lubrificante que resiste às radiações atómicas e se encontra já à venda. A fim de se poder verificar o grau de resistência dessa nova massa lubrificante, que se destina a ser empregada nos maquinismos de geradoras nucleares, foi a mesma bombardeada, no Centro de Pesquisas daquela Organização, em Emeryville, Califórnia, por uma das mais poderosas fontes radioactivas — o acelerador electrónico Van de Graaf que possui uma potência de três milhões de «volts». Os resultados foram inteiramente coroados de êxito.

XADREZ

Cardoso, célebre filipino, continua a ganhar campeonatos...

MANILA, 4 — O campeão de xadrez filipino, Rodolfo Cardoso, grande jogador internacional, ganhou brilhantemente o torneio de Manila sem perder uma única partida.

Cardoso que causou sensação, há dois anos, no campeonato do Mundo, de Moscovo, é actualmente o campeão de xadrez da Ásia. — (F. Presse).

HOJE, À NOITE

BADMINTON

O 2.º Campeonato regional de Lisboa, por equipas, prossegue hoje, à noite, com os encontros relativos à terceira jornada da 2.ª volta. Estão marcados os três seguintes encontros:

Triângulo Vermelho c. S. L. Benfica, em S. Bento (T. V. P.); Internacional c. Lisboa Ginásio e Direito c. Lusó F. C. — ambos no ginásio da Escola «Nuno Gonçalves» e todos a partir das 21 horas.

DESPORTO CORPORATIVO

O Grupo Desportivo da Companhia de Seguros «Comércio e Indústria» encerra hoje o ciclo das comemorações do seu 10.º aniversário, com um jantar de confraternização, no fim do qual será feita a distribuição dos prémios conquistados por atletas daquele C. A. T. A festa celebra-se na cantina do pessoal da «Comércio e Indústria».

XADREZ

Na delegação do Belenenses, a partir das 21 horas, disputam-se os últimos encontros do campeonato regional da 3.ª categoria.

— No Palácio da Independência principia, às 21 horas, o campeonato da Mocidade Portuguesa.

SECÇÃO DE DESEMPANAGEM DE AUTOMÓVEIS

Todos os dias até às 8 horas incluindo domingos

AJUDAUTO, L. DA

R. Damião de Goes, 18-B a 18-E a Algés — T. 610051

Homenagem em Almada a um funcionário

ALMADA, 4 — A seu pedido, deixou o cargo de chefe dos serviços administrativos dos Serviços Municipalizados da Camara deste concelho, o sr. Agostinho da Silva Santos, que durante sete anos ali prestou serviços devotadamente. A sua actividade foi sempre de grande aplicação, o mesmo sucedendo durante os dez anos em que trabalhou como chefe da secretaria da Misericórdia de Almada, lugar que abandonou para ingressar nos quadros municipais.

Entretanto, tem dado a sua colaboração à Ala da Mocidade Portuguesa, de que foi adjunto; à Junta de Freguesia de Almada, de que é secretário há 10 anos; à Cantina Escolar de Almada, de cuja direcção faz parte e ainda a outros organismos de carácter oficial. Os funcionários dos referidos serviços assinalaram a sua saída, prestando-lhe homenagem, na sua residência.